



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/ UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES/ CCTA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE
NACIONAL – PROF-ARTES/ UFPB**

GEÓSTENYS DE MELO BARBOSA

**A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO
METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM – UM MANUAL
PARA O/ A PROFESSOR/ A**

**JOÃO PESSOA – PB
2023**

GEÓSTENYS DE MELO BARBOSA

A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO
METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM – UM MANUAL
PARA O/A PROFESSOR/A

Dissertação apresentada ao Programa Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional (PROF-ARTES) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández

Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

JOÃO PESSOA - PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

B238o Barbosa, Geóstenys de Melo.

A obra o romance do pavão misterioso como metodologia de ensino e aprendizagem - um manual para o/a professor/a / Geóstenys de Melo Barbosa. - João Pessoa, 2023.

143 f. : il.

Orientação: Márcia Maria Strazzacappa Hernández.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura de cordel. 2. Artes visuais. 3. Metodologia de ensino e aprendizagem. I. Hernández, Márcia Maria Strazzacappa. II. Título.

UFPB/BC

CDU 087.6(043)



Universidade Federal da Paraíba
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE
NACIONAL

ATA Nº 9

Aos onze dias do mês de abril do ano de dois mil e três, às 10 horas, por videoconferência, instalou-se a banca examinadora de dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) GEÓSTENYS DE MELO BARBOSA. A banca examinadora foi composta pelos professores Dra. MARGARIDA DO ESPÍRITO SANTO CUNHA GORDO, UFPA, examinador externo à instituição, Dr. MARCELO FARIAS COUTINHO, UFPB, examinador interno, Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, UFPB, presidente. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do professor Dr. ARTHUR MARQUES DE ALMEIDA NETO, coordenador do Programa, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou a presidência dos trabalhos à professora Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, que de imediato solicitou a(o) candidato (a) que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM UM MANUAL PARA O/A PROFESSOR/A, marcando um tempo de 30 minutos para a apresentação. Concluída a exposição, a professora Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, presidente, passou a palavra à professora Dra. MARGARIDA DO ESPÍRITO SANTO CUNHA GORDO, para arguir o(a) candidato(a), e, em seguida, ao professor Dr. MARCELO FARIAS COUTINHO, para que fizesse o mesmo; após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento; tendo sido aprovado o candidato, conforme as normas vigentes na Universidade Federal da Paraíba. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo de 60 dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora, que se referem exclusivamente à formatação final do texto. O(A) candidato(a) não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARGARIDA DO ESPÍRITO SANTO CUNHA G
Data: 12/04/2023 12:52:23 (-030)
Verificação em: https://brasil.gov.br

Dra. MARGARIDA DO ESPÍRITO SANTO CUNHA GORDO, UFPA

Examinador Externo à Instituição

Dr. MARCELO FARIAS COUTINHO, UFPB

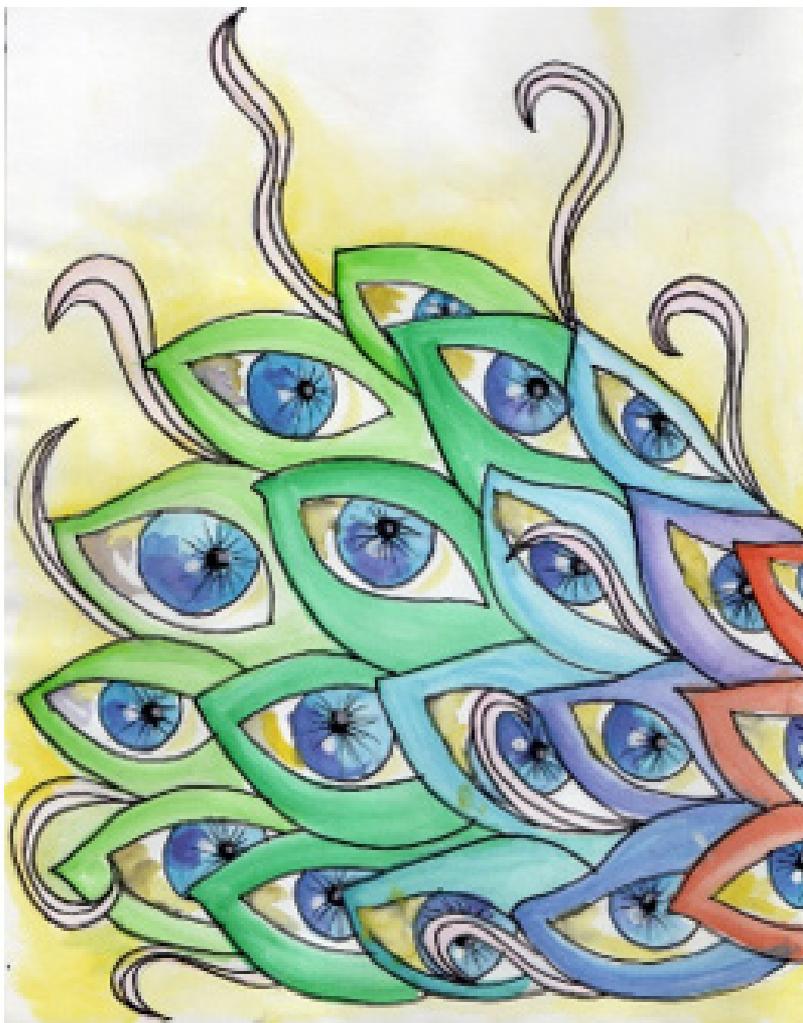
Documento assinado digitalmente
gov.br
MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ
Data: 12/04/2023 13:35:13 (-030)
Verificação em: https://brasil.gov.br

Dra. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ, UFPB

Documento assinado digitalmente
gov.br
GEÓSTENYS DE MELO BARBOSA
Data: 12/04/2023 10:17:19 (-030)
Verificação em: https://brasil.gov.br

GEÓSTENYS DE MELO BARBOSA

Mestrando



Dedico este trabalho às energias do Universo: a Deus, aos Orixás e a todos os anjos que me guardam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, da paciência, do discernimento e da sabedoria e por ter me mantido firme, mesmo nos momentos mais difíceis durante essa jornada.

A toda minha família: "Mainha" (Dona Georgina) pela paciência de sempre e pelo apoio total em todos os meus projetos; às minhas irmãs, Georgiana e Geórgia, que sempre estão juntas, inclusive atuando na educação; ao meu irmão Giácomo, que mesmo acompanhando à distância, sabe do meu esforço e da minha dedicação; aos meus sobrinhos; Giovana, Guilherme, Diuary e Raoní, pelas horas de silêncio que eu precisei para escrever essa Dissertação.

A minha gratidão a todas às minhas tias e tio, em especial à Tia Helena e Tia Paula (In memoriam), obrigado por serem uma forte inspiração na minha atuação profissional e a Tia Ângela (In memoriam), fã de todos os meus trabalhos.

Ao amigo Waldilson, que foi meu guia nos primeiros rascunhos do projeto para esse mestrado e à amiga Maria Gorete, que me orientou na elaboração do projeto e torceu junto comigo até o último instante.

Ao meu grupo de teatro "Cia, Mangaió", por ser um lugar de experimentos e vivências artísticas. Gratidão a Clodomárcio e à Eliane Vieira pelas trocas em cena e na vida.

Aos amigos de todas as horas, Regina, Leda, Riva, Paula e Popó, que sempre respeitaram meus momentos de ausência durante essa pós-graduação.

Agradeço muitíssimo à minha orientadora, Professora Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández, "Marcinha", que desde o início acreditou na minha pesquisa, me orientou, sonhou junto comigo, vibrou com as certezas e me deu suporte artístico e emocional para seguir em frente.

Também acho válido agradecer ao Professor Dr. Marcelo Farias Coutinho, que aceitou o convite para fazer parte da banca e me deu orientações preciosíssimas contribuindo com minha escrita.

À Professora Dra. Rosana Baptistella, que teve uma sensibilidade imprescindível com a minha pesquisa e reafirmou meu olhar especial para a cultura popular.

Quero agradecer também a sensibilidade e a escuta da Profa. Dra. Margarida do Espírito Santo Cunha Gordo, que foi fundamental nesse processo final.

Agradecer a todos da turma 2021.1, que foram parceiros desde o início dessa jornada, compartilhando saberes e aprendizados, ansiedades e certezas. Minha conquista é coletiva, divido com todos vocês.

A todos os professores do Programa PROFARTES/UFPB, meu muitíssimo obrigado. Cada disciplina cursada foi de uma experiência única e incrível. Obrigado por dividir comigo os conhecimentos e vivências no âmbito desta formação.

A todos os colegas professores da Escola Marlene Alves Mendes, de Pilõezinhos, à direção da escola, à coordenação pedagógica e a Fátima Fidélis que era a gestora no início desta pesquisa.

Agradeço especialmente a todos os alunos do 9^A e 9^B, do ano de 2022, da Escola Marlene Alves Mendes, que participaram deste projeto e dividiram comigo as descobertas, as experiências e suas histórias de vida.

E para arrematar toda minha gratidão, um salve ao cordel O Romance do Pavão Mysteriozo e um salve ao poeta José Camelo de Melo Resende.

RESUMO

A presente pesquisa investiga a literatura de cordel como suporte pedagógico nas aulas de Arte. Tem como objetivo principal a criação de um Manual de orientação para professores de Arte, a partir de um trabalho desenvolvido com os alunos das turmas de 9º ano do fundamental II, da escola pública Marlene Alves de Mendes, na cidade de Pilõesinhos/PB, usando o folheto de cordel O Romance do Pavão Misterioso, de autoria de José Camelo de Melo Rezende. Como demais objetivos, almejamos a fomentação da arte local, valorizando a cultura popular e reafirmando a importância desse gênero literário que é o folheto de cordel. Esse estudo/experiência desenvolveu-se pesquisando o gênero literário do Cordel, a técnica da xilogravura, os personagens imagéticos das histórias e o valor cultural do cordel. Trata-se de uma pesquisa participante, com abordagem qualitativa, analisando resultados a partir das oficinas de arte previstas nas suas ações de intervenção didático-pedagógicas. Esta investigação ainda ressalta a importância de trabalhar a cultura popular em sala de aula, usando as histórias presentes nos folhetos de cordel, possibilitando à/ao estudante, a reflexão crítica, a prática artística, e a leitura de mundo, mediante suas vivências, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem nas práticas artísticas em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Artes Visuais. Pavão Misterioso. Cultura Popular.

ABSTRACT

This research investigates the cordel literature as a pedagogical support in art classes. Its main objective is the creation of a Guidance Manual for Art teachers, based on work developed with students from the 9th grade classes of fundamental education II, from the public school Marlene Alves de Mendes, in the city of Pilõezinhos, in Paraíba, using the Cordel "O Romance do Pavão Misteriozo", by José Camelo de Melo Rezende. This work also aims to promote local art, valuing popular culture and reaffirming the importance of this literary genre that is the cordel brochures. This study/experience was developed by researching the cordel literature genre, the woodcut technique, the characters from the stories and the cultural value of the cordel. It is a participatory research, with a qualitative approach, that analyzed the results from the art workshops planned in its didactic-pedagogical intervention actions. This investigation also emphasizes the importance of working with popular culture in the classroom using the stories from the cordel brochures, enabling the students to critically reflect and artistically practice, allowing them to see and interpret the world through their experiences, contributing with the teaching and learning process in artistic practices in the classroom.

Keywords: Cordel Literature. Visual Arts. Pavão Misteriozo. Popular Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 LITERATURA DE CORDEL. OXI! O QUE É ISSO	30
1.1 DE REPENTE, UM REPENTE.....	36
1.2 XILOGRAVURA: A IMAGEM NO CORDEL.....	40
1.3 O FOLHETO: O ROMANCE DO PAVÃO MYSTERIOZO.....	47
1.3.1 OUTRAS CAPAS	53
1.3.2 ADAPTAÇÕES	54
1.4 JOSÉ CAMELO DE MELO RESENDE, O POETA	55
2 O PROCESSO	59
2.1 O FOLHETO DE CORDEL NA SALA DE AULA.....	60
2.2 REGISTRO DAS OFICINAS.....	62
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS ALCANÇADOS	110
3.1 DAS OFICINAS.....	112
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Capa do folheto O Romance do Pavão Mysteriozo.....	13
Imagem 02 - Registro do diário de bordo.....	14
Imagem 03 - Pavão: recorte e colagem.....	17
Imagem 04 - Entrada da cidade de Pilõezinhos - PB.....	18
Imagem 05 - Paróquia de São Sebastião, Pilõezinhos.....	19
Imagem 06- Oficinas de arte.....	22
Imagem 07- Exposições.....	23
Imagem 08- Cenários.....	23
Imagem 09- Figurinos.....	23
Imagem 10- Cia. Mangaio.....	24
Imagem 11 - Eu e meu avô, alagoa Grande, 1986.....	26
Imagem 12 - Folheto de cordel.....	27
Imagem 13 - Cia. Mangaio, 2003.....	27
Imagem 14 - Figurinos da quadrilha junina Danado de Bom - 2001.....	28
Imagem 15 - Xilogravuras produzidas no Laboratório de Artes Gráficas Oswaldo Goeldi 2013.....	28
Imagem 16- Obra "O mistério do pavão" 2020.....	29
Imagem 17 - Capa do Colportage Histoire De La Belle Heleine de Constantinople.....	32
Imagem 18 - Folheto - A donzela Teodora de Leandro Gomes de Barros.....	33
Imagem 19 - Romance - Pedrinho e Julinha de José Camelo.....	33
Imagem 20 - Oliveira de Panelas, Poeta, repentistas, escritor e cantador.....	33
Imagem 21 - Maria Soledade Leite, Poeta repentista.....	34
Imagem 22 - Leandro Gomes de Barros, pioneiro da Literatura de cordel.....	35
Imagem 23 - Capa do DVD do filme O Auto da Compadecida.....	36
Imagem 24 - Cartaz do filme Morte e Vida Severina.....	36
Imagem 25 - Cartaz do filme A Luneta do Tempo de Alceu Valença.....	36
Imagem 26 - O Mundo do Sertão, Iluminogravura de Ariano Suassuna.....	37
Imagem 27 - Registro do diário de bordo.....	37
Imagem 28 - Museu Casa da Xilogravura.....	40
Imagem 29 - Melancolia de Albrecht Dürer.....	40
Imagem 30 - Restes du Sépulcre des Scipions sur la voie Appienne.....	41
Imagem 31 - Deeply Hidden Love (Fukaku Shinobu Koi no original.....	41
Imagem 32 - Zebra, 1822, Ilustração de Thomas Bewick.....	42
Imagem 33 - The Gust of Wind, 1894, Félix Vallotton.....	42
Imagem 34 - Abandono, 1930, Oswaldo Goeldi.....	43
Imagem 35 - Figura Humana, Lasar Segall.....	43
Imagem 36 - Céu Estrelado, Xilogravura Colorida, J. Borges.....	44
Imagem 37 - Menina Selvagem I, Cordel contemporâneo.....	44
Imagem 38 - Mural, Derlon.....	44
Imagem 39 - Logomarca do enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro.....	45
Imagem 40 - Carro alegórico da escola de samba carioca Acadêmicos do Salgueiro.....	45
Imagem 41 - Cordel A chegada de Lampião no inferno.....	46
Imagens 42 - Decoração natalina, Praça central da cidade de Pilõezinhos.....	47
Imagem 50 - Folheto trabalhado durante o projeto.....	48
Imagem 51 - Desenho resultado de oficina.....	52

Imagens 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61- Folhetos extraídos do site Memórias da Poesia Popular.....	53
Imagem 62 - Livro O filho de Evangelista - Manoel Apolinário Pereira.....	54
Imagem 63 - Livro O Pavão Misterioso; cordel em quadrinhos.....	54
Imagem 64 - Versão infanto-juvenil - O Romance do Pavão Misterioso.....	54
Imagem 65 - Livro A Botija.....	54
Imagem 66 - José Camelo de Melo Resende.....	55
Imagens 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73 - Capas de folhetos - José Camelo.....	58
Imagem 74 - Registro de diário de bordo.....	59
Imagem 75 - Esquema da Proposta Triangular.....	60
Imagem 76 - Registro de diário de bordo.....	62
Imagem 77 - Baú do cordel.....	64
Imagem 78 - Alunos manuseando os folhetos de cordel.....	65
Imagem 79 - Alunos lendo os Folhetos de Cordel.....	65
Imagem 80 - Alunos desenhando após orientação do professor.....	66
Imagem 81 - Resultados dos desenhos- Oficina de Desenho.....	67
Imagem 82 - Resultados dos desenhos- Oficina de Desenho.....	68
Imagem 83 - Resultados dos desenhos de personagens do cordel.....	71
Imagem 84 - Resultados dos desenhos de personagens do cordel.....	71
Imagem 85 - Preparando a base para a Isogravura.....	74
Imagem 86 - Colocando tinta na base da gravura.....	74
Imagem 87 - Usando um rolinho para aplicar a tinta no isopor.....	75
Imagem 88 - Impressões das gravuras no papel.....	77
Imagem 89 - Matrizes em isopor.....	77
Imagem 90 - Exibindo slides.....	79
Imagem 91 - Produzindo os cartazes.....	80
Imagem 92 - Cartazes produzidos.....	81
Imagem 93 - Colando os cartazes lambe-lambe.....	82
Imagem 94 - Oficina de recorte e colagem.....	85
Imagem 95 - Personagens do folheto.....	85
Imagem 96 - Processo de pintura do mural.....	88
Imagem 97 - Processo de pintura do mural.....	89
Imagem 98 - Processo de pintura de mural.....	90
Imagem 99 - Resultado da pintura de mural.....	92
Imagem 100 - Resultado da pintura de mural.....	93
Imagem 101 - Criação coletiva de texto.....	96
Imagem 102 - Produção coletiva de texto.....	98
Imagem 103 - Escultura em papel.....	101
Imagem 104 - Processo de pintura da escultura.....	104
Imagem 105 - Escultura finalizada.....	105
Imagem 106 - Visita ao Memorial.....	107
Imagem 107 - Máquina de tipografia.....	107
Imagem 108 - Diário da pesquisa.....	108
Imagem 109 - Pintura externa do Memorial do cordel.....	109
Imagem 110 - Associação Ninho do Pavão.....	126
Imagem 111 - Produzindo a escultura.....	103
Imagem 112 - Produzindo a escultura.....	103
Imagem 113 - Produzindo a escultura.....	103
Imagem 114 - Produzindo a escultura.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ciclos temáticos.....	34
Quadro 2 - Oficina Desenho de Memória.....	63
Quadro 3 - Oficina de Pintura.....	69
Quadro 4 - Lista de personagens do folheto.....	70
Quadro 5 - Oficina de Gravura.....	72
Quadro 6 - Resultado da técnica de Gravura.....	75
Quadro 7 - Oficina de Recorte e Colagem.....	78
Quadro 8 - Oficina de Rasgo, Recorte e Colagem.....	83
Quadro 9 - Pintura de mural.....	86
Quadro 10 - Interferências durante a pintura do mural.....	90
Quadro 11 - Criação de texto de Cordel.....	94
Quadro 12 - Escultura com papel.....	100
Quadro 13 - Etapas de produção da escultural.....	102
Quadro 14 - Visita pedagógica.....	106
Quadro 15 - Respostas sobre as oficinas.....	112
Quadro 16 - Respostas sobre as oficinas.....	114

UM PAVÃO NA EDUCAÇÃO.

(Geóstenys Melo - Junho de 2022)

Meus senhores e minhas senhoras,
Peço licença pra passar,
É sobre cultura popular,
que iremos conversar.
Dos folhetos de cordel,
Muitas histórias vou contar.

Vou falar de um pavão,
Misterioso pra danado.
O bichinho alçou voo,
Lá pras bandas de um reinado.
Fui com ele sem demora,
Prestem atenção, chegou a hora.

De romance eu entendo,
Pois tenho um coração apaixonado.
Escreveu José Camelo,
Um amor inesperado.
Por Creuza, Evangelista se apaixonou,
Deixando o homem abilolado.

Foi na Grécia que João Batista soube,
Da moça mais bonita da região.
Decidiu levar pro irmão,
Um retrato que formaria uma paixão.
Foi um presente de grego,
Que deixou o irmão em gratidão.

Entra agora o pavão,
Misterioso e feito de lata.
Voava alto no céu,
Pois iria salvar aquela amada.
Da torre mais alta do castelo,
Raptou a moça amada.

Viveram felizes para sempre,
Como um conto de fadas.
Evangelista e a bela Creuza,
das histórias encantadas.
Formaram um casal feliz,
Por causa da foto eternizada.

E dessa história tiro proveito,
Para em sala de aula usar.
Nas oficinas de arte,
Várias técnicas vamos experimentar.
Buscando a aprendizagem,
Na cultura popular.

Da xilo, busco a gravura
Para a imagem eternizar.
Das palavras, tiro a leitura,
Para a história oralizar.
Do romance do pavão,
Fica muita gratidão.

Do rabo que parece um leque,
O pavão vai te encantar.
Do canto hipnotizante,
Vai mexer com seu semblante.
Do romance encantador,
Fica a história de amor.

INTRODUÇÃO

Em 2020, tomei posse no concurso público para o cargo de Professor de Artes do Ensino Fundamental II, da cidade de Pilõeszinhos/PB. Após a solenidade de posse, fui direto para a escola que seria meu novo local de trabalho, a Escola Marlene Alves Mendes. O ano letivo já tinha começado e na semana seguinte eu já iria assumir as turmas de Artes na referida escola.

Em conversa com a gestora da época, tentando me situar no novo ambiente e buscando as informações culturais da escola e do município, fui informado que José Camelo de Melo Rezende, o autor do cordel "O Romance do Pavão Misterioso" era natural de Pilõeszinhos. O folheto e a fama do autor já eram conhecidos por mim. O fato novo e que me surpreendeu foi saber a naturalidade desse cordelista e instigado pelas informações que recebi na escola, busquei por fotos, vídeos, artigos, textos e tudo que me desse mais informações sobre a cultura local.

A pesquisa intitulada A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM - UM MANUAL PARA O/A PROFESSOR/A se deu a partir dessa coleta iniciada por mim e, pensando na importância da valorização da cultura local, no resgate da tradição da literatu

Neste trabalho foram usadas as fontes: Xilosa e JMH Typewriter (e suas variantes), estas fontes não atendem as normas da ABNT, mas foram usadas por se tratar de um trabalho dentro da estética do cordel.

ra de Cordel e o reforço do pertencimento local, que propus este projeto de artes visuais, usando a herança popular local como suporte para esta pesquisa.

Sabemos que a Literatura de Cordel abarca os mais variados temas, indo de histórias engraçadas aos dramas históricos, passando por causos acontecidos ou circunstanciais, fatos reais e/ou imaginários que aguçam a curiosidade de um povo, sendo chamado também de jornal do povo. Por se tratar de uma leitura de fácil acesso, com personagens e histórias fantásticas, pode inspirar o trabalho em sala de aula e instigar estudantes a buscarem mais informações sobre o cordel, contribuindo também com a intensificação da atividade de leitura. Embora este gênero, atualmente, tenha desaparecido das feiras públicas nas cidades do interior

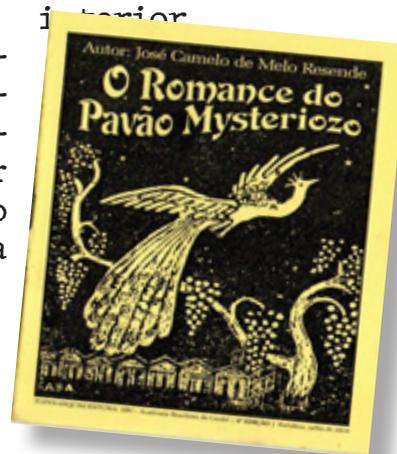


Imagem 01 - Capa do folheto O Romance do Pavão Misterioso.

Fonte: José Camelo de Melo Resende. Tupynanquim Editora/ ABC /4ª edição/ Fortaleza, julho de 2019. Adquirido em setembro de 2021.

Mas o cordel, felizmente, não morreu, ele ressurgiu forte, na última década do século XX, graças a uma nova geração que soube preservar a temática tradicional, ao mesmo tempo que, aceitando novos desafios, incorporou a poesia popular à literatura infantil e juvenil, levando-a para sala de aula.

(HAURÉLIO, 2013, p. 13)

A partir da constatação desse autor, percebi que o cordel seria uma excelente ferramenta didática a ser utilizada em sala de aula, para instigar o interesse dos/as alunos/as para além deste gênero literário. Nesse sentido, fiquei interessado em realizar uma pesquisa em que eu pudesse utilizar o cordel como objeto de estudo e a minha identificação com a linha de pesquisa - Processos de ensino, aprendizagem e criação em Artes - se deu pelo reconhecimento da sua relevância para um estudo específico na minha área de atuação, com a finalidade de aprender novas abordagens metodológicas na condução e aperfeiçoamento do processo de ensino e da aprendizagem.

Neste sentido, esta pesquisa-ação contribuiu de maneira significativa com o desenvolvimento das competências e habilidades dos/as estudantes, aproximando as linguagens artísticas ao processo de ensino, bem como contribuiu para desenvolver e atualizar novas metodologias e didáticas em sala de aula, haja vista que "compreendemos que qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho

com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento afetivo com a cultura popular" (PINHEIRO, 2001, p.80). Nessa perspectiva, para trabalhar com Cultura Popular, a partir da literatura de cordel foi necessário criar uma relação amorosa e de identificação entre estudante e o cordel, para que fosse compreendido o contexto do folheto trabalhado e para que percebessem o significado e a dimensão de sua importância.

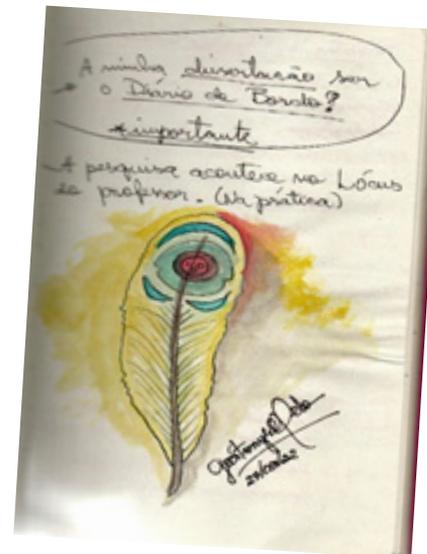


Imagem 02 - Registro do Diário de Bordo

Fonte: Arquivo Pessoal

Dito isso, a presente pesquisa teve como objetivo a criação de um Manual de orientação para professores de Arte, a partir de um trabalho artístico desenvolvido com os alunos das turmas de 9º ano do fundamental II, da escola pública Marlene Alves de Mendes, na cidade de Pilõezinhos/PB, usando o folheto de cordel O Romance do Pavão Mysteriozo, de autoria de José Camelo de Melo Rezende, que contribuiu também com a valorização da cultura popular e fortalecimento da identidade cultural local. O folheto de cordel entra na pesquisa como uma fonte de riqueza artística e de valorização dos artistas que trabalham com esse gênero literário, ressaltando e valorizando o autor José Camelo de Melo Rezende, pelo fato de ele ser um cidadão pilõezinhense, que teve sua produção literária nas décadas de 1920 e 1930. Neste aspecto, este estudo também realizou experiências com os/as estudantes da Escola Marlene Alves Mendes, a partir do cordel "O Romance do Pavão Mysteriozo", nas aulas de arte, no intuito de experimentar vivências artísticas com os/as estudantes e, com base nisto, fiz a opção de trabalhar no contra turno escolar para facilitar a execução das atividades, em função da disponibilidade de um tempo maior para cada atividade.

Nestes termos, o referido gênero literário como suporte desta pesquisa acadêmica surgiu com a ideia de proporcionar meios que facilitassem a percepção e a compreensão dos alunos para que eles pudessem revelar e po-

tencializar as suas habilidades e competências a partir do referido cordel, pelo fato do cordel ser uma leitura de fácil compreensão e acesso, uma vez que, comumente, contam histórias românticas e humoradas e, geralmente, os personagens retratam figuras de histórias reais, presentes no cotidiano das cidades interioranas.

Sendo assim, o folheto de cordel foi utilizado como objeto de estudo, ou seja, tornou-se o principal elemento para a construção desta investigação, representando o tema gerador deste estudo, uma vez que utilizei dos conhecimentos dos alunos e da sua própria realidade, ressaltando o que Freire (2011, p.136) destaca onde "Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis". Assim, no caso desta pesquisa, como resultado das oficinas, foram criados desenhos, pinturas, cartazes, pintura de mural, escultura em papel e criação de textos de cordel inspirados no folheto de cordel, como também, a partir da realidade e vivência dos estudantes, que serviram como base deste estudo, conforme será apresentado mais à frente.

A metodologia é baseada na pesquisa de ação participante e, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), "neste diapasão, o pesquisador quer saber como os atores sociais envolvidos no processo o percebem; como eles o interpretam, uma vez que o interesse maior está no

processo de construção e de produção artística dos alunos e na elaboração de um tipo de conhecimento bem como de exploração de pertencimento local". É também uma pesquisa de natureza descritiva, envolvendo a observação participativa, devido ao contato direto por parte do pesquisador com a situação investigada, uma vez que tem o ambiente como fonte de dados. Em conformidade, Brandão (1981, p. 56) afirma que "[...] as técnicas de participação constituem referências quase compulsórias para todo esforço que procure estimular a ciência popular, ou para se aprender com a sabedoria e a cultura popular".

Foi utilizado o estudo de campo devido a observação direta das atividades do grupo estudado - estudantes em processo integralização do ensino fundamental - para captar as explicações e interpretações que ocorreram durante as experiências vivenciadas desses indivíduos. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), "o pesquisador não é apenas um relator passivo e sim um agente ativo na construção do mundo". Triviños (1997) complementa essa ideia dizendo que através da observação participante, o pesquisador se insere ao grupo, interagindo com os sujeitos observados, buscando partilhar do seu cotidiano para entender o significado de determinadas situações para coletar os dados.

Ainda lançamos mão de uma abordagem

qualitativa, porque essa pesquisa "se preocupou com significados, motivações, criações, ou seja, atentamos para a subjetividade que é um dos aspectos da realidade que não podem ser quantificados", segundo Minayo (1994).

A pesquisa de campo foi feita na sala de aula durante as oficinas de arte, onde houve a observação para a coleta de dados, enfatizando os aspectos da dinâmica e as relações sociais, oportunizadas por meio dos experimentos de arte com o folheto de cordel. As oficinas foram executadas com 28 estudantes adolescentes do 9º ano (na faixa etária entre 13 a 17 anos, sendo 15 do gênero masculino e 13 do gênero feminino) de diferentes turmas do ensino fundamental da rede pública na cidade de Pilõezinhos, na Paraíba. Essa definição é importante para enfatizar a descrição dos acontecimentos e comportamentos, na interação entre os/as estudantes, tendo como foco a explicação e a compreensão das atividades coletivas e das relações sociais. Para a coleta de dados, ainda aplicamos um questionário com perguntas objetivas dirigidas aos estudantes e, também, utilizamos um diário de bordo para as anotações dos acontecimentos e registros fotográficos no decorrer das atividades.

Esse estudo também se utilizou de um caráter bibliográfico, pois buscou referências já praticadas por outros pesquisadores,

no estabelecimento de fio condutor praxeológico. Esse modelo justifica-se "uma vez que se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores [...]", nos termos de Gil (2008, p45).

Para compor o referencial teórico foram utilizados conceitos de autores ligados à Arte e Educação, como por exemplo Ana Mae Barbosa (2010), com sua conceituação sobre a Abordagem Triangular, que fez a mediação entre a prática artística, refletindo e contextualizando as atividades.

Outro autor que contribuiu para o embasamento teórico deste estudo foi Paulo Freire (2011), com alguns conceitos trazidos da Pedagogia do Oprimido, oportunizando a reflexão sobre o mundo em que os pesquisados estão inseridos. Também John Dewey (2010), com a ideia de que a arte como experiência perpassa por todo organismo humano - organizamos os conhecimentos adquiridos para colaborar na produção artística.

No que diz respeito ao estudo mais específico sobre a Literatura de Cordel, Ana Cristina Marinho (2012) e Hélder Pinheiro (2001) trazem orientações sobre o uso deste gênero no cotidiano escolar, como uma prática de atividades e experimentos possíveis. Assim também, Marco Haurélio (2013) também mostra possibilidades do uso do Cordel em sala de aula, acreditando na cultura popular como sinôni-

mo de resistência, identidade e didática para a prática artística.

Como resultado dessa pesquisa organizei um Manual de Orientação para professores/as de arte desenvolverem suas aulas envolvendo qualquer temática com a utilização de folhetos de Cordel. No caso desta pesquisa, utilizei exclusivamente o folheto "O Romance do Pavão Misterioso" nas oficinas propostas para o projeto. Este manual configura-se como uma ferramenta didático-pedagógica, disponível como fonte de informações de materiais e técnicas e que poderá contribuir na condução das aulas de artes. Esse material tem o intuito de favorecer uma aprendizagem significativa com o uso da linguagem popular e do universo folclórico presentes nos folhetos e do uso das imagens das xilogravuras.



Imagem 03 - Pavão: Recorte e colagem
Fonte: acervo pessoal

LÓCUS DA PESQUISA: SOBRE A CIDADE DE PILÕEZINHOS / PB

Vou falar dessa pequena cidade,
Que há poucos anos de mim já se faz parte.
O ano é o formoso 2020
Quando fui contratado como professor de
arte.
Dois anos se passaram em silêncio de pande-
mia,
Mas conectado, minh'alma estava com muita
alegria.

Vos apresento a pequena Pilõezinhos
Que tem grandes referências culturais.
A começar pelo cordelista José Camelo
Que escrevia ficções quase reais.
Ele inventou o danado do pavão de lata,
Num romance de histórias ancestrais.

Temos também o padroeiro da cidade,
O São Sebastião que fez milagres de verdade.
Salvou a população do surto de cólera
Graças às orações da irmandade.
E até hoje o santo é cultuado,
Em grandes festas na comunidade.

Pilõezinhos cidade de povos indígenas
Que habitou por aqui antes da colonização do
Brasil.
De Aratus, Cariris até os Potiguaras
Terra linda, de natureza sutil
Foi chamada de Vila de Vera Cruz
Terra fértil de homem varonil.



Imagem 04 - entrada da cidade de Pilõezinhos - PB
- 2022 (acervo pessoal)

Ao chegar nesta cidade todas as manhãs,
essa é a imagem que me recepciona, uma escultu-
ra, que me abençoa para mais uma jornada diária
da profissão que me escolheu como preceptor. É
uma escultura feita com ferro e cimento, que re-
presenta Frei Damião¹, um santo tão importante
para a região onde a cidade está inserida. Esta
escultura está ladeada de dois bancos também de
cimento e logo abaixo tem um letreiro feito com
a técnica de mosaico, com a frase: Bem-Vindos a
Pilõezinhos.

¹ Frei Damião de Bozzano nasceu na cidade de Bozzano, na Itália, em 05 de novembro de 1898 e faleceu em Recife, no dia 31 de maio de 1997. Foi um frade radicado no Brasil, com um vasto trabalho de "Santas Missões", na região Nordeste do Brasil, que eram uma espécie de cruzadas missionárias. Em 2004, na cidade de Guarabira, uma das cidades onde Frei Damião fez as cruza-
das, foi construído o Memorial Frei Damião, local de fé e devo-
ção de romeiros do Nordeste. Em 2019, foi considerado venerável pelo Papa Francisco.

Do lado esquerdo de quem chega na cidade, é possível ver uma capelinha datada do ano de 1915, que tem como Santo que rege a capela O Menino Jesus, ou Menino Deus, que vem reforçar as bênçãos que recebo todos os dias (Os moradores mais antigos e ainda parentes dos fundadores da capela, dizem que essa imagem do Menino Jesus chegou na cidade no ano de 1889).

Registros históricos da região da cidade de Guarabira, apontam que as terras onde está localizada a cidade de Pilõezinhos foi habitada pelas tribos indígenas Aratus e Cariris, por volta do ano de 1400, sendo habitada posteriormente pelos indígenas da tribo Potiguaras. A região é propícia para o cultivo de milho, feijão, mandioca, amendoim e cana de açúcar, o que tornou a região conhecida pela produção de aguardente.

Esta cidade foi batizada primeiramente com o nome de Vila de Vera Cruz e depois Vila de Santa Cruz. Quando foi descoberta uma pedra com pequenos pilões escavados, passou a ser chamada de Pilõezinhos. Acredita-se que esses pilões tenham em média 500 milhões de anos e tenham sido formados ainda na idade Pré-Cambriana Média, estando localizados próximos à zona urbana e são patrimônios do município (FERNANDES, 2010, p 04).

Por volta da metade do século XIX, a região sofreu com uma epidemia de cólera, que

ceifou metade da população. Como forma de reestruturar a região e o núcleo de residências, foram construídos uma capela e um cruzeiro de madeira sob a devoção do padroeiro São Sebastião, como pagamento de uma promessa, pelo livramento da morte por Cólera da outra parte da população (FERNANDES, 2010, p. 05). De 11 a 19 de janeiro acontece um novenário na cidade de Pilõezinhos, que já dura 166 anos de tradição e reforça o poder ancestral da região.



Imagem 05 - Paróquia de São Sebastião, Pilõezinhos.
Fonte: Facebook Paróquia São Sebastião.

Pilõezinhos foi distrito de Guarabira até o ano de 1963, quando foi municipalizada através do decreto estadual n° 3128, em 27 de dezembro de 1963. Quem nasce na cidade Pilõezinhos é chamado de Pilõezinhense. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística), a população de Pilõezinhos, em 2021, é de 4.937. Faz limites com as cidades de Pirpirituba, Cuitegi, Guarabira, Pilões e Borborema.

SOBRE A ESCOLA MARLENE ALVES MENDES

A Escola Municipal de Ensino Fundamental II Marlene Alves Mendes foi fundada no ano de 2012, construída na gestão do Prefeito Geraldo Mendes da Silva Júnior. Esta unidade de ensino atende alunos da zona urbana e zona rural. O espaço da Escola dispõe de oito salas de aula, uma sala de professores, um auditório, uma biblioteca, uma cozinha, uma secretaria, dois banheiros para os alunos (masculino e feminino) dois banheiros para os professores (masculino e feminino) uma área de convivência e, mais recentemente foi construída uma quadra de esportes. Está localizada na rua Severino Mendes, s/n°, no município de Pilõezinhos, mantida com recursos Municipais e Federais e dirigida atualmente por Josielton Venâncio da Silva, com coordenação geral da Secretaria Municipal de Educação, que tem como atual secretário o Sr. Amauri Mendes Filho.

O Fundamental II no município teve início em 1999, no Grupo Escolar Padre Geraldo

Pinto, localizado na Travessa Antônio Camelo de Melo, sendo transferido posteriormente para o prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marlene Alves Mendes. A escola oferece atualmente Ensino Fundamental II - séries finais - nos turnos manhã e tarde, com 12 turmas de 6° ao 9° ano, num total de 374 alunos, 238 no turno da manhã e 136 no turno da tarde.

Em janeiro de 2022, a escola deu início ao processo de ampliação e reforma que tinha previsão de conclusão em maio deste mesmo ano. Em função da reforma, a escola funcionou no prédio da Escola Padre Geraldo Pinto, localizado na Travessa Antônio Camelo de Melo, até a conclusão das obras. Nesta reforma e ampliação foi construída uma quadra poliesportiva, uma nova sala de aula e todo entorno da escola foi murado e recebeu uma guarita de segurança na entrada.

Quanto ao grau de instrução dos pais, temos um público alfabetizado e um percentual de analfabetos e semianalfabetos, o que dificulta o acompanhamento sistemático na aprendizagem dos filhos. A renda dos pais desses alunos, em média, não ultrapassa um salário mínimo, alguns não possuem uma profissão definida e a maioria trabalha na agricultura,

fabricação de fogos de artifício e nos setores secundário e terciário de cidades próximas. Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola PPP (2022, p. 05), as famílias são numerosas, chegando a ter mais de 10 membros e há casos em que moram numa mesma casa, pais, filhos, netos e avós.

SOBRE O ARTISTA/PROFESSOR/PESQUISADOR

A partir da premissa defendida por minha orientadora de que "ao se pesquisar arte e educação, a investigação atravessa, necessariamente, o sujeito que a faz" (STRAZZACAPPA, 2021, p. 17), passo a apresentar minha trajetória de formação e atuação profissional como artista e professor até me constituir pesquisador no Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional - Prof-Artes/UFPB.

Sou licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB e atualmente sou professor de Arte das séries finais do Ensino Fundamental, concursado no município de Pilõezinhos na Paraíba, na Escola Marlene Alves Mendes.

Minha trajetória profissional sempre esteve ligada à arte e à educação, desde o ano de 1997, há exatos 26 anos, exercendo a função de professor Polivalente nas séries iniciais do fundamental I e como professor de Arte nas séries finais do fundamental II. Essa experiência me possibilitou percorrer por tur-

mas de diversas fases, desde as séries iniciais até os anos finais do Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, tanto em escolas públicas como também em escolas privadas, no estado da Paraíba e no estado do Amapá, onde lecionei e ministrei oficinas de teatro, resultando em um espetáculo natalino, para o encerramento do ano letivo. Seguindo os padrões metodológicos da escola, trabalhei com oficinas de expressão corporal, jogos dramáticos e jogos de socialização.

Considero importante enfatizar que a minha passagem pela Academia, no curso de Artes Visuais, deu-se início em 2010, na Universidade Federal do Amapá UNIFAP e, por motivos pessoais, mudei de estado e pedi transferência da Universidade, concluindo a licenciatura em 2016 na Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Nestas duas instituições tive a oportunidade de expandir meus conhecimentos teóricos e práticos, aprimorar a minha didática e metodologias aplicadas em sala de aula.

Gostaria de destacar ainda que, antes de possuir a licenciatura em Artes Visuais, trabalhei também como artista/professor lecionando a disciplina de Artes em duas escolas privadas na cidade de Bayeux/PB, entre os anos de 2007 a 2009, no Colégio Zépires e de 2014 a 2015, na Escola Senhor do Bonfim, onde desenvolvi vários trabalhos artísticos, criando oficinas e laboratórios de artes. Nessas escolas, também formei grupos de teatro e de danças populares, circulando com espetáculos em festivais, mostras e eventos em todo estado da Paraíba.

Criei um Festival de Teatro de grupos da escola "Colégio Zepires", que teve duas edições, uma no Teatro Santa Roza e outra no Teatro Ariano Suassuna, ambos na cidade de João Pessoa. Após quatro anos afastado de sala de aula, retomei meus trabalhos como professor de Artes na Escola Senhor do Bonfim e pude desenvolver atividades artísticas de teatro, danças populares além das aulas em sala de aula, seguindo os conteúdos programáticos sugeridos nos livros didáticos adotados pelo educandário.

Após a conclusão da Licenciatura em Artes Visuais, no ano de 2016, trabalhei nos anos de 2018 e 2019, como professor facilitador de Arte, no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, na Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura Muni-

cipal da cidade de Alagoa Grande, na Paraíba, onde ministrei oficinas de desenho, pintura, colagem e fotografia, incluindo trabalhos com arte de rua, pintura de murais e confecção de lambe-lambe com os alunos. Também ministrei oficinas de Teatro e Danças Populares, montando duas grandes encenações de Rua: um espetáculo natalino, O Auto do Menino Deus, adaptação do livro Baile do menino Deus, de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, e uma Paixão de Cristo, Maria Canta Paixão de autoria, de Celi de Freitas. Ainda em 2019, produzi com os alunos algumas pinturas de murais usando variadas técnicas e criando intervenções na cidade de Alagoa Grande, em homenagem ao centenário de Jackson do Pandeiro (filho ilustre da cidade de Alagoa Grande).



Imagem 06 - Oficinas de Arte
Fonte: Acervo Pessoal

Como Artista Visual, desenvolvo um projeto de pesquisa baseado no Corpo e Roupas como suporte para as artes atuais. Foi com esse estudo que elaborei o meu Trabalho de Conclusão do Curso - TCC, em 2016.

A partir desse estudo idealizei três trabalhos fundamentados nessa linha de pesquisa, os quais resultaram em exposições, sendo uma individual e duas coletivas, realizadas em conceituados espaços e Galerias de João Pessoa.

Os trabalhos foram: Roupas Memória (Coletiva 10 - Galeria Energisa), Nó Corpo (Coletiva Confluências SESC - Galeria do SESC) e O Corpo da Roupas (Individual - Casa da Pólvora).



Imagem 07 - Exposições
Fonte: Acervo Pessoal

Também atuei como Cenógrafo na TV Tambaú, afiliada do SBT na Paraíba, de 2015 a 2018, onde realizei vários trabalhos para esta emissora, com a minha assinatura em diversos programas da grade. Alguns desses foram: Festa na Roça, Sala de Reboco, Deu Praia, Feminíssima de Verão, Tambaú de Verão, Alta Tensão, Bora Forrozar e #PartiuEnem.



Imagem 08 - Cenários
Fonte: Acervo Pessoal

Atuando como aderecista e figurinista, assinei trabalhos para espetáculos de Teatro e Dança, entre 2000 a 2022, para os seguintes grupos: Cia. Paraibana de Comédia, Cara Dupla de Teatro, Arretado Produções, Argonautas, Cia. Soluar e Cia. Mangaio, Quadrilha Junina Paraíba, Quadrilha Junina Lageiro Seco e Funjope (Fundação Cultural de João Pessoa), todos esses da Paraíba e, na cidade de Macapá, no estado do Amapá: Grupo de Aproveitamento Folclórico Revelação e Grupo de Aproveitamento Folclórico Tradição.



Imagem 09 - Figurinos
Fonte: Acervo Pessoal

Sou diretor e fundador da Cia. Mangaio de Atividades Culturais, fundada no ano de 1994. É um grupo de teatro atuante na cidade de Alagoa Grande, que envolve diversas atividades na área cultural. Nos 29 anos de atividade da Cia. Mangaio, além de dirigir os espetáculos do grupo, escrevi alguns textos, criei e confeccionei figurinos, adereços e cenários, recebendo indicações e prêmios em alguns festivais no estado da Paraíba.



Imagem 10 - Cia. Mangaio
Fonte: Acervo Pessoal

Como artista e educador, sempre busquei vivenciar, no âmbito escolar, a troca de experiências a partir do meu fazer artístico, bem como, a constante partilha de aprendizagens, instigando nos alunos suas competências e habilidades utilizando as variadas linguagens artísticas. Esse feedback com a sala de aula me dá um entendimento maior da minha prática enquanto profissional das artes, e me mostra os melhores caminhos para conduzir a

arte em sala de aula, permitindo uma vivência artística, aliando prática e teoria.

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O ARTISTA/ PROFESSOR/PESQUISADOR COM O CORDEL EM CINCO TEMPOS

MEMÓRIAS DE CORDEL

(Geóstenys Melo - junho de 2022)

Agora vou falar sobre o cordel na minha vida
Uma história tão querida se prepare pra escutá
Foi ainda pequenino, me alembro como menino
Meu avô, o Severino, narrando história de arrepiá
A família inteira a ouvir, concentrado sem piscar
Ria, chorava, sorria, com meu avô a presepá.

Do Cordel para os palcos, chega agora Lampião
Homí sempre destemido, o valente do sertão
Ajuntei um monte de cordel, pra deste cabra falar
Corajoso e valentão, de bacamarte e na mão facão
Brigou com o diabo Três Contigo, enfrentou grandes perigos
Derrotou Zé Quixabeira, e sem falar besteira, matou Maria Furacão.

Dos festejos juninos, o nordeste se envaidece
Tem comida e foguetão, arrastapé, xote e baião
A dançada é boa demais, das quadrilhas, a tradi-
ção
É a quadrilha Danado de Bom, que me enche o
coração
Pois na roupa do povo, o Cordel se fez presente
Foi a xilogravura, que encheu de formosura o
figurino do povão.

Foi na UFPB, que aprendi sem querer mais uma
missão
Foi a professora Liana, que cheia de formosura,
me apresentou a xilogravura
Era o laboratório de artes gráficas, local da
gravura pura
De nome Oswaldo Goeldi, o laboratório tinha mui-
ta estrutura
Fiz vários experimentos, do linóleo ao papelão
Mas a madeira entalhada, melhor representava, a
linda xilogravura.

No período mais difícil da Pandemia
Veio a lei Aldir Blanc de incentivo à cultura
Foi na cidade de Guarabira que concorri a um
prêmio
Vivenciando uma prática de arte pura
Representei o voo misterioso de um pavão
Recortando, colando o personagem com muita for-
mosura.

Aí veio o Mestrado, com ele o nó desatado
Foi com grande satisfação, que tomei a decisão de
me inscrever no danado

Como mistério veio um pavão, que alçou voo e
sumiu do chão
Alcançou as estrelas, sem falar muita besteira,
abriu o leque enfeitado
Conquistou meu coração e me instigou a não pa-
rar mais não
Como um romance vespertino, desde menino, por
cordel sou apaixonado.

Primeiro momento do Cordel em minha vida: a orali- dade nas rodas de conversa com meu avô

Lembro-me bem (apesar dos longos anos
passados) das rodas de conversa na frente da
casa do meu avô materno, no início da noite,
logo após o jantar. Era o lugar de encontro
da família (todos os familiares que moravam
por perto sempre estavam presentes e ainda
tinham os que vinham para participar, mesmo
morando mais distantes) para ouvir as histó-
rias reais e outras do folclore brasileiro e,
ainda, aquelas criadas por ele. Inventar his-
tórias era uma das artes desenvolvidas por
meu avô Severino, mais conhecido como Biu
Cazuza, que também era um mestre no desenho
e na confecção de produtos artesanais.

Sobre essa oralidade cotidiana, lembro
de ouvir histórias de cordéis, recheadas de
personagens e aventuras típicas do sertão
nordestino, onde o cangaço sempre esteve pre-
sente.

Fazer rir ou chorar com as histórias que por vezes nos punham medo devido a carga de drama que ele sabia dar a cada folheto, era o ápice de cada noite.

É nesse período que tive acesso aos primeiros folhetos de cordel, pois meu avô era um colecionador apaixonado por esse tipo de literatura. Nessa época era mais fácil consumir esses folhetos de Cordel, pois era comercializado na feira livre da cidade, nos Mercadinhos (ponto comercial com produtos diversos) e diretamente com os Cordelistas. Lembro-me que além dos cordéis, ele coleciona gibis com histórias de faroeste, com mocinhos e bandidos, que se assemelham bastante com as temáticas dos folhetos de cordel.



Imagem 11 - Eu e meu avô, Alagoa Grande, 1986
Fonte: Acervo Pessoal

Segundo momento do Cordel em minha vida: espetáculo de teatro "Lampião, Valente do Sertão"

Em 1994, surgiu a Cia. Mangaio de Atividades Culturais, uma companhia teatral fundada por um grupo de três estudantes do Magistério (eu e mais dois amigos), que viram o teatro como uma estratégia de dinamizar as aulas durante o período do estágio. Das experiências com teatro, no curso do Magistério, e em função dos resultados satisfatórios dos espetáculos montados, decidimos dar continuidade ao grupo teatral que este ano de 2023 completa 29 anos de atividades. Desde a sua fundação, já montamos 15 espetáculos da Cia. Mangaio, desde peças de caráter pedagógico, regional nordestino, comédias e um drama.

No ano de 2005, montamos o espetáculo "Lampião, valente do sertão", uma colagem de textos de folhetos de cordel, onde o protagonista das histórias era o personagem Lampião. Foi nesse momento que comecei a usar os folhetos de Cordel em meu trabalho teatral. Na construção desse trabalho foi feita a adaptação de três histórias, que para fazer a conexão entre elas, usei a imagem mítica de Lampião e o Cangaço no sertão nordestino, recolhendo três cordéis de autores diferentes:

um deles narra a luta de Lampião no inferno contra o Diabo três-contigo; um segundo folheto narra a briga de Lampião e Zé Quixabeira, que era o homem mais valente do sertão; e um terceiro folheto narra a história da mulher que queria enganar Lampião, a Maria furacão.

Todo o texto foi encenado seguindo as rimas de cada sextilha dos cordéis. A trilha usada no espetáculo foram diversas músicas instrumentais do Quinteto Violado e o figurino foi inspirado em personagens típicos do folclore nordestino.



Imagem 12 - Folheto de Cordel
Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 13 - Cia. Mangaio, 2003

Fonte: Acervo Pessoal



Terceiro momento do cordel em minha vida: Sobre a "Quadrilha Junina Danado de Bom"

Cinco anos após ter criado a Cia Mangaio, novamente acompanhado de um grupo de amigos, em 1999, criamos a Quadrilha Junina Danado de Bom, na cidade de Alagoa Grande. Neste mesmo ano, em sua estreia, o tema abordado foi o "Xaxado da Paraíba", onde retratei no figurino, nas músicas e danças, esse universo do xaxado dos cabras de Lampião. No ano 2000, o tema foi "Os barões do café; tempos áureos do Brasil República", retratado nas cores e figurinos de época. Ainda com o mesmo grupo e o mesmo elenco de dançarinos, em 2001 o tema trabalhado foi "O ouro branco da cidade de Alagoa Grande", falamos das plantações e dos engenhos de cana-de-açúcar, um período de riqueza na produção canavieira do município. Para a criação dos figurinos, busquei referências nas Xilogravuras, estampando nos figurinos imagens que narravam o cotidiano dos engenhos de cana-de-açúcar, usando a técnica de carimbos, sendo estes confeccionados com emborrachado - EVA. Os personagens estampados foram recortados no EVA e fixados em uma base de isopor, criando um carimbo artesanal que teve grande funcionalidade na hora de executar a ação de carimbar.

Percebe-se então que, mais uma vez, a Literatura de Cordel se fez presente em minhas produções artísticas. As xilogravuras estampadas no figurino ou carimbos inspirados na técnica das xilogravuras, deram um efeito surpreendente, pois além de narrar parte da história da produção canavieira, fez um resgate dos folhetos de cordel através dos desenhos dos personagens e cenas desse universo popular do nordeste brasileiro.



Imagem 14 - Figurinos da quadrilha junina Danado de Bom - 2001

Fonte: Acervo Pessoal

Quarto momento do Cordel em minha vida: oficinas de Xilogravura na Licenciatura em Artes Visuais da UFPB

No ano de 2013, já na graduação em Artes Visuais, cursei os componentes Gravura I e

II, com a professora Doutora Liana Chaves (in memoriam). Desta vez, tenho a oportunidade de produzir gravuras com os materiais e técnicas próprias. Nos dois semestres cursados, experimentei as seguintes técnicas de gravura: xilogravura, linóleogravura, gravura em metal e gravura em papel. As atividades eram desenvolvidas no laboratório de artes gráficas Oswaldo Goeldi, no CCTA da UFPB, orientado pela professora acima mencionada. Foi um rico processo com várias práticas e trocas de experiências entre a professora e os alunos da disciplina.

Conheci e experimentei todas as técnicas, produzindo algumas xilogravuras com dimensões variadas e com poucas impressões, sendo feitas apenas as impressões teste do artista.



Imagem 15 - Xilogravuras produzidas no Laboratório de Artes Gráficas Oswaldo Goeldi - 2013

Fonte: Acervo Pessoal

Quinto momento do Cordel em minha vida: Lei Aldir Blanc 2020

No ano de 2020, o governo Federal lança o Edital Artístico Lei Aldir Blanc - também chamada Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural ou Lei Aldir Blanc de apoio à cultura, com a finalidade de atender ao setor cultural do Brasil, maior afetado com as medidas restritivas de isolamento social impostas em razão da pandemia de Covid-19. O nome da lei homenageia o músico Aldir Blanc, um dos primeiros artistas falecidos por Covid-19.

Preparei um projeto e fiz minha inscrição no edital de aquisição de bens e serviços culturais da cidade de Guarabira, na Paraíba. O edital selecionou algumas obras para compor o acervo de obras de arte do município. Fiz um trabalho de recorte e colagem, usando também pintura e literatura na obra. A obra mede 50x60 cm e possui moldura de cor branca e vidro antirreflexo.

A presença do cordel se deu no tema que escolhi para criar a obra: o folheto O Romance do Pavão Misterioso, de José Camelo de Melo Rezende. Pelo fato da cidade de Pilõezinhos ter sido distrito de Guarabira, toda herança cultural que o cordel de José Camelo deixou, a cidade de Guarabira divide com Pilõezinhos esse pertencimento que simboliza as duas cidades.

Fui contemplado com este prêmio e hoje a obra "O mistério do pavão" compõe o acervo de obras artísticas da cidade de Guarabira e é o item de decoração da sala do Secretário de Cultura da cidade.

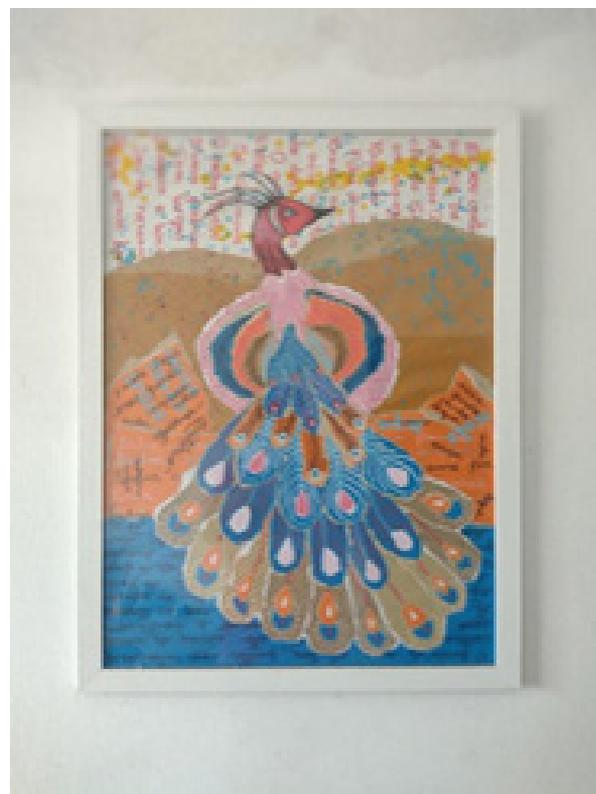


Imagem 16 - Obra "O Mistério do Pavão", 2020
Fonte: Acervo Pessoal

1 LITERATURA DE CORDEL: OXI! O QUE É ISSO?

Vamos Cordelizar?

(Geóstenys Melo / janeiro de 2023)

Abro agora um espaço para abordar essa arte
Que a muito tempo faz parte de um povo.
Vou falar um pouquinho dessa Literatura for-
mosa

Que o povo representa contando histórias de
novo
Cheias de aventura, alegria e mistérios
Igual o voo do pavão destemido e renovo.

Chega a origem da literatura de cordel
Que nas feiras se tornou uma referência
Induzindo o povo a ler e ouvir
As histórias contadas com muita transparên-
cia
Vindo de além-mar para um povo agradecer
Com rimas, métricas e muita vivência.

É uma literatura que se transformou em cor-
del
Dos folhetos pendurados em cordão na feira
Vendidos por autores de bancada
Consumidos por ouvintes sem perder a estri-
beira
Saboreando as belas histórias encantadas
Como um prato Lusitano a tabafeira.

Vem as capas impressas com imagens

Representadas com verdade nas xilogravuras
É cordel uma expressão de formosura
Da cultura popular uma verdade muito pura
Que saiu das feiras populares para as gale-
rias
O cordel perpetua com muita fervura.

Vamos cordelizar como uma canção
Pra encher de amor a nossa vida
Com herói, mocinho e bandido
Com donzela e princesa querida
Vamos divertir nossa alma
Vamos cordelizar nossa vida.

*Nas naus colonizadoras, com os lavra-
dores, os artífices, a gente do povo,
veio naturalmente a tradição do Ro-
manceiro, que se fixaria no Nordeste
do Brasil, como literatura de cordel.
(Câmara Cascudo, 1962)*

A origem da literatura de cordel está ligada à península ibérica tendo Portugal como a principal referência, espalhando-se depois pela Europa, no período medieval. No século XII, o trovadorismo medieval estava em alta e os artistas da época divulgavam suas histórias cantando para o público, visto que o número de leitores na época era bem pequeno, portanto transmitir conhecimento e diversão para o povo se dava através do recurso da oralidade.

Os folhetos nessa época eram chamados de folhas volantes ou folhas soltas², eram vendidos por cegos³ nas feiras, ruas, praças e nas romarias, presas em um cordel ou barbante para facilitar a exposição aos interessados. Ficou conhecida como literatura de cegos, sendo promulgada uma lei por D. João V, que permitiu que a Irmandade do Menino Jesus

dos Homens Cegos pudesse trabalhar publicitando nas calçadas das igrejas.

Essas folhas volantes lusitanas tiveram origem na Literatura Oral e tomaram corpo na Península Ibérica, onde foi formado o Romanceiro Peninsular, iniciando com a criação dos pliegos volantes⁴ que circulavam na Espanha no século XVI e as folhas volantes portuguesas. Ambas criações literárias tiveram como antecessor a *littérature de colportage*⁵, pequenos livros surgidos na França, no início do séc. XVI, com a popularização da imprensa. Esses folhetos eram impressos em papel de baixa qualidade, em cor cinza ou azul, também chamados de biblioteca azul.

2 Folhas volantes ou folhas soltas, eram de impressão rudimentar, registavam-se factos históricos, poesia, cenas de teatro, anedotas ou novelas tradicionais, textos que eram memorizados e cantados pelos cegos que os vendiam. (Dicionário de termos literários - <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-de-cordel>)

3 Era uma prática comum encontrar cegos vendendo folhas volantes nas portas das igrejas. Eles decoravam as histórias e declamavam para os interessados em adquirir as folhas volantes. No século XVIII, a produção desse tipo de literatura foi incentivada pela Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, que possuíam a exclusividade na venda de "folhinhas, histórias, autos e livros usados". A Irmandade estava ligada à paróquia de S. Jorge em Lisboa/Portugal. (Márcia Abreu, Unicamp, 1984)

4 Pliegos volantes ou sueltos são os folhetos de origem europeia, produzidos especialmente em Madrid e Barcelona. (Yvone Dias, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019)

5 *Littérature de Colportage* ou "Bibliothèque Bleue", aparece na França a partir de 1602. O impressor da cidade de Troyes (condado de Champagne) Nicolas Oudot, foi quem começou a produzir os livretos, reutilizando os clichês de madeira e os tipos utilizados nas fábricas locais. (Memórias do Cordel, Everardo Ramos, 2013)

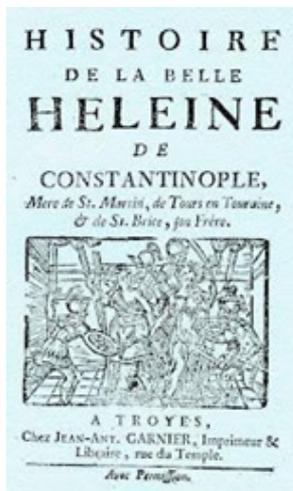


Imagem 17 - Capa do colportage Histoire De La Belle Heleine de Constantinople.

Fonte: <http://memoriasdocordel.blogspot.com/2013/09/cordeis-do-mundo-2-colportage.html>.

A literatura de cordel chega ao nordeste do Brasil ainda no período da colonização, no século XVIII, quando os colonizadores trouxeram alguns impressos na bagagem, além de várias histórias contadas oralmente como forma de mostrar a produção cultural e artística europeia. Inicialmente, no Brasil, era reconhecido e denominado pelos próprios poetas de "folheto", "romance" ou "livrinhos", mas mantinham as mesmas características da literatura vinda de Portugal e, só a partir da década de 70 do século XX, estudiosos passaram a chamar de "Literatura de cordel".

O cordel é uma narrativa e narra sempre uma história baseada em fatos reais ou não,

apresenta uma linguagem popular e cotidiana e, mesmo que tenha as características da oralidade, é inicialmente produzido de forma escrita, conforme a denominação de Raymond Cantel (apud Ribamar Lopes, 1983, p.13) uma "poesia narrativa, popular, impressa".

No nordeste brasileiro, o folheto adquiriu uma estrutura peculiar fixa, as sextilhas, métrica bastante popular no folheto nordestino, pois, desta forma, pode-se perceber a fluidez na leitura e na oralização dos versos dos folhetos. Em sextilha foi composto o clássico O Romance do Pavão Misterioso e, para ilustrar uma Sextilha, usarei esse trecho do folheto.

*Eu vou contar a história (X)
De um Pavão Misterioso, (A)
Que levantou vôo na Grécia, (X)
Com um rapaz corajoso, (A)
Raptando uma condessa, (X)
Filha dum conde orgulhoso. (A)*

*1 2 3 4 5 6 7
Eu/vou/contar/a/his/tó/ria*

As letras (X) e (A) indicam o esquema de rimas utilizado. As rimas com a letra (X) não rimam entre si. Já as rimas com a letra (A) possuem rimas nas palavras finais. Cada rima possui 7 sílabas poéticas podendo, em função da necessidade, existir a junção de duas sílabas para gerar uma única sílaba poética (HAURÉLIO, 2013, p. 111).

O poeta pesquisador José Alves Sobrinho (2002, p.109) diz que o nome "folheto" é entendido como algo genérico, pois é de acordo com o número de páginas que se define esse tipo de literatura: "folheto" quando tem 8, 12 ou 16 páginas; "romance" quando tem 24, 32, 48 e 64 páginas; "histórias" conforme o conteúdo e o assunto variam o número de páginas. O romance do Pavão Mysteriozo possui 32 páginas, com 141 estrofes de seis versos de sete sílabas.

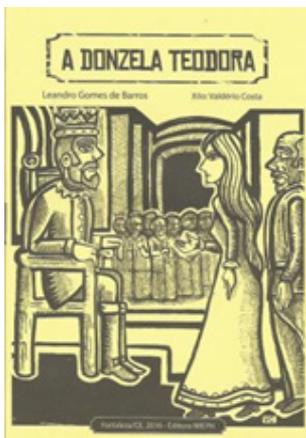


Imagem 18 - Folheto - A donzela Teodora de Leandro Gomes de Barros, xilogravura de Valdério Costa.

Fonte: (<https://literaturadecordel.ccsa.ufpb.br/literaturadecordel/index.php/DCI/catalog/book/2133>).



Imagem 19 - Romance - Pedrinho e Julinha de José Camelo, xilogravura de Stênio.

Fonte: <http://luzdefifo.blogspot.com/2011/09/poetas-populares-jose-camelo.html>.

As tidas figuras importantes para a popularização do cordel são os repentistas, violeiros que cantam histórias rimadas em locais públicos, de maneira parecida ao que faziam os antigos trovadores. "Todo repentista pode ser um cordelista, mas nem todo cordelista pode ser um repentista. Porque o poeta repentista faz de improviso. O poeta de bancada senta e escreve seus versos" (OLIVEIRA DE PANELAS, Globo Rural, 2011)



Imagem 20 - Oliveira de Panelas. Poeta, repentistas, escritor e cantor. Natural da cidade de Panelas/PE

Fonte: <http://culturandestina.blogspot.com/2006/09/oliveira-de-panelas-biografia.html>



Imagem 21 - Maria Soledade Leite, Poeta Repentista. Natural da cidade de Alagoa Grande/PB

Fonte: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/maria-da-soledade-leite/>

O cordel sempre foi a maior expressão da comunicação popular no nordeste brasileiro, o que o torna uma característica da região, em se tratando de cultura e tradição. Foi o elemento propagador dos fatos ocorridos, servindo como um jornal para as famílias.

Sobre a importância de compreender o significado do cordel, herança deixada pelo colonizador, Diegues Júnior (1977, p. 34) escreveu:

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento das manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular."

Vale ressaltar que a literatura de cordel é classificada em duas grandes áreas: a Tradição (histórias do passado) e as Circunstanciais (histórias do presente). No Brasil, uma das classificações mais simples e abrangentes é a de Manuel Diégues Jr. (1977), que cataloga o imenso acervo popular ou folclórico, em três ciclos temáticos:

I. Temas tradicionais:	a.) romances e novelas; b.) contos maravilhosos; c.) estórias de animais; d.) anti-heróis/peripécias/diabruras; e.) tradição religiosa.
II. Factos circunstanciais ou acontecidos:	a.) de natureza física (enchentes, cheias, secas, terremotos, etc.); b.) de repercussão social (festas, desportos, novelas astronautas etc.); c.) cidade e vida urbana; d.) crítica e sátira; e.) elemento humano.
III. Cantorias e pelejas:	Poemas que nascem oralmente, no calor dos "desafios" entre dois ou mais cantadores.

Quadro 1 - Ciclos Temáticos

Fonte: Elaboração própria (2023).

O Brasil é o maior produtor de literatura de cordel, no mundo ocidental: em cem anos publicou cerca de 20.000 folhetos, embora em pequenas tiragens, entre 100 e 200 exemplares cada (LUYTEN, 1983, p. 250 apud MARINHO, 2012, p. 40).

Leandro Gomes de Barros é reconhecido como o precursor da literatura de cordel no nordeste brasileiro, iniciando a publicação de seus folhetos em 1893. Ele criava, publicava e vendia seus versos. No início, os folhetos eram produzidos em tipografias de jornal, depois os poetas imprimiam os folhetos em suas próprias tipografias. "A venda dos folhetos se fazia nas ruas ou através do Correio e, a partir de 1920, os folhetos começam a ser encontrados nos mercados públicos" (MARINHO, 2012, p. 23).



Imagem 22 - Leandro Gomes de Barros, pioneiro da Literatura de cordel.

Fonte: <https://www.projetocordel.com.br/LeandroGomesDeBarros.php>

Em 2018, a Literatura de Cordel foi registrada como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁶.

Movido pelo impulso da pesquisa, em agosto de 2021, visitei a Tupynanquim Editora, na cidade de Fortaleza (CE), uma das mais atuantes editoras de cordel na atualidade. Tem como proprietário fundador Klévisson Viana, que é poeta, desenhista, quadrinista, produtor e editor. Durante a visita, além de conhecer a editora e seu acervo de cordéis, tive a oportunidade de ter uma longa conversa com esse artista que muito me informou sobre a Literatura de Cordel e seus expoentes. A Tupynanquim Editora, em parceria com a ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel, está editando os maiores clássicos da Literatura de Cordel. A ABLC é a legítima detentora dos direitos autorais de várias obras, a exemplo do folheto O Romance do Pavão Mysteriozo, que foram adquiridas por compra junto aos familiares do editor José Bernardo da Silva.

Na oportunidade, adquiri 30 exemplares do folheto para trabalhar com os alunos durante as oficinas de arte, proporcionando o manuseio e o acesso direto com a obra.

⁶ Em 2010 a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) ingressou junto ao IPHAN com um pedido de reconhecimento da literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. A patrimonialização da literatura de cordel foi o resultado de um longo processo que envolveu diversos agentes - poetas e suas entidades representativas, intelectuais, instituições de pesquisa e o próprio IPHAN. O inventário foi concluído em 2018 com a apresentação de dois produtos: um Dossiê de Registro e um filme documentário de 26 minutos. (IPHAN, CNFCP. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf))

1.1 DE REPENTE, UM REPENTE.

Ser poeta é muito bom porque eu não tenho nenhuma obrigação de verdade. Eu posso mentir à vontade, cientista é que não pode. (Ariano Suassuna)

O uso da Literatura de Cordel em outros segmentos artísticos são indicadores de sua forte presença na cena cultural brasileira. No cinema, a icônica obra "O Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna, tem seus personagens inspirados nos folhetos: "O cavalo que defecava dinheiro" e "O dinheiro", ambos de Leandro Gomes de Barros, e "O castigo da soberba", de Silvino Pirauá. João Cabral de Melo Neto escreveu o Auto de Natal "Morte e Vida Severina", que virou filme e traz em seus diálogos rimas, inspiradas no Cordel. "A luneta do tempo", filme de Alceu Valença, é outro exemplo do uso da Literatura de Cordel no cinema, o diálogo dos personagens no filme foi escrito em rimas.



Imagem 23 - Capa do DVD do filme O Auto da Compadecida. Filme brasileiro de comédia dramática, lançado em 2000, dirigido por Guel Arraes, com roteiro de Adriana Falcão, João Falcão e do próprio Arraes, e baseado na peça teatral Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna (1955).

Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/especiais/autodacompadecida/>



Imagem 24 - Cartaz do filme Morte e Vida Severina (1977).

Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/especiais/morte-e-vida-severina/>



Imagem 25 - Cartaz do filme A Luneta do Tempo de Alceu Valença (2014).

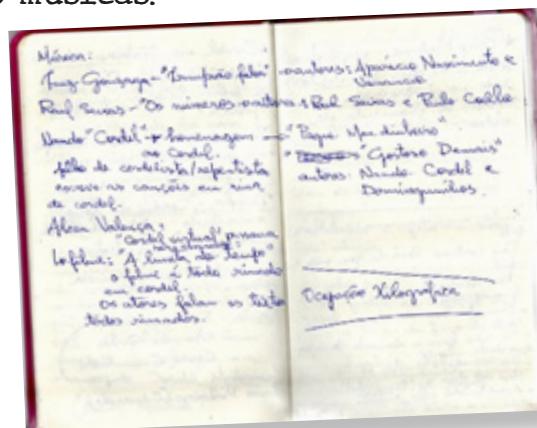
Fonte: (<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-230159/>)

Em 1970, Ariano Suassuna cria e dirige o Movimento Armorial, que tinha o objetivo de realizar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares. Partia da ideia de criar algo usando as referências da cultura popular do país, como os folhetos de cordel, os cantadores, e as festas populares. Além da música, Ariano criou uma identidade visual, com desenhos e pinturas que buscavam inspiração nas xilogravuras, as Iluminogravuras, um neologismo da mistura da arte erudita com as raízes da cultura popular nordestina. Ariano bebia na fonte das xilogravuras dos cordéis, escrituras na pedra do Ingá na Paraíba⁷, ferros⁸ para marcar boi, brasões da heráldica e a arte rupestre. É uma técnica da mistura da gravura com a pintura que resulta em um objeto artístico que alia as técnicas da iluminura medieval aos modernos processos de gravação em papel.

Imagem 26 - O Mundo do Sertão. Iluminogravura de Ariano Suassuna. Óleo, guache, nanquim/papel (1983).
Fonte: <http://www.amenidadesdodesign.com.br/2014/07/os-tipos-de-ariana-suassuna.html>



Na música, a inspiração no cordel sempre foi uma referência para os músicos nordestinos, temos como exemplos músicas de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Alceu Valença, Amelinha, Elba Ramalho, Zé Ramalho, Ednardo, Gilberto Gil, Raul Seixas, Quinteto Violado, Tom Zé e de artistas mais recentes como Antônio Nóbrega, Cabruêra, Nação Zumbi e Cordel do Fogo Encantado. A seguir alguns exemplos dessas músicas:



7 Itacoatiaras do Rio Ingá - O termo itacoatiara, originário da língua Tupi-Guarani e com o significado de escrita ou desenho na pedra, vem sendo utilizado no Brasil como sinônimo para a expressão gravura rupestre. O sítio de arte rupestre das Itacoatiaras do Rio Ingá localiza-se na zona rural do município de Ingá, cuja cidade sede encontra-se a cerca de 105 km de distância da cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. O município é parte da depressão sertaneja, unidade geoambiental típica do semiárido nordestino. (<http://portal.iphangov.br>)

8 Ferro de boi - Ferrete ou ferro em brasas é uma ferramenta usada para marcar gado, madeira, couro. A ferramenta é de metal, normalmente ferro, e é aquecida até que fique vermelha e prensada contra o objeto a gravar. Essa prática já está em desuso e foi substituída por outros recursos não dolosos para o animal. (diariodonordeste.verdesmares.com.br)

Lampião falou.

Luiz Gonzaga (autores: Aparício Nascimento e Venâncio)

Eu não sei porque cheguei
Mas sei tudo quanto fiz
Maltratei, fui maltratado
Não fui bom, não fui feliz
Não fiz tudo quanto falam
Não sou o que o povo diz

Gostoso demais.

Nando Cordel (autores: Nando Cordel e Dominginhos)

Tô com saudade de tu, meu
desejo
Tô com saudade do beijo e do
mel
Do teu olhar carinhoso
Do teu abraço gostoso
De passear no teu céu

Os números.

Raul Seixas (autores: Raul Seixas e Paulo Coelho)

Meus amigos essa noite
Eu tive uma alucinação
Sonhei com um bando de número
Invadindo o meu sertão
Vi tanta coincidência
Que eu fiz essa canção

Pague meu dinheiro.

Nando do Cordel (autor: Nando Cordel)

Você falou que era um sujeito
direito
Todo cheio de respeito
Um tremendo cidadão
Se combinou, ficou tudo acertado
O negócio foi fechado
Na maior satisfação
Passou um dia, outro dia, 20 dias
Eu fiquei de agonia, você não
apareceu
Oh! Meu amigo, eu sou um chefe de
família
Tenho um filho e cinco filha
Vem trazer o que é meu

Cordel Virtual.

Alceu Valença (autor: Alceu Valença)

Maria fez um inferno
Contou tudo a Lampião
Que sujeito deletério
Do mundo do fogo eterno
Vai me dar satisfação
Entrou pela porta da frente
Brincando com fogaréu
E o Diabo reticente lhe mandou
pro beléléu
E o Diabo reticente lhe mandou
pro beléléu

Nordeste Independente.

Elba Ramalho (Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova)

Já que existe no sul esse conceito
Que o nordeste é ruim, seco e ingrato
Já que existe a separação de fato
É preciso torná-la de direito
Quando um dia qualquer isso for feito
Todos dois vão lucrar imensamente
Começando uma vida diferente
De que a gente até hoje tem vivido
Imagina o Brasil ser dividido
E o Nordeste ficar independente

1.2 XILOGRAVURA: A IMAGEM NO CORDEL.

É chamada de Xilogravura a técnica de gravura feita em uma matriz de madeira. Trata-se de um processo relevográfico, onde a matriz é entalhada deixando sulcos na madeira que resultam em relevos que serão impressos no papel.

A palavra é formada por dois termos gregos "xylon", que significa madeira e "grafó", que significa gravar ou escrever. Portanto, Xilogravura é uma matriz feita na madeira, onde a impressão no papel será feita com a técnica de carimbo.

ξύλον
(xilon)

γραφω
(grafó)

Imagem 27 - Museu Casa da Xilogravura.

Fonte: <http://www.casadaxilogravura.com.br/xilogravura.php>

Não se têm informações precisas sobre a origem da xilogravura, ou quem foi seu inventor. A xilogravura mais antiga, impressa

em um papel, ilustra um exemplar de uma oração budista Sutra Diamante, editada por Wang Chinch, na China, no ano 868. Acredita-se que a xilografia do Extremo Oriente já estampava tecidos séculos antes na Índia. Na Europa, o registro de um tecido impresso foi do século XII, já nos séculos XIV e XV, os europeus utilizavam a xilografia para produzir imagens sacras e cartas de baralho (Casa da Xilogravura).

O alemão Albrecht Dürer (1471 - 1528) iniciou um novo capítulo na arte da gravura com a série Apocalipse (1499), conduzindo seus traços na potencialidade da madeira. As xilogravuras de Dürer influenciaram a gravura alemã.



Imagem 28 - Melancholia de Albrecht Dürer - The Metropolitan Museum of Art.

Fonte: <https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/336228>

Durante o Renascimento, a Itália foi um grande centro de Xilografia, em especial, as cidades de Veneza e Florença. Mesmo sendo usada apenas na produção de livros, os gravuristas usaram de muita criatividade na produção de gravuras miniaturistas, com grande apelo ornamental. Foi nesse período que as gravuras em metal começaram a ganhar espaço e se fixaram no mercado, porque com o metal as imagens eram mais ricas em traços delicados, o que diferenciavam das gravuras em madeira.



Imagem 29 - Restes du Sépulcre des Scipions sur la voie Appienne.

Fonte: Gravura original de época pertencente ao álbum *Recueil des Vues des Plus Beaux Monuments Antiques de Rome et Des Ses Environs*, editado em Roma cerca de 1750, desenhada por Jean Barbault e gravada por Domenico Montagu.

No Japão, a escola Ukyu-e, da cidade de Edo (hoje Tokio), do século XVII ao XIX, promoveu a libertação da xilografia em rela-

ção ao livro. A produção era feita em matriz de madeira, produziam folhas avulsas com um abundante colorido retratando cenas do cotidiano, com um grande número de cópias produzidas em função de uma equipe organizada por vários trabalhadores. Se destacaram os gravadores Utamaro Kitagawa (1753 - 1806), Hokusai Katsushira (1760 - 1849) e Hiroshige Ando (1797 - 1858).



Imagem 30 - Deeply Hidden Love (Fukaku Shinobu Koi no original), gravura de Utamaro Kitagawa.

Fonte: <https://veja.abril.com.br/cultura/obra-de-kitagawa-utamaro-bate-recorde-em-leilao-de-gravuras-japonesas/>

No século XIX na Europa, surge a técnica de topo e a xilografia voltaria a ser utilizada para ilustrar livros, revistas e jornais. A técnica foi criada pelo gravador inglês Thomas Bewick (1753 - 1828), que deu início ao reinado da gravura de topo, que durou um século.

Essa xilografia de ilustração em topo⁹ - chamada de xilografia de reprodução ou xilografia de interpretação - sofreu colapso no século XX, em função do inovador clichê metálico, fruto da fotografia aliada a corrosão química de metais (Casa da Xilogravura).



Imagem 31 - Zebra, 1822. Ilustração de Thomas Bewick. Coleção do TATE Modern.

Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/artists/thomas-bewick-35>.

Ao perder sua função utilitária, os xilógrafos de reprodução perderam seus empregos. Mas em função do desprendimento das encomendas dos veículos de comunicação, esta técnica de impressão passou a ser usada por artistas plásticos empolgados com a força criativa desta linguagem plástica. Destacaram-se, nessa fase na Europa, os artistas Félix

Valotton (1865 - 1925), Paul Gauguin (1848 - 1903) e Edvard Munch (1862 - 1944). Na sequência, o grupo Die Brücke (Kirchner, Heckel, Schmidt-Rottluff, Nolde...) e os fauve franceses (Matisse, Derain, Dufy e Vlaminck) elevando a xilogravura a um nível de expressão extraordinária. (Casa da Xilogravura).



Imagem 32 - The Gust of Wind, 1894. Félix Vallotton.

Fonte: <https://dasartes.com.br/materias/felix-vallotton/>

Destacaram-se também, na produção de xilogravura artística, libertada sem a pressão das encomendas das empresas de comunicação, os artistas Osvold Goeldi (1895 - 1961) e Lasar Segall (1891 - 1957)

⁹ Técnica de Topo: é o disco de madeira utilizado na xilogravura, cujo processo de corte se dá no sentido transversal, ou seja, contrário aos veios da árvore (horizontalmente em relação ao tronco da árvore). Dessa forma, a madeira obtida pelo artista é mais dura e compacta, podendo ser trabalhada com os mesmos instrumentos usados na gravura em metal. (Enciclopédia Itaú Cultural - <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3802/madeira-de-topo>)



Imagem 33 - Abandono, 1930, Oswaldo Goeldi.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoal0588/oswaldo-goeldi>.

Imagem 34 - Figura Humana, Lasar Segall. Sem data.

Fonte: <https://www.ufjf.br/arquivodenoticias/2013/10/figura-humana-e-tema-central-de-exposicao-de-lasar-segall/>

Os primeiros folhetos editados no início do século 20 eram chamados de "sem capa", ou de "capa cega", por não possuírem ilustração (Xilogravura. Centro nacional de Folclore e Cultura Popular / IPHAN, 2020). Na capa tinham apenas as informações técnicas dos folhetos, envolvidas por ornamentos tipográficos.

Em 1907, o folheto "A história de Antônio Silvino", escrito por Francisco das Chagas Batista, continha uma gravura na página interna. Em 1910, Leandro Gomes de Barros usa zincogravura em seus folhetos. Somente em 1925 apareceu uma imagem ilustrando a capa do folheto "A história completa de Lampião",

de Chagas Batista.

As primeiras imagens utilizadas em capas dos folhetos foram produzidas com desenho feito em lápis, reproduzindo fotografias dos jornais da época (Xilogravura. Centro nacional de Folclore e Cultura Popular / IPHAN, 2020). Na década de 1920, no nordeste do Brasil, os folhetos eram ilustrados com fotos de artistas e clichês de cartões postais¹⁰. João Martins de Athayde, paraibano da cidade Ingá, usava cartazes de filmes e fotos de artistas de Hollywood como ilustração das capas de seus folhetos. Ele instalou uma tipografia em Recife e se tornou o maior editor de cordel nos anos 30-40.

As xilogravuras só aparecem nos folhetos a partir da década de 1940. A partir de então "O início da xilogravura popular na Literatura de cordel se deve, sobretudo, à pobreza dos poetas e editores em encontrar clichês de retícula ou outros recursos gráficos para a ilustração das obras" (LUYTEN, 1983, p. 257 apud MARINHO, 2012, p. 45/46).

Atualmente, os maiores centros de produção de xilogravuras populares concentram-se nos estados do Pernambuco e Ceará. Em Juazeiro do Norte, tem a Casa da Gravura, com trabalhos expressivos de vários artistas ce-

¹⁰ As capas dos folhetos de cordel, em sua maioria, eram zincografadas, com clichês de gráficas feitos em Recife e Fortaleza. Eram cópias de cartões postais ou fotos de artistas. (Xilogravura - Centro nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN, 2020)

renses. Em Bezerros, no Pernambuco, José Francisco Borges¹¹ mantém seu ateliê onde produz e vende suas gravuras e folhetos.



Imagem 35 - Céu Estrelado. Xilogravura Colorida, J. Borges. Sem data.
Fonte: <http://gravuracontemporanea.com.br/j-borges-o-pai-do-cordel/>

Em função da infinidade de suportes usado nas artes, as xilogravuras ilustram capas, folhetos educativos, livros, álbuns, capas de discos, azulejos, produtos artesanais, artigos para cama, mesa e banho, vestuário, arte de rua e até a abertura de novelas televisivas.

¹¹ José Francisco Borges nasceu no dia 20 de dezembro de 1935, na zona rural do município de Bezerros/PE. Para uma leitura mais aprofundada sobre a trajetória desse artista do Cordel e das Xilogravuras, acessar: <http://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt-BR/mestres/j-borges-mestre/mestre>.

Na arte produzida na rua, está em uso um novo conceito de unir a xilogravura com o grafite e com os cartazes lambe-lambe. Em julho de 2022, uma exposição chamada Xilograffiti, reuniu no SESC Consolação, em São Paulo, artistas dos segmentos da Xilogravura e da Arte de Rua. Sob curadoria de Baixo Ribeiro, a exposição reuniu xilogravuras de cordel, cordel contemporâneo, xilo urbana, lambegrafia, tipograffiti e grafitti xilográfico, contemplando a diversidade territorial, as técnicas, dimensões e os processos.



Imagem 36 - Menina Selvagem I. Cordel contemporâneo. Samuel Casal.
Fonte: <https://www.samuelcasal1974.com/product-page/menina-selvagem-i>

Imagem 37 - Mural. Derlon.
Fonte: www.derlon.com.br
Acesso:24-02-2023 as 20:44)



Em junho de 2022, tive a oportunidade de visitar a exposição "Movimento Armorial 50 anos", no Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB-Rio. Com curadoria de Denise Mattar, na exposição estavam expostas 140 obras de arte - a grande maioria nunca havia saído do Recife - em diversos formatos com obras de artistas importantes para o Movimento Armorial, dentre eles, o criador Ariano Suassuna, Francisco Brennand, Gilvan Samico, Aluísio Braga, entre muitos outros artistas que fizeram parte deste importante movimento artístico lançado no Recife, no ano de 1970.

Em 2012, a Escola de Samba carioca Acadêmicos do Salgueiro trouxe enredo "Cordel Branco e Encarnado", um trocadilho com as cores das xilogravuras "preto e branco" e as cores da bandeira da escola "vermelho e branco", consagrando-se como Vice-Campeã. O enredo fez um apanhado da história do cordel desde a vinda da Europa até as terras brasileiras. Os carnavalescos Renato Lage e Márcia Lage trouxeram todos os elementos presentes no universo popular nordestino, em especial o folheto O Romance do Pavão Misterioso que veio representado em um grande carro alegórico em formato de pavão.

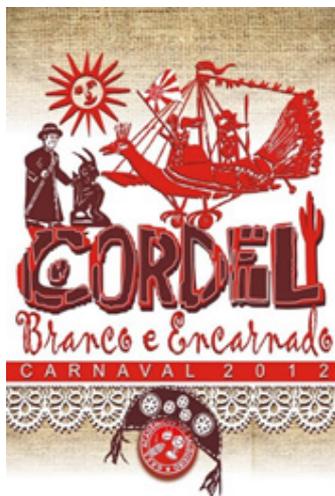


Imagem 38 - Logomarca do enredo da escola de samba carioca Acadêmicos do Salgueiro (2012).

Fonte: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/2012/>

Imagem 39 - Carro alegórico da escola de samba carioca Acadêmicos do Salgueiro. Homenagem ao Pavão Misterioso (2012).

Fonte: <http://tyba.com.br/>

No carnaval de 2023, a escola de Samba Imperatriz Leopoldinense usou a Literatura de cordel para montar o enredo do desfile das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro, consagrando-se a escola campeã. O tema do desfile foi: "O aperreio do cabra que o excomungado tratou com má-querença e o santíssimo não deu guarida", inspirado no folheto de cordel de José Pachêco "A chegada de Lampião no inferno".

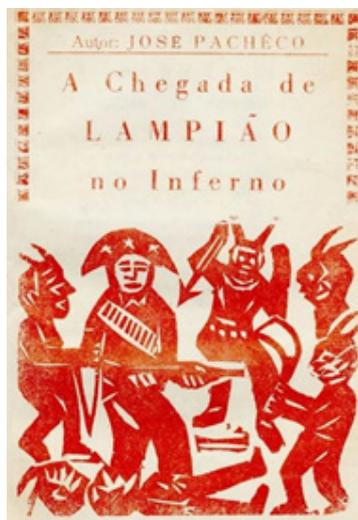


Imagem 40 - A chegada de Lampião no inferno, José Pachêco. Um dos cordéis nordestino que serviu de inspiração para o carnavalesco Leandro Vieira criar o enredo da Imperatriz Leopoldinense para 2023.

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2023/noticia/2022/06/03/imperatriz-leopoldinense-vai-contar-a-historia-da-chegada-de-lampiao-ao-ceu-e-ao-inferno-no-carnaval-de-2023.ghtml>.

A escola representou em suas alas os personagens que norteiam as histórias populares do nordeste brasileiro tão bem contadas nos folhetos de cordel. Teve a representação dos Repentistas e Cordelistas, em fantasias com tons terrosos, fazendo alusão ao barro. Foram usados desenhos de xilogravuras para estampar as fantasias e folhetos de cordéis para decorar os carros alegóricos. Foi uma mistura de cordel, nordeste, samba e a Sapucaí que deu tão certo e representou tão bem a Literatura de cordel.

Em dezembro de 2022 fui contratado pela prefeitura da cidade de Pilõezinhos para fazer a decoração de um evento que está no calendário do município, o Raízes do Brejo. São três dias de evento, de sexta a domingo, com apresentações musicais, espetáculos de dança e teatro e eventos esportivos e gastronômicos. Por acontecer no mês de dezembro, a decoração aborda também a temática natalina, e esta foi a exigência da prefeitura.

Movido pelo universo da pesquisa em Literatura de Cordel, criei um Presépio de Natal com os personagens tradicionais inspirados nos personagens de xilogravuras e o tradicional Trenó de papai Noel foi puxado pelo Pavão Misterioso. A decoração foi confeccionada com madeira (compensado) e pintado com tinta acrílica, tinta spray e verniz.



Imagem 41 - Decoração natalina. Praça central da cidade de Pilõesinhos, Dezembro de 2022.

Fonte: Acervo pessoal (2023).

1.3 O FOLHETO: O ROMANCE DO PAVÃO MYSTERIOZO

Vou abrir este folheto
Para uma linda história contar
Vai da Turquia para a Grécia
Numa velocidade que vale a pena destacar
Pois na busca de um romance
Vale enfrentar o medo em qualquer patamar.

Fala de paixão de dois humanos
Um caso lindo de apreciar
Evangelista o jovem moço
Pelo retrato da jovem viveu a contemplar
Era ela, a linda Creuza
Que um romance iria experimentar.

Mais detalhes dessa história
Vou agora lhes contar
Pois foi o mistério de um pavão de lata
Que o casal veio para ajudar
Levantando voo na Grécia
Para todo mundo se encantar.

(Geostenys Melo, Fev. 2023)



Imagem 42 - Folheto trabalhado durante o projeto. Capa do folheto O Romance do Pavão Mysteriozo. 4ª edição. **Fonte:** Tupynanquim Editora, Fortaleza, julho de 2019.

Esta xilogravura O Romance do Pavão Misterioso, acima apresentada, se tornou a mais conhecida entre os leitores de Folhetos de Cordel, passando a ser um dos aspectos que contribuem para que a versão de José Camelo de Melo Rezende seja a mais conhecida e a única a continuar a ser publicada em seu suporte original.

A obra O Romance do Pavão Misterioso é o maior clássico da Literatura de Cordel brasileira, escrita em 1923, por José Camelo de Melo Rezende, sendo o mais vendido do país e conhecido no mundo inteiro.

A palavra "romance", no título, significa dizer que tem 32 páginas, escrito em Sextilhas, com versos de sete sílabas, e a história diz respeito a uma aventura de amor e heroísmo. Trata-se da aventura de um rapaz, chamado Evangelista, que ao contemplar a beleza de Creuza, donzela mantida prisioneira desde a infância pelo Conde (seu pai), sente-se invadido por um forte desejo: tirar a moça do sobrado do Conde e fazer dela sua esposa. Evangelista foge com Creuza com a ajuda de um pavão mecânico feito de lata.

Diferente do que todos devem imaginar, o romance não conta a história de uma ave, mas sim de uma máquina inventada por um engenheiro conhecido por Edmundo. Para esta invenção, um aeroplano, o jovem Evangelista pagou a quantia de 200 contos de réis. Sobre

as características desse aeroplano, José Camelo descreveu:

*O grande artista Edmundo
Desenhou nova invenção
Fazendo um aeroplano
De pequena dimensão
Fabricado de alumínio
Com importante armação*

*Movido a motor elétrico
Depósito de gasolina
Com locomoção macia
Que não fazia buzina
A obra mais importante
Que fez em sua oficina.*

*Tinha cauda como leque
As asas como pavão
Pescoço, cabeça e bico
Chave, alavanca e botão
E voava igual ao vento
Para qualquer direção.*

Na verdade, a criação desse aeroplano foi uma invenção do próprio poeta José Camelo, um artista de vanguarda, um visionário talvez, pois nessa época, 1923, só havia sido inventado o balão de ar quente, em 1783; o balão dirigível, em 1852; o aeroplano 14 Bis, em 1906 e "o pavão misterioso" de José Camelo, seria um protótipo do que viria a ser o helicóptero, em 1938" (Redação do Jornalgggn.com.br). Em um artigo publicado em 2009, Farias (2010, p. 24) escreveu: [...] apresenta uma narrativa embebecida de novidades tecnológicas para o contexto de sua publicação. A invenção ainda possuía um mecanismo de grande qualidade operacional: tinha um botão que armava e desarmava a ave:

*Eu fiz um aeroplano
Da forma de um pavão
Que se arma e se desarma
Comprimindo um botão
E carrega doze arrobas
Três léguas acima do chão.*

É uma narrativa clássica, onde o bem vence o mal e o amor prevalece e está centrada nas ações dos personagens que enfrentam várias barreiras para viverem uma história de amor. O autor conduz uma história que mistura elementos do Oriente e da região Nordeste, narrando na história um antigamente sem referências de data e cheio de expressões do

linguajar nordestino.

A história se passa na cidade da Turquia e na Grécia, onde mora uma jovem Condessa chamada Creuza, uma linda moça que vivia trancada na torre mais alta de sua casa, mantida em cárcere por seu pai - o conde - desde a sua infância. Todos os anos a Condessa aparece apenas uma vez em público, na janela do seu quarto, no intervalo de uma hora, para que todos possam contemplar sua beleza, aparecendo só depois de um ano.

Residia na Turquia um viúvo capitalista, pai de dois filhos, o mais velho João Batista e o mais novo Evangelista. Após a morte do pai, os irmãos ficaram com a herança e assumiram os negócios da família. Em uma viagem à Grécia, João Batista traz como souvenir para seu irmão um retrato da moça mais bonita da Grécia e presenteia ele com esse retrato da jovem Creuza. Ao ver o retrato de Creuza, Evangelista se apaixona por ela e decide que ela seria sua esposa.

Evangelista viaja para a Grécia com o objetivo de conhecer a jovem e lá enfrenta muitas dificuldades para alcançar seu objetivo de se casar com Creuza, mas só consegue com a ajuda do engenheiro Edmundo e suas invenções, dentre elas, o pavão de alumínio que voava. A história tem toques de ficção quando o autor apresenta objetos que hoje fazem parte do nosso cotidiano, mas eram novidades

na época em que fora inscrita: a fotografia, a "serra azougada", a "banha amarela", o "lenço" e o telegrama, além do aeroplano misterioso que é a maior representação tecnológica da narrativa (TAVARES, 2008).

É uma história que remete aos contos de fadas, como Rapunzel, onde Evangelista tem que raptar Creuza do alto de uma torre para casar-se com ela e remete a Aladim, quando Evangelista recorre a ajuda de um objeto voador para alcançar a torre. O Conde dessa história se porta como aquele pai que protege a filha do casamento no desejo doentio de guardá-la para a própria contemplação, o que torna o Conde em um símbolo da maldade, do monstro, do opressor (TAVARES, 2008).

Após uma terceira tentativa de raptar Creuza, Evangelista entra no quarto da jovem e consegue convencê-la a fugir com ele para a Turquia em seu Pavão de alumínio. Já na Turquia, eles se casam e recebem um telegrama com a notícia que o Conde havia falecido de raiva, após a filha ter fugido para a Turquia.

*Logo que Evangelista
Foi chegando na Turquia
Com a condessa da Grécia
Fidalga da monarquia
Em casa de João Batista
Casou-se no mesmo dia.*

Em mais uma narrativa fantástica, o casal, após o casamento, recebe a herança do pai de Creuza e voltam para morar na Turquia, tornando-se Evangelista um Conde na cidade de Atenas. A felicidade da mãe de Creuza nos mostra o prazer em ver a felicidade da filha e a conclusão das histórias fantásticas onde o Bem vence o Mal.

*Disse a velha: -Minha filha,
Saíste do cativoiro!
Fizeste bem em fugir
E casar no estrangeiro!
Tomem conta da herança
Meu genro é meu herdeiro!*

O folheto O Romance do Pavão Mysteriozo é um misto de muita aventura, romance e ficção científica: uma mistura do novo com o velho, das tradições do Oriente e o jeito de falar no nordeste brasileiro, trazendo o pavão como enigma e condutor dessa história fantástica. Essa mistura é que deu a consistência para esse folheto que é tão pesquisado, estudado, reinventado e usado como suporte para os diversos segmentos da arte.

Sobre a palavra "Mysteriozo", no título do folheto, escrito com a letra "Y", não há registros sobre essa forma de escrita na capa do cordel, mas para justificar essa escrita vou me ater às seguintes deduções: poderia repre-

sentar a escrita da época relacionando a inscrição à representação do fonema e/ou a possibilidade de diferenciar o título do Cordel publicado por João Melchíades.

Em se tratando da parte da Gramática responsável por estudar os sons de uma língua falada, a Fonética, ao tratarmos de fonemas, estamos nos referindo à vocalização das sílabas e/ou letras. Neste caso, o "Y" na palavra "Mysteriozo", representa a vogal "I", já que foi traduzido do alfabeto grego como uma letra que tem o mesmo som, permanecendo assim nas palavras nas quais é utilizado, a exemplo de como era escrito a palavra "Parahyba".

O uso da letra "Y", pode ter sido mais um recurso assumido pelo poeta José Camelo, como forma de dar mais um destaque na capa de seu folheto, romantizando a escrita da palavra e reforçando a visualidade estética. Reforço que este é um pensamento meu enquanto pesquisador que se debruçou em um vasto material sobre a Literatura de cordel, em especial, o folheto base do estudo.

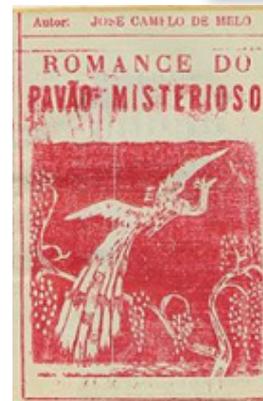
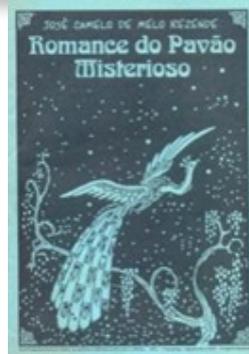
O mesmo se repete na letra "Z"; na palavra "misterioso" o "S" tem som de "Z", portanto a escrita correta na grafia atual é com a letra "S". Em regras gerais, escreve "S" entre vogais, assumindo o som de "Z" em palavras terminadas em "oso" (www.normaculta.com.br). O emprego do "Z" pode ter sido uma norma da grafia da época, ou o poeta quis dar mais uma

diferença gráfica na capa de seu romance.



Imagem 43 - Desenho resultado de oficina
Fonte: Acervo Pessoal

1.3.1 OUTRAS CAPAS DO FOLHETO



Imagens 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52 e 53 - Folhetos extraídos do site Memórias da Poesia Popular

Fonte: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2019/05/21/jose-camelode-melo-resende-folhetos/>

1.3.2 Adaptações

Essas adaptações são chamadas, por alguns pesquisadores, de representações da plasticidade cultural na movência das tradições.

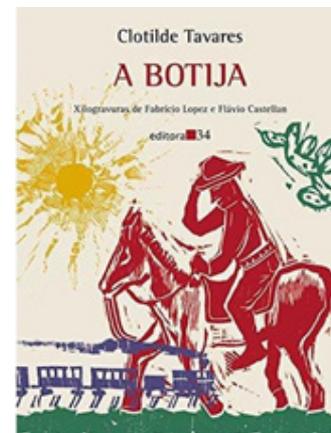
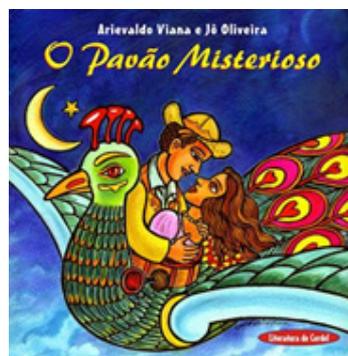
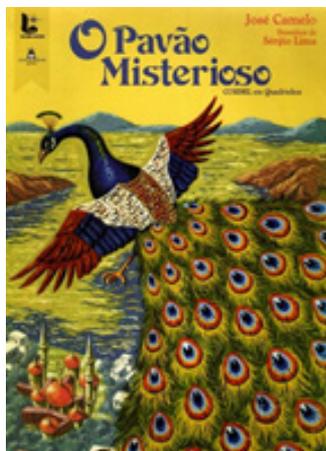
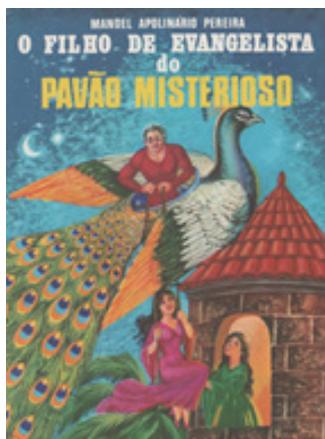


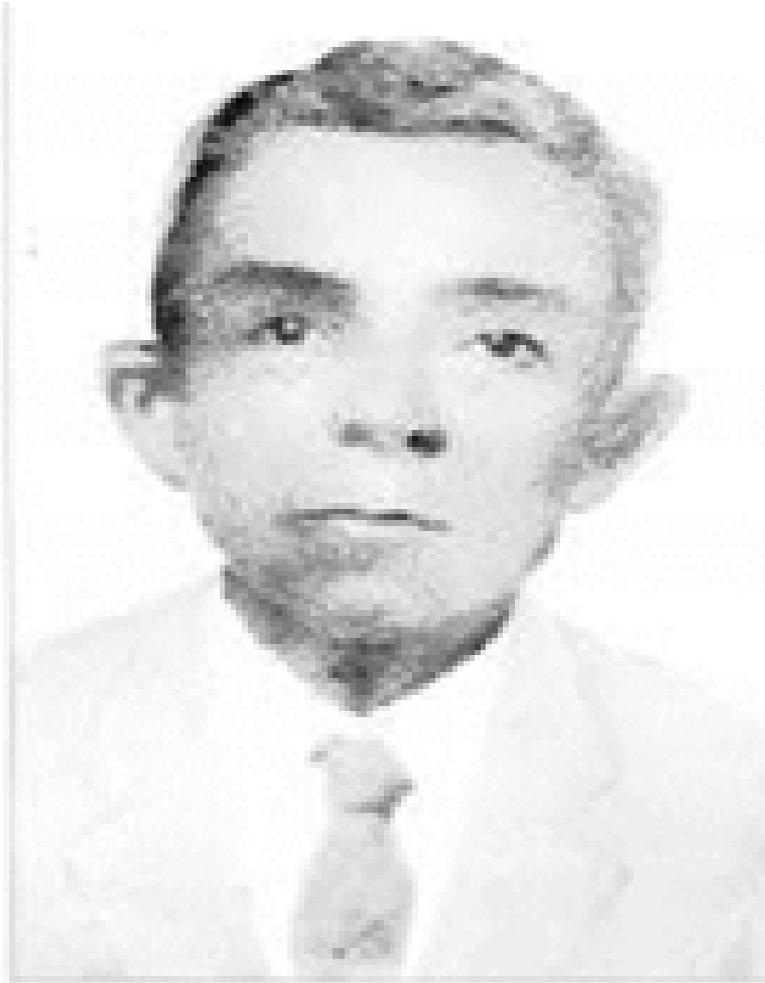
Imagem 54 - Manoel Apolinário Pereira
Fonte: Editora Luzeiro (Editoraluzeiro.com.br)

Imagem 55 - O Pavão Misterioso; cordel em quadrinhos. Desenhos de Sérgio Lima, Editora Luzeiro,
Fonte: Editora Tupynanquim. (Acervo pessoal)

Imagem 56 - Versão infanto-juvenil, do Romance do Pavão Misterioso de ERIEVALDO VIANA e JÔ OLIVEIRA, com referência aos dois pioneiros da história, José Camelo e João Melchíades
Fonte: Editora Tupynanquim. (Acervo pessoal)

Imagem 57 - Livro A Botija, adaptação de 3 cordéis dentre eles o Romance do Pavão Misterioso, da autora Clotilde Tavares.
Fonte: Editora 34, 2006. (<https://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=331>)

1.4 JOSÉ CAMELO DE MELO RESENDE, O POETA



"Eles são muitos, mas não podem voar."

(Ednardo - trecho da música Pavão Mysteriozo)

Imagem 58 - José Camelo de Melo Resende. Única foto que se tem de registro do poeta.

Fonte: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/jose-camelo-de-melo-resende/>

Nasceu em 13 de abril de 1885, no povoado de Pilõezinhos, na época distrito de Guarabira (PB) e faleceu em Rio Tinto (PB), em 28 de outubro de 1964. De família de agricultores, foi poeta popular, cantador, carpinteiro e xilógrafo.

O ano de 1923 é apontado como o marco inicial de suas atividades como poeta de bancada. Criava seus poemas, escrevia para não esquecer e depois os decorava para usá-los nas cantorias, "versando numa língua perfeita, com precisão da métrica e da rima que o distinguia da maioria dos poetas populares" (TUÍCA DO CORDEL, Luz de Fifó, 2011). O poeta não tinha a intenção de publicar seus poemas, assim como aconteceu com *O Romance do Pavão Misterioso*, sendo publicado anos depois.

Envolveu-se em problemas entre os anos de 1927 e 1929 e precisou fugir para o Rio Grande do Norte temendo ser preso. Segundo Aroldo Camelo, sobrinho de José Camelo (em depoimento prestado por e-mail a Arievaldo Viana), seu tio foi realmente preso na capital da Paraíba por porte de dinheiro falso. Esse dinheiro, segundo ele, teria sido repassado por um editor inescrupuloso de Recife-PE, que havia lhe comprado alguns originais. Nessa

época, o maior editor em atividade no Recife, talvez o único, era o também paraibano João Martins de Athayde (ARIEVALDO, *Acorda Cordel*, 2012).

Na ausência de José Camelo, o cantador Romano Elias¹², que tinha uma cópia do romance, apresentou-o a João Melchíades que reescreveu o tema e o publicou. Anos depois, José Camelo volta a Pilõezinhos e descobre o plágio. Inconformado, reescreve o romance, alterando as frases e rimas, mantendo a ideia original do romance proibido. Essa nova versão de José Camelo, não vendeu muitos exemplares como o escrito por João Melchíades¹³. Insatisfeito com o resultado negativo das vendas, José Camelo destruiu todos os exemplares que não foram vendidos. A polêmica sobre a autoria arrastou-se por anos, mas a criação intelectual de José Camelo é inconteste (HAURÉLIO, 2013, p. 93).

12 ROMANO ELIAS DA PAZ, nascido aos 25 de janeiro de 1903 em Mamanguape, foi um paraibano nômade, errante, sem fronteiras e sem partidos. Com mais de meio século dedicado à poesia popular. (<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/romano-elias-da-paz/>)

13 JOÃO MELCHÍADES FERREIRA, poeta nascido em Bananeiras-PB aos 07 de setembro de 1869 e falecido no dia 10 dezembro de 1933 (<http://acordacordel.blogspot.com/2012/02/maior-polemica-do-cordel.html>, Acesso: 03-01-2023 as 09:34)

Sobre esta situação do roubo da obra original - plágio, existe um poema que seria a introdução da nova versão de José Camelo, explicando o acontecido e preparando o leitor para acreditar na versão dos fatos explicados por ele (ARIEVALDO, Acorda Cordel, 2012).

*Quem quiser ficar ciente
Da história do pavão
Leia agora este romance
E preste bem atenção.
Que verá que esta história
É minha e de outro não.*

*Há muitos anos versei
Esta história, e muitos dias,
Fiz uso dela sozinho
Em diversas cantorias,
Depois dei a cópia dela
Ao Cantor Romano Elias.*

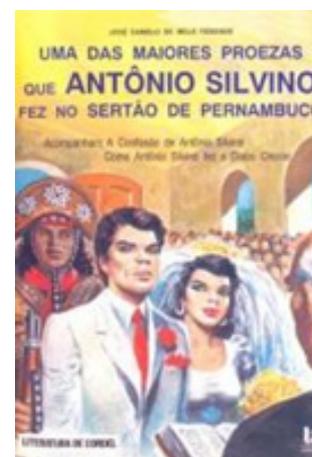
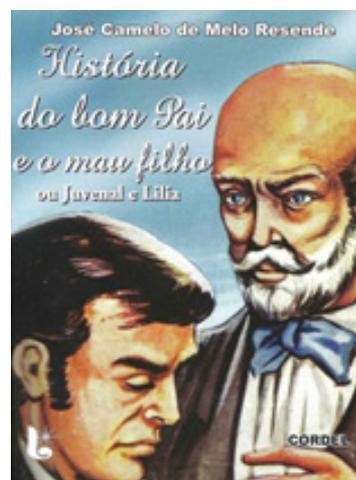
*O cantor Romano Elias
Mostrou-a a um camarada,
A João Melquíades Ferreira,
E ele fez-me a cilada
De publicá-la, porém,
Está toda adulterada.*

*E como muitas pessoas
Enganadas tem comprado
A diversos vendelhões
O romance plagiado
Resolvi levá-la ao prelo
Para causar mais agrado.*

*Portanto eu vou começar
A história verdadeira
Na estrofe imediata
E no fim ninguém não queira
Dizer que ela é produção
De João Melquíades Ferreira.*

Essa seria a introdução do cordel reescrito por José Camelo, para justificar e afirmar que seu texto teria sido roubado por João Melquíades Não se tem registros que comprovem a autenticidade deste texto.

José Camelo foi autor de outros romances, tais como: Aprígio Coutinho e Neusa; Co-co-Verde e Melancia; História de três cavalos encantados e três irmãos camponeses; O bom pai e o mau filho, Pedrinho e Julinha; Uma das maiores proezas que Antônio Silvino fez no sertão de Pernambuco.



Imagens 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65 e 66 - Capas de folhetos - José Camelo
Fonte: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/jose-camelo-de-melo-resende/>

2 O PROCESSO

Para iniciar o processo da prática artística deste projeto, foi aberta uma inscrição para os estudantes interessados em participar das oficinas de Arte, com o prazo de duração de uma semana. Os/As estudantes das turmas dos 9º A e B, inscritos nas oficinas, foram informados que as atividades iriam acontecer no turno da tarde (contra turno do/a estudante), em uma sala da escola, sempre às quartas-feiras, começando às 14:00 e finalizando às 16:00 horas. Como requisitos para a inscrição, os/as alunos/as teriam que entregar uma autorização assinada pelos pais - TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - este documento foi fornecido para os alunos), uma autorização assinada por eles - TCLE (Termo de Conhecimento Livre e Esclarecido) e precisavam demonstrar o interesse em apreciar o gênero de literatura de cordel, podendo ter tido algum contato prévio antes ou não.

Os/As estudantes que perderam esse prazo de inscrição, que durou uma semana, e os que não se encaixaram nesses requisitos ficaram de fora da seleção. Estabeleci como critério o interesse e a disponibilidade do/a estudante. 28 estudantes se inscreveram para participar do projeto, onde a ideia seria tra-

60



Imagens 67 - Poesia
Fonte: Acervo Pessoal

apenas 15, para se ter um melhor e mais detalhado acompanhamento desse experimento. Entretanto, concordei com esse quantitativo porque já conhecia o potencial artístico desses estudantes e sabia que iriam absorver as propostas para cada oficina.

A escola foi contemplada e agraciada com esse meu projeto, uma vez que as oficinas poderão futuramente ser aplicadas por outros/as professores/as em seus projetos pe-

dagógicos, tendo em vista que a recolha dos folhetos de cordel passará a fazer parte do acervo da biblioteca dessa escola. Para os/as estudantes, ficará em suas memórias a vivência das oficinas com as práticas artísticas, o conhecimento adquirido na parte teórica e o entendimento de pertencimento artístico e cultural, além do resgate dessa literatura milenar e, em específico, dessa obra literária tão importante.

2.1 O FOLHETO DE CORDEL NA SALA DE AULA

Acredito que a literatura de cordel precisa estar mais presente no cotidiano escolar, como produto artístico cultural e enquanto didática em sala de aula. Nesse sentido, levar a literatura de cordel para o ambiente escolar contribui para a formação de leitores, através de variadas abordagens metodológicas, para além de auxiliar na assimilação de conteúdos nas mais variadas disciplinas. Destaco aqui a fala de Marinho (2012, p. 125 apud Bosi, 1992), quando escreve que o "envolvimento com esse tipo de literatura popular se dá por uma relação amorosa". Tal reflexão trata da relação com o contexto histórico e a realidade social em que o leitor está inse-

rido, os relatos de vivências e experiências e contextos locais, proporcionando uma leitura e interpretação prazerosa por se aproximar de sua realidade.

Através da abordagem triangular, de Ana Mae Barbosa, as oficinas de arte seguiram a proposta da triangulação permitindo aos alunos a criação, a apreciação do produto e contextualização histórica. Para cada oficina, a triangulação foi adaptada, de acordo com a proposta de cada prática artística e a metodologia aplicada nas oficinas, uma vez que "[...] refere-se a uma abordagem eclética. Requer transformações enfatizando o contexto" (BARBOSA, 2010, p. 10).



Imagens 68 - Esquema da Proposta Triangular defendida por Ana Mae Barbosa, baseada em três pilares: contextualização histórica; apreciação artística; e fazer artístico.

Fonte: Barbosa (1987).

A prática artística foi realizada, também, utilizando a perspectiva dialógica freireana, em que os/as estudantes são levados a construir os seus conhecimentos através da socialização de suas vivências cotidianas. Nesse sentido, para dar maior ênfase ao fazer artístico dos/as estudantes, que é um dos focos do meu estudo, busquei subsídio em Paulo Freire, na reflexão que "Uma primeira condição a ser cumprida é que, necessariamente, devem apresentar situações conhecidas pelos indivíduos cuja temática se busca, o que as faz reconhecíveis por eles, possibilitando, desta forma, que nelas se reconheçam. (FREIRE, 2011, p. 150)

A partir do contexto que se vive e se constrói a leitura de mundo, nessa perspectiva, Dewey (2010, p. 80) assegura que a criatura - a pessoa que experimenta a arte - "em vez de tentar viver do que quer que tenha sido obtido no passado, ela usa os sucessos anteriores para instrumentar o presente." Nessa perspectiva, compreendo que o ato de apreciar as histórias dos folhetos de Cordel vai além de uma simples leitura literária, facilita vivenciar os acontecimentos narrados no texto e fazer uma relação com o cotidiano do leitor/ouvinte que, na maioria das vezes, está inserido na narrativa. De acordo com Freire (p. 77, 1992), consideramos que "ler seriamente textos termina nos ajudando a compreender como a

leitura, enquanto estudo, é um processo amplo, exigente de tempo, de paciência, de sensibilidade, de método, de decisão e de paixão de conhecer". O mesmo acontece com as imagens contidas nos folhetos, em sua maioria, as xilogravuras, gravadas nas capas dos folhetos, trazem o registro imagético da narrativa, e fazer a leitura da imagem da capa é mais um recurso didático dos folhetos de cordel.

Conforme venho apresentando, a proposta dessa pesquisa é a Literatura de Cordel como metodologia de ensino-aprendizagem de Arte na escola, no intuito de dinamizar as aulas envolvendo os/as estudantes no universo literário dos folhetos. Nesse sentido, concordamos com Marinho (2012, p. 11-12), na defesa de que "a literatura de cordel ou folheto deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística".

As diferentes linguagens das Artes Visuais usadas nas oficinas possibilitaram a dinâmica e o interesse dos/as estudantes, oportunizando-lhes liberdade na criação e dando sentido às escolhas de representações dos seus cotidianos. "Na sala de aula, a criação artística parte de linguagens. São as maneiras de transformar ideias em formas visuais" (PEREIRA, 2010, p. 10).

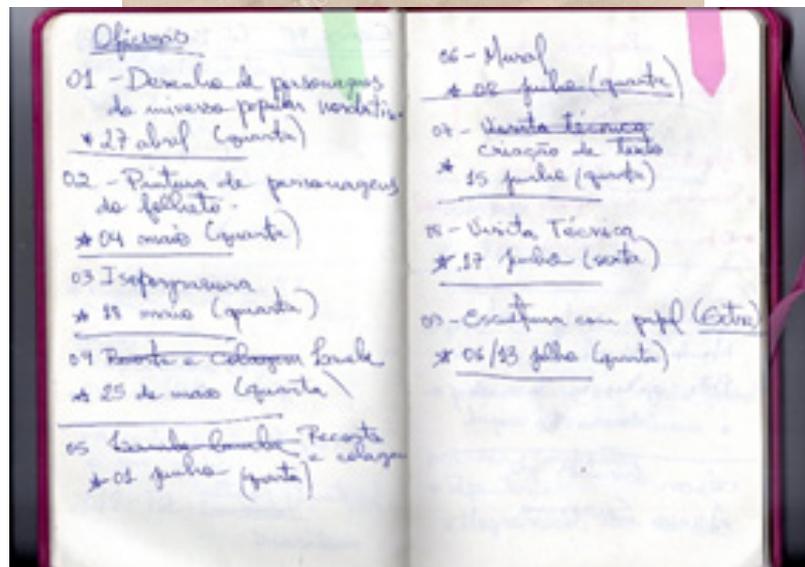
Marinho (2012, p. 12) assegura que:

Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações.

Destaco ainda que a importância das confluências oportunizadas em sala de aula é uma forma de socializar as vivências e o cotidiano de cada estudante, do/a professor/a, da sociedade, da tradição local. É um intercâmbio de saberes construídos dentro da família, no pátio da escola, nas redes sociais e no grupo social onde o/a estudante está inserido.

2.2 REGISTRO DAS OFICINAS

A seguir, será descrito a execução das oficinas artísticas; o processo, os experimentos e as particularidades. Esse registro foi feito com base nas trocas entre professor e estudantes que resultou em um manual de orientação mencionado anteriormente.



Imagens 69 - Registro de oficinas
Fonte: Acervo Pessoal

Data: 27 de abril de 2022, às 14:00



Oficina 1 - Desenho de memória.	Desenho de personagens e paisagens do universo popular nordestino.
Objetivo Geral:	Explorar o desenho de memória, facilitando a percepção e a compreensão de estudantes para revelar e potencializar as suas habilidades.
Conteúdo	Linhas no desenho.
Espaço Físico:	Sala de aula.
Quantidade de aulas	02 aulas
Habilidades da BNCC	(EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.
Materiais utilizados:	folhas de papel sulfite tamanho A4, lápis grafite 2B, caneta hidrográfica e/ou esferográfica, borracha macia, datashow.
Técnica empregada:	Desenho de memória.

Quadro 2 - Oficina Desenho de memória
Fonte: Elaboração própria (2023).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º Momento da oficina

Recepcionei os alunos em sala de aula e fiz os devidos agradecimentos por terem aceito meu convite para participar das oficinas no contra turno e por estarem ali dispostos a aprender e experimentar arte.

A proposta inicial do projeto seria trabalhar com 15 alunos, selecionados previamente, a partir de seus interesses e disponibilidades. Inscreveram-se 28 alunos. Pelo interesse demonstrado por todos, decidi trabalhar com essa quantidade de alunos como forma de não excluir nenhum dos inscritos, oportunizando o acesso à arte e a cultura popular, através das oficinas.

No primeiro dia de Oficina/Experiência artística, iniciei com uma conversa informal e em seguida a exibição de slides em PowerPoint projetados no quadro branco, contendo um breve apanhado sobre a cultura popular local e regional, para situar os alunos quanto à abrangência do estilo literário que iríamos trabalhar. Apresentei a literatura de cordel através da contextualização de sua origem na Europa até a chegada ao Brasil e sobre a importância cultural e didática dos folhetos.

Nos slides apresentados haviam imagens da prática do entalhe na madeira, ressaltando

a importância da Xilogravura nesse processo artístico dos folhetos. Na sequência dos slides, também apresentei os folhetos pendurados em cordões nas feiras livres, explicando a origem do nome cordel, conforme as ilustrações abaixo.

Após a exibição dos slides, apresentei alguns cordéis que recolhi no início dessa pesquisa. Folhetos de diversos autores e variadas temáticas, incluindo, exemplares do folheto O romance do Pavão Misterioso. A intenção foi fazer com que os alunos tivessem o primeiro contato com essa literatura através de vários títulos e não apenas o folheto focal da minha pesquisa. O intuito maior foi proporcionar essa diversidade para que eles tivessem liberdade, nesse momento, de escolher e apreciar o folheto que mais lhe chamasse atenção.



Imagens 70 - Baú do Cordel
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Coloquei o baú do Cordel em cima da mesa e pedi que os alunos abrissem e pudessem manusear os cordéis. Este baú foi confeccionado por mim usando uma caixa de papelão com a técnica da papietagem, inspirado nas malas de madeira usadas pelos cordelistas - Batizei com o nome de Baú do Cordel.

Após alguns minutos de contemplação e manuseio, comecei a indagá-los perguntando o que acharam dos folhetos: sobre o formato, a textura, as capas, o cheiro - uns tem cheiro de novo, cheiro de tinta, outros mais velhos, cheiro de algo guardado, cheiro de tempo.



Imagens 71 - Alunos manuseando os folhetos de cordel, 27 de abril de 2022.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Ficaram contemplando os folhetos por algum tempo e lendo pequenos trechos. Em seguida, conversamos sobre as impressões que cada um teve sobre o folheto, o estilo textual, as rimas, as histórias, os personagens, as situações engraçadas, a linguagem coloquial.

Sobre a leitura do cordel em sala de aula, Marinho (2012, p. 12) afirma que: "o objetivo de levar os folhetos para a sala de aula não é o de formar poetas e sim leitores". Segundo esta pesquisadora, os poetas se formam a partir de uma ampla e significativa experiência de leitura, nesse caso específico a Literatura de Cordel entra nas aulas de arte como recurso didático para revelar o imagético, mas se a escola contribuir com essa formação de possíveis escritores, estará cumprindo o seu papel.



Imagens 72 - Alunos lendo os Folhetos de Cordel - Oficina de Desenho, Escola Marlene Alves Mendes, 27 de abril de 2022.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Após esse primeiro contato e apreciação desse estilo literário (esse foi o primeiro contato para boa parte dos alunos), concentramos a atenção para o folheto base para essa pesquisa, O Romance do Pavão Misterioso, de José Camelo de Melo Resende, escrito em 1923. Fiz a leitura da primeira página do folheto e sob os olhares atentos, pude perceber o interesse que tinham em conhecer mais sobre essa fan-

tástica história de amor. Sobre apreciar as histórias dos folhetos de Cordel, Melo (2020, p. 29) destaca:

Entendo, tanto o folheto quanto a xilogravura como suportes materiais de narrativas, que resultam de um processo criativo e emergem como produto a ser oferecido e consumido por variada clientela que se propõe tanto a ler quanto contemplar.

O estudante A, o mais engraçado, inquieto e ansioso da turma e que sempre fez perguntas sobre o tema abordado, faz a seguinte indagação:

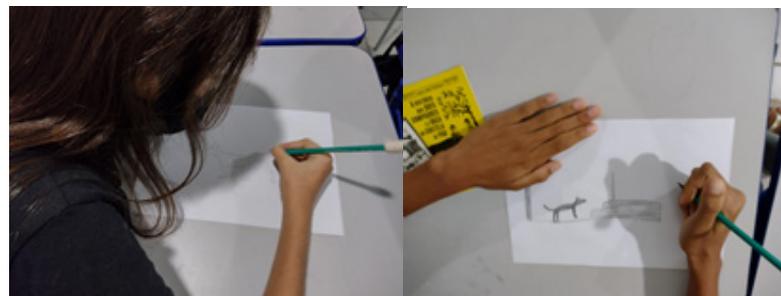
-Professor, no final da história eles se casam? Respondi: - Calma **A**, vamos ler a história para descobrir qual será o final. Se será um final feliz ou triste.

A insiste: - Se é um romance, acredito que tem um final feliz.

A ideia seria continuar lendo o folheto na aula seguinte, mas devido a insistência e curiosidade do estudante **A**, avancei mais duas páginas na leitura. Sugeri que o folheto fosse lido em casa, e deixei que levassem os exemplares. Ficou acordado que iríamos discutir mais sobre o Romance do Pavão Mysterioso no segundo dia de oficina.

2º MOMENTO DA OFICINA

Distribui folhas de papel sulfite, lápis e borracha e orientei os alunos que desenhassem paisagens e personagens das histórias populares, personagens do cotidiano, que buscassem na memória os personagens reais e representassem eles no papel. Deixei que os alunos produzissem seus desenhos de forma espontânea e orientei que ficassem livres para desenhar quem eles quisessem: personagens reais de suas vivências ou criados naquele momento. Para aguçar a criatividade e entrar no clima da cultura popular, coloquei músicas do Quinteto Armorial¹⁴ em uma caixinha de som, com volume ambiente para não atrapalhar a concentração.



Imagens 73 - Alunos desenhando após orientação do professor - Oficina de Desenho, Escola Marlene Alves Mendes, 27 de abril de 2022.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

14 O Quinteto Armorial surgiu no contexto do Movimento Armorial, idealizado pelo escritor Ariano Suassuna, que abrigou entre suas manifestações trabalhos nas áreas da gravura, pintura, tapeçaria, cerâmica, escultura, poesia, romance, teatro e música

Enfatizei que o objetivo da atividade não seria escolher o melhor desenho - tenho alunos com excelente aptidão para o desenho e outros não - e que o mais importante seria a produção dos desenhos inspirados nos personagens do cotidiano de cada aluno, tão bem representados nos folhetos de cordel.

3º MOMENTO DA OFICINA

Depois de desenhar com o lápis, os/as estudantes cobriram os desenhos com caneta hidrográfica e esferográfica, colorindo o desenho apenas com a cor preta¹⁵, para fazer referência às ilustrações de xilogravuras dos folhetos de cordel¹⁶ (as imagens de capas de cordéis foram vistas na exibição dos slides no início da aula). Alguns estudantes produziram os desenhos com base nos folhetos manuseados no início da aula, outros criaram os seus com base nas referências familiares e do cotidiano.

O resultado foi surpreendente: todos participaram de forma satisfatória, desenhando personagens e cenários bem marcantes

e de fácil reconhecimento.



Imagens 74 - Resultados dos desenhos- Oficina de Desenho. Escola Marlene Alves Mendes, 27 de abril de 2022.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

4º MOMENTO DA OFICINA

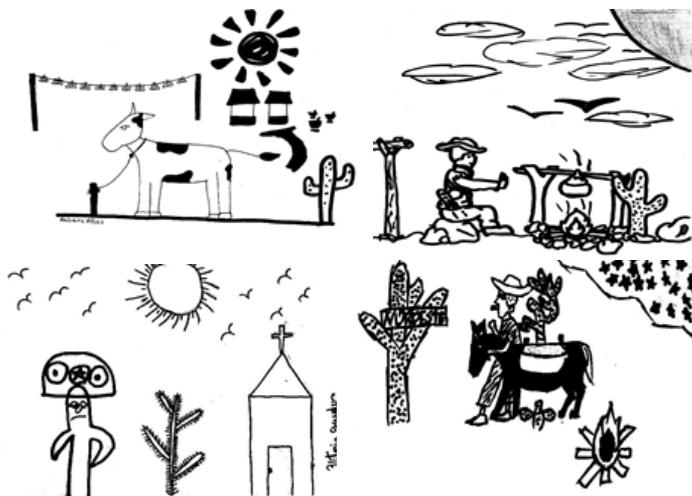
Iniciamos esse momento espalhando os desenhos sobre as mesas para que todos pudessem observar a produção individual. Pedi aos alunos/as que comentassem o desenho do colega, oportunizando a fala para cada aluno. Fiz as seguintes perguntas: O que o desenho representa? Ele lembra alguém ou algum lugar que você conhece? Você se reconhece nesse desenho? O objetivo dessa dinâmica de perguntas, seria ouvir as mais diversas respostas ao

¹⁵ Quando criada a técnica de impressão usando a madeira como suporte, as chamadas Xilogravuras, a tinta usada era de densidade pastosa, líquida como mel, típica de países de clima frio. Feita em pigmento, gordura, negro de fumo, geralmente de cor preta, possui uma secagem demorada na madeira, no metal e nos tipos metálicos usados nos primórdios da imprensa. São misturadas por uma espécie de verniz ou veículo da tinta, geralmente constituído por óleo de linhaça. Com a industrialização das tintas, o material usado para impressão de xilogravuras atualmente são as tintas gráficas, a base se óleo. (<https://memorial.org.br/xilogravura-pensamentos/>).

¹⁶ A xilogravura em preto-e-branco é a forma mais elementar, conhecida e difundida da impressão com madeira. É simples, imediata, mais barata e ideal para reproduções em larga escala, como é o caso dos cordéis nordestinos e, anteriormente, dos livros ilustrados e impressos tipograficamente. (<https://xiloma.tumblr.com/post/119899614216/trazer-cor-a-xilogravura-a-xilogravura-em>)

mesmo tempo que eu direcionava os questionamentos relacionando-os com a vivência de cada aluno.

Nessa oportunidade, abordei a questão da composição nos desenhos, enfatizei sobre como usar os níveis alto, médio e baixo; quando os desenhos precisam estar em linha horizontal ou vertical; se os desenhos precisam de movimento¹⁷. Tais observações foram necessárias por se tratarem de normas de desenho técnico e que podem contribuir para o aperfeiçoamento das próximas composições, que porventura vierem a realizar.



Imagens 75 - Resultados dos desenhos- Oficina de Desenho, Escola Marlene Alves Mendes, 27 de abril de 2022.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

A primeira oficina foi iniciada pela parte teórica, mostrando a origem do cordel e sobre esse estilo literário, a técnica de criação de uma xilogravura e só depois foi realizada a parte prática, que foi a criação de desenhos com personagens do universo nordestino. A escolha por iniciar pela teoria, em vez da prática, se deu para ofertar aos alunos a noção introdutória sobre a origem do cordel e também por não haver regras quanto a aplicabilidade da triangulação defendida por Ana Mae (2010).



¹⁷ O ponto principal do movimento no desenho é mostrar energia e ação. O uso de linhas e sombras é uma boa forma de colocar os personagens em movimento.

Data: 04 de maio de 2022, às 14:00.

Oficina 2 - Pintura.	Pintura dos personagens do folheto de cordel - Referências das xilogravuras)
Objetivo Geral:	Desenhar e Pintar os personagens presentes no folheto de cordel inspirados na xilogravura.
Conteúdo	Xilogravuras de J. Borges (José Francisco Borges)
Espaço Físico:	Sala de aula.
Quantidade de aulas	02 aulas
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Materiais utilizados:	folhas de cartolina (ou o papel disponível na escola) lápiz grafite 2B, borracha, tinta guache de cor preta, pincel fino (tipo escolar), datashow.
Técnica empregada:	Pintura (Referência das xilogravuras)



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º Momento da oficina

A introdução dessa oficina se deu a partir de uma pergunta sobre o que os/as estudantes acharam do folheto que levaram para ler em casa, como sugerido na oficina anterior: "Romance do Pavão Mysteriozo".

Sobre a resposta em relação à leitura do cordel feita em casa, ouvi alguns "gostei", outros falaram "massa" e, ainda, outros disseram "não tive tempo de ler". As respostas de certa forma me inquietaram, pois tive a impressão que a história não havia sido absorvida ou mal interpretada. Para instigar que falassem mais sobre a leitura para perceber o entendimento dos/as estudantes acerca do cordel, perguntei sobre os personagens: Quem são? O que fazem? Como termina a história?

A estudante A comentou: -É mais uma história de romance proibido que dá certo no final.

O estudante B completa: -O pai da moça é sempre "brabo"!

O estudante C comenta: Eu gostei muito da história porque tem aventura, suspense e romance. Lembra as histórias de Rapunzel e Aladim, onde a moça ficava presa na torre do castelo.

O estudante D completou: Bom que tem a perseguição dos soldados do Conde atrás de Evangelista.

A maioria do grupo se dispôs a falar sobre o folheto de cordel. Enquanto outros, talvez por timidez ou por falta de entendimento do enredo, não teceram comentários.

2º Momento da oficina

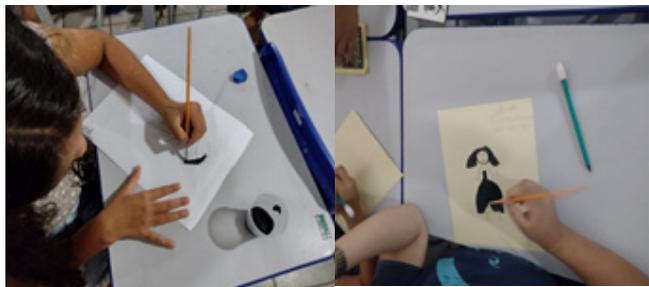
Dando continuidade, pedi que um voluntário fosse até o quadro branco para escrever os nomes dos personagens do folheto. O aluno X teve a iniciativa e foi escrever a lista dos personagens contidos no folheto. Os demais alunos ajudaram ditando os nomes de cada personagem e quem eles eram na história, vide quadro abaixo:

Personagem	Papel na história
Viúvo	Turco, pai de João Batista e Evangelista
João Batista	O filho mais velho
Evangelista	O filho mais novo
Creuza	A jovem mais bela da Grécia
O Conde	O pai da jovem Creuza
A Condessa	A mãe da jovem Creuza
Doutor Edmundo	O engenheiro que construiu o aeroplano: o Pavão Mysteriozo - o Pássaro de Lata

Quadro 4 - Lista de personagens do folheto
Fonte: Elaboração própria (2023).

3º Momento da oficina

Solicitei que os/as estudantes, por meio do desenho, descrevessem os personagens numa folha de sulfite. Esta atividade instigou a busca por referências pessoais para ajudar na materialização visual dos personagens. Após cada desenho criado, solicitei que eles pintassem os personagens com a tinta guache de cor preta, para fazer referência a cor original das xilogravuras. A dificuldade dos/as estudantes foi como administrar o preto para colorir um desenho. Para facilitar a compreensão sobre a utilização da cor preta, projetei mais uma vez os slides com imagens de algumas gravuras.



Imagens 76 - Resultados dos desenhos de personagens do cordel - Pintura com tinta guache preto - Oficina de pintura de personagem, Escola Marlene Alves Mendes, 04 de maio de 2022. **Fonte:** Acervo Pessoal (2023)

A tinta utilizada na pintura foi a guache para que o processo de secagem fosse mais rápido, facilitando o trabalho de pintura.

Na sequência, foi feita a socialização dos desenhos produzidos durante essa oficina. Espalhei as pinturas de forma que todos/as pudessem visualizá-los. Seguindo a proposta triangular defendida por Ana Mae Barbosa, após a prática artística, a dinâmica seguiu apreciando cada desenho e pedi que buscassem os referenciais que cada estudante trouxe para sua criação - das figuras presentes na família, na comunidade ou em personagens folclóricos.



Imagens 77 - Resultados dos desenhos de personagens do cordel - Pintura com tinta guache preto - Oficina de pintura de personagem, Escola Marlene Alves Mendes, 04 de maio de 2022. **Fonte:** Acervo Pessoal (2023)

Data: 18 de maio de 2022, às 14:00.

Oficina 3: Gravura com Isopor.	Confecção de matriz de gravura com isopor.
Objetivo Geral	Experimentar o processo de gravação de imagem no papel, usando o isopor como suporte.
Conteúdo	Xilogravuras de J. Borges (José Francisco Borges)
Habilidades da BNCC	(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.
Espaço Físico	Sala de aula
Quantidade de aulas	02 aulas
Materiais utilizados	folhas de cartolina caneta esferográfica, lápis grafite 2B, borracha, bandejas de isopor, tinta guache de cor preta, pincel fino, rolinho de pintura, datashow.
Técnica empregada	Gravura com Matriz de isopor

Quadro 5 - Oficina de gravura
Fonte: Elaboração própria (2023).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Pelo calendário de execução do projeto, o terceiro dia de oficina seria o dia 11 de maio, porém nesse dia foi marcado pela coordenação da escola, em caráter de urgência, uma reunião com todos os professores e equipe pedagógica, para tratar de assuntos referente ao resultado das últimas provas bimestrais. Portanto, a terceira oficina aconteceu no dia 18 de maio.

1º Momento da oficina

Essa seria a oficina que deveria criar expectativas diversas por parte dos/as estudantes, por se tratar de semelhanças com a técnica da Xilogravura, que é a parte visual de um folheto. Experimentamos uma técnica que imita a de gravura com entalhe em madeira¹⁸, usando pratinhos de isopor¹⁹ das embalagens descartáveis para ser o suporte substituto da madeira²⁰.

A oficina começou com a exibição de um vídeo²¹ com imagens da técnica de entalhe na madeira - a sequência de imagens no filme segue a ordem de produção de uma xilogravura, para que todos/as pudessem entender o passo a passo do processo de criação de uma gravura com matriz em madeira. Na sequência, mostrei slides de outras técnicas de gravura como a linóleogravura, a gravura em metal e a gravura em papel.

18 As gravuras talhadas em madeira (imburana, cedro ou pinho) as chamadas "matriz", possibilitam aos artistas populares o domínio de todo o processo de edição dos folhetos. Os desenhos acompanham o conteúdo do folheto. [...] Marinho, O cordel no cotidiano escolar - São Paulo: Cortez, 2012.

<https://cursos.faber-castell.com.br/blog/proporcao-movimento-e-poses-dinamicas-voce-conhece-a-arte-de-desenhar-o-corpo-humano->

19 Pratinhos de isopor de embalagens de produtos - Usar esse tipo de material alternativo em atividades escolares reforça a ideia de Reciclar e Reutilizar materiais que seriam descartados dando-lhes outras funções, além de ser um material de fácil acesso, independente de classe social e poder aquisitivo, pois esse tipo de embalagem é fácil de se ter em casa.

20 https://www.google.com/search?q=produzindo+uma+xilogravura&source=lmns&tbm=vid&bih=625&biw=1366&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKE-wi2mtLZw6_9AhVLB7kGHfyODxMQ_AUoAXoECAEQAQ#fpstate=ive&vld=cid:96dd929c,vid:4p96AW05Kgw

21 <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2022/05/xilogravura-maestria-da-madeira>

2º Momento da oficina

A técnica com a bandeja de isopor se deu da seguinte maneira: primeiro os/as estudantes fizeram o desenho no fundo da bandeja (previamente pensado com base nos desenhos das oficinas anteriores) e depois recortaram as laterais da bandeja para facilitar na hora de carimbar. Na sequência, com um lápis/caneta, riscaram de maneira mais forte no isopor, desgastando e criando um baixo relevo.



Imagens 78 - Preparando a base para a Isogravura.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

3º Momento da Oficina

Com a ajuda de um rolinho de pintura, colocaram a tinta guache de cor preta na bandeja de isopor, na área onde foi feito o desenho. Funcionou como uma pintura na parte

negativa do desenho, que é o fundo ou o espaço que circula o desenho principal. O desenho do personagem que ficou em baixo relevo não recebeu tinta, portanto não aparece na hora da impressão/carimbo. Esta ação segue o mesmo processo de uma xilogravura de matriz em madeira.



Imagens 79 - Colocando tinta na base da gravura, Maio de 2022

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

4º Momento da Oficina

Impressão da gravura. A ação se deu de forma a pressionar o isopor em uma folha em branco, funcionando como um carimbo. Foi um trabalho que exigiu paciência e delicadeza, pois o isopor poderia escorregar na folha e a gravura sairia borrada. Retirar o isopor do papel também exigiu os mesmos cuidados.

De toda área da gravura impressa na cor preta, ficou visível o desenho em contornos brancos, sendo justamente a área que não recebeu a tinta, o baixo relevo no isopor.



Imagens 80 - Usando um rolinho para aplicar a tinta no isopor. Pressionar o isopor no papel para gravar a imagem, Maio de 2022.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Como a oficina se baseia no "experimentar uma técnica" usando material alternativo, o resultado pode ter diversos caminhos diferentes, e o que mais importa são esses experimentos com técnicas diversas e todo o processo da atividade. Abaixo, um quadro listando os resultados obtidos com as diferentes perspec-

tivas:

1	<p>O excesso de tinta aplicada no isopor causou borrões nos desenhos.</p> <p>-Quando experimentamos atividades de arte em sala de aula com os/as estudantes, devemos estar preparados para qualquer tipo de resultado, seja ele desejado ou não.</p>
2	<p>A pouca quantidade de tinta aplicada no isopor deixou falhas no desenho carimbado.</p> <p>-Experimentar novas técnicas e suportes nas aulas de arte, deve ser um exercício constante, pois na maioria das vezes, um erro pode ser uma descoberta de uma nova técnica.</p>
3	<p>A força impressa com as mãos na hora de carimbar os desenhos no papel também interferia na impressão.</p> <p>-Sempre vai acontecer resultados diferentes em uma sala de aula, mesmo aplicando a mesma técnica artística. Essas diferenças podem ser uma interferência do humor, da personalidade e nesse caso específico, a força física impressa durante a atividade.</p>
4	<p>Usamos a tinta guache de cor preta para fazer as impressões. Era a tinta mais acessível para se trabalhar em sala de aula, devido ao seu manuseio e valor financeiro. Porém, os resultados não foram muito satisfatórios por se tratar de uma tinta à base de água. A impressão não ficou uniforme, deixando partes da gravura mais transparentes.</p> <p>-Quando existem outros tipos de materiais disponíveis na escola para fazer testes durante as atividades, é importante que o professor use todos os recursos possíveis.</p>

5	Após algumas tentativas, com a noção da quantidade de tinta e em função da pressão da força da mão no isopor, os desenhos carimbados foram ficando mais visíveis. -Fazer testes, experimentando outros tipos de materiais, a quantidade de tinta e a pressão da força, pode-se chegar a resultados esperados.
6	Os desenhos que tinham os contornos mais grossos, ficaram mais visíveis. -Importante compartilhar com os estudantes os acertos e os erros da técnica empregada, para que sejam melhorados em uma outra tentativa.
7	Os borrões e manchas obtidos nas impressões, fazem parte do ato de carimbar-friccionar o isopor no papel. -Deixar claro para os alunos que o processo (o experimentar uma nova técnica) foi mais importante que o produto final.

Quadro 6 - Resultado da técnica de gravura
Fonte: Elaboração própria (2023).

5º MOMENTO DA OFICINA

Usando mais uma vez a proposta triangular de Ana Mae Barbosa (2010), no início da oficina, os alunos assistiram um vídeo e tiveram acesso a produção de uma xilogravura usando a madeira como suporte. Logo após, fizeram a prática artística, experimentando a Isogravura, sendo as bandejas de isopor o su-

porte para essa atividade. Na sequência, fizemos a apreciação dos resultados das gravuras estampadas no papel. Organizei as matrizes de isopor e as impressões no papel, de forma que pudesse ser observada por todos os alunos. Quanto aos comentários sobre os resultados:

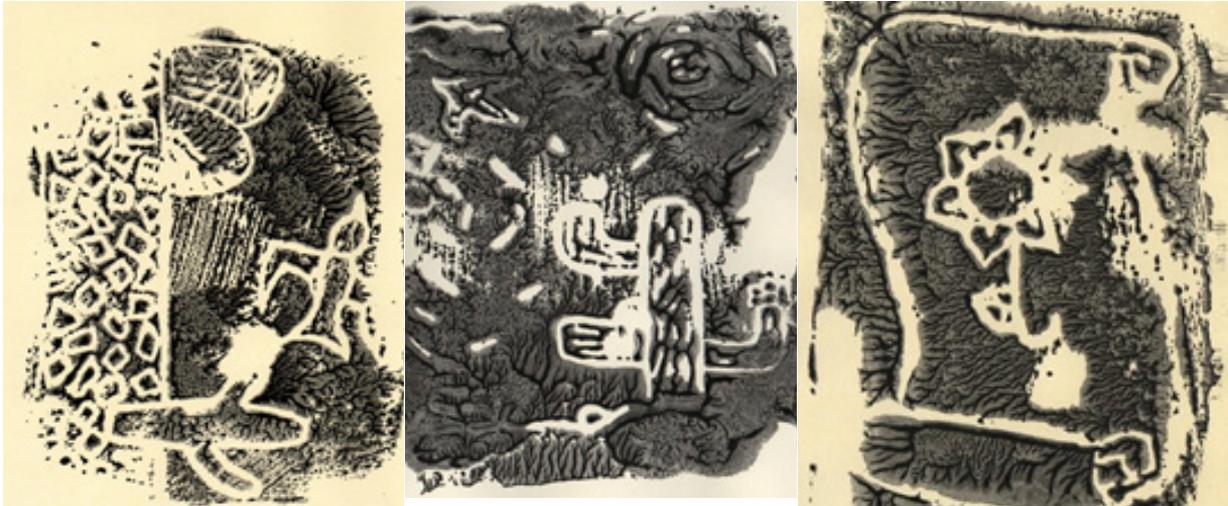
Estudante A: (risos) A minha gravura ficou muito engraçada. Saiu toda borrada, não dá para entender o desenho.

Estudante B: O meu só dá para entender a flor.

Estudante C: O meu desenho dá para entender bem.

Estudante D: O meu ficou bom. Dá para ver tudo.

Por se tratar de um experimento artístico, essas inquietações dos/as estudantes já eram previstas, pois poderia dar certo ou não. Esses experimentos em sala de aula também auxiliam o professor quando for reproduzi-lo outra vez, baseado no que não funcionou, pode-se substituir materiais e aprimorar a técnica.



Imagens 81 - Impressões das gravuras no papel.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)



Imagens 82 - Matrizes em isopor
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Data: 25 de maio de 2022, às 14:00.

Oficina 4 - Cartazes lambe-lambe	Colorindo a rua com as cores do Pavão
Objetivo Geral	Produzir e compreender o processo de comunicação visual através de cartazes tipo lambe-lambe, usando materiais disponíveis na escola.
Conteúdo	Comunicação visual: cartazes pôster-bomber
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Sala de aula / Ruas da cidade
Quantidade de aulas	02 aulas
Materiais utilizados	folhas de papel sulfite tamanho A4, papel colorset - papel colorido, caneta esferográfica, lápis grafite 2B, borracha, jornais, revistas, imagens diversas (impressas com a temática Cordel), cópia dos personagens criados pelos alunos em oficinas anteriores bandejas de isopor, cola branca, rolinho de pintura máquina de fotocópias data-show
Técnica empregada	Recorte e colagem de papel



Quadro 7 - Oficina de recorte e colagem.
Fonte: Elaboração própria (2023).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

Iniciei a oficina apresentando imagens de cartazes Pôster-Bomber ou Lambe-Lambe²², como são popularmente conhecidos, projetados no quadro, utilizando o data-show. Fiz uma seleção de imagens com os diversos tipos de materiais e técnicas para criar um lambe-lambe. Expliquei a origem, como foi propagado e mostrei alguns artistas que usam a rua como espaço de criação de arte. Fiz um breve apanhado sobre arte de rua e a importância dos cartazes pôster-bomber, nesse contexto, e ainda fiz um alerta diferenciando a arte de rua da poluição visual nos espaços públicos.

Mostrei imagens de cartazes pôster-bomber usados na decoração de interiores e ainda em exposições de galerias de arte. Aproveitando as imagens, perguntei aos alunos quais as sensações que os cartazes pôster-bomber provocavam neles e o que eles entendiam em cada imagem exibida. Mencionei a importância dos pôster-bomber em ações sociais e políticas, enfatizando a excelência da arte como ferramenta social.



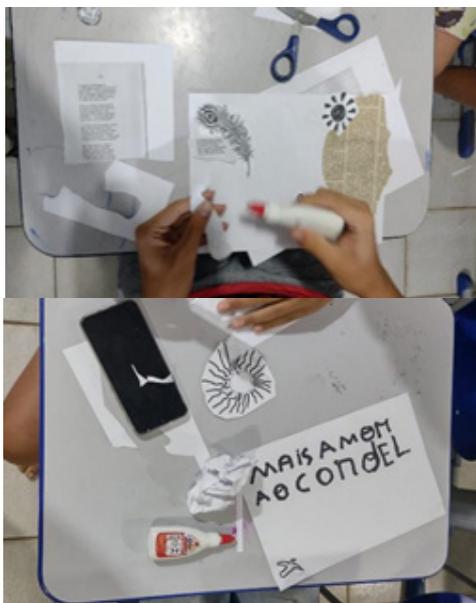
Imagens 83 - Exibição de slides.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

2º MOMENTO DA OFICINA

Após uma conversa informativa e ilustrada, demos início à criação dos cartazes. Ficou claro para os/as estudantes que eles iriam criar imagens que falassem da importância da Literatura de Cordel, em especial, O Romance do Pavão Misterioso, e que os cartazes pudessem provocar nas pessoas a necessidade de pesquisar e ler cordéis.

²² Pôster, lambe-lambe, OU pôster-bomber, é um pôster artístico de tamanho variado que é colado em espaços públicos. Podem ser pintados individualmente com tinta látex, spray ou guache. Quando feitos em série sua reprodução pode ser através de foto copiadoras ou silkscreen. <https://cursos.faber-castell.com.br/blog/proporcao-movimento-e-poses-dinamicas-voce-conhece-a-arte-de-desenhar-o-corpo-humano->

Espalhei nas mesas da sala de aula, revistas, livros, jornais, papéis coloridos, cópias de desenhos dos personagens (criados por eles na segunda oficina), tesoura, cola branca, papel sulfite tamanho A4 e cópias das estrofes do cordel O Romance do Pavão Misterioso. Deixei os alunos livres em suas criações, falei que não existiam regras nesse processo, e fui orientando apenas as dúvidas que foram surgindo com relação a estética, dimensões e texturas. Valia tudo: desenhar, pintar, rasgar, recortar e colar.



Imagens 84 - Produzindo os cartazes.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

3º MOMENTO DA OFICINA

Os resultados foram surpreendentes, pois os/as estudantes absorveram a ideia de como comunicar através da imagem, usando o pôster-bomber. Chegou o momento de triangular, seguindo a proposta de Ana Mae Barbosa. Depois das informações sobre os cartazes pôster-bomber e a prática artística na criação dos cartazes, tivemos o momento de apreciação das criações da turma. Nessa prática artística, os alunos tiveram a oportunidade de falar através das imagens, até mesmo sem o uso da palavra. Toda a turma gostou e aprovou o material produzido, inclusive teceram elogios aos colegas.

Estudante A: -Dá para entender tudo que tem nos cartazes. Foi muito divertido produzir esses cartazes.

Estudante B: -Pensei que fosse difícil fazer, mas é bem simples, basta ser criativo. Todos ficaram lindos.

Estudante A: -Podemos usar essa técnica em outras aulas, até para apresentar trabalhos.

Estudante C: -Dá para falar de qualquer assunto de forma simples e com criatividade.



Imagens 85 - Cartazes produzidos na oficina.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

4º MOMENTO DA OFICINA

Depois dos cartazes prontos, fiz a cópia de todos eles usando uma máquina de fotocópia disponível na escola. Para cada cartaz produzido, fiz a quantidade de 5 cópias, usando papéis de cor branco e outros coloridos. As cópias foram impressas todas na cor preto, ficando colorido apenas o papel usado como suporte.

Como no dia da oficina, 25 de maio, choveu muito, não foi possível realizar a última etapa da proposta que seria colar os cartazes pelas ruas da cidade. Assim, apenas no dia 01 de junho, numa quarta-feira, com a colaboração da professora de Geografia, foi possível sairmos pelas ruas próximas à escola para fazer a colagem dos cartazes.

5º MOMENTO DA OFICINA

Mesmo acontecendo em dias diferentes, este quinto momento foi a continuação da oficina de pôster-bomber com a colagem dos cartazes nos arredores da escola.

Começamos a atividade com a preparação da cola. Em bandejas de isopor, misturamos a mesma quantidade de cola branca e água, para fazer uma cola mais aguada, o que facilita a aplicação do pôster. Primeiro, aplicamos na parede a mistura de cola e água com um rolo

de pintura. Na sequência, fixamos o pôster com as mãos por cima da cola. Para auxiliar na fixação, passamos o rolo com a mistura de cola por cima do pôster, fazendo os arremates nas pontas, assegurando a colagem.

Vale salientar que colar pôster-bomber/lambe-lambe não é crime, mas é preciso ter cuidado onde e como vai colar o cartaz em espaços públicos. Para realizar essa colagem, pedi autorização aos proprietários dos muros das casas, outros foram colados na parede externa da escola com a autorização da direção e outros em alguns postes de luz em vias públicas.



Imagens 86 - Colando os Cartazes Lambe-Lambe em espaços públicos autorizados.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Data: 01 de junho de 2022, às 14:00.

Oficina 5 - Rasgos recortes e colagens.	Criando personagens com papel rasgado/cortado/colado
Objetivo Geral	Criar personagens de folhetos de Cordel O Romance do Pavão Mysteriozo usando a técnica do rasgo e recorte de papel experimentando o processo de colagem de camadas de papel.
Conteúdo	Sobreposição de papel na criação de imagens.
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Sala de aula
Quantidade de aulas	02 aulas
Materiais utilizados	folhas de papel sulfite branco e colorida tamanho A4, folhas de papel colorset cartolina dupla face colorida jornais, revistas cópias de folhetos de cordel caneta esferográfica, lápiz grafite 2B, borracha, tesoura, cola branca,
Técnica empregada	Rasgo/Recorte e colagem de papel



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

Iniciamos a oficina, colocando a música Pavão Mysteriozo²³, do cearense Ednardo, para criar a atmosfera da atividade. Após ouvir a música, dei as informações necessárias sobre a composição e o contexto histórico em que ela foi escrita, falei sobre o compositor e a inserção dela como tema da novela Saramandaia²⁴. A criação artística desta oficina foi montar os personagens do folheto "O Romance do Pavão Mysteriozo" usando a técnica de rasgar e recortar o papel colando os pedaços em um suporte de papel.

2º MOMENTO DA OFICINA

Organizei o material da oficina em duas mesas que estavam no meio da sala de aula para facilitar o manuseio desse material pelos/as estudantes. Expliquei que a atividade seria a criação dos personagens do folheto, usando os papéis coloridos, rasgando e recortando para criar as partes de cada personagem. Fiz uma demonstração da técnica do rasgo para tirar as dúvidas dos alunos. Para o manuseio do recorte com a tesoura, poderia ser feito o desenho antes com o lápis grafite para facilitar as partes que seriam cortadas. O passo seguinte seria a colagem das partes no papel que seria o suporte desta arte, montando o personagem escolhido pelo/a estudante.

Coloquei novamente a música de Ednardo e depois outras do Quinteto Violado, para criar uma atmosfera de folclore nordestino.

23 A música Pavão Mysteriozo, foi escrita por Ednardo em 1974, foi tema de abertura da telenovela Saramandaia (1976), de Dias Gomes. Inspirada no folheto de cordel "O romance do Pavão Misterioso", de José Camelo de Melo Resende, conhecido no Ceará desde a década de 1920, continha críticas veladas - ou nem tanto - às torturas que ocorriam no regime militar. (Sandra Cureau, texto "Eles são muitos, mas não sabem voar", Revista Pub. Acesso em 05/02/2023, as 08:37)

24 Novela Saramandaia da Rede Globo, escrita por Dias Gomes, estreou em 1976. O autor experimentou o realismo fantástico nessa história tão misteriosa. Em 2013, foi feito um remake desta novela. (Globo.com)

Cada estudante escolheu qual personagem seria representado, podendo fazer um desenho prévio no papel, que iria servir como base para o recorte do papel. Alguns alunos tiveram mais facilidade para rasgar o papel criando as partes do personagem, outros se sentiram melhor usando a tesoura. A ideia era fazer o desenho por partes, diferenciando por cores. Funcionou como um quebra cabeça, as partes foram se encaixando para formar o personagem. A conclusão se daria com a colagem das partes na folha de papel que funcionou como o suporte da arte.



Imagens 87 - Oficina de Recorte e colagem (Personagens do Cordel O Romance do Pavão Misterioso)
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

3º MOMENTO DA OFICINA

Depois que cada estudante concluiu sua cola-

gem, organizamos o material nas mesas da sala de aula para que todos pudessem apreciar a produção dos colegas. Cada trabalho teve seu potencial artístico mediante a execução da técnica e a criatividade de cada aluno.

Estudante A: -Gostei muito do meu. Não imaginei que ficaria tão bonito.

Estudante B: -Todos ficaram bons. Tive dificuldade no início para fazer a forma do meu pavão.

A estudante C comenta sorridente: Fiz o meu pavão em cima da palmeira, como fala no folheto. Foi mais difícil fazer, mas deu certo. Gostei do resultado.

Esta atividade também seguiu as orientações da proposta triangular de Ana Mae Barbosa.



Imagens 88 - Personagens do folheto
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Data: 08 de junho de 2022, às 14:00.

Oficina 6 - Pintura de mural	Pintando o Cordel na rua.
Objetivo Geral	Produzir um mural coletivo trazendo as referências da xilogravura e refletir sobre a função da arte no espaço público.
Conteúdo	Arte pública, Grafite
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Rua
Quantidade de aulas	04 aulas
Materiais utilizados	lápiz grafite tinta acrílica na cor preto pinceis número 2, 4, 8 e 12 trinchas nos tamanhos de 1, 2 e 3 polegadas potes reservatório para colocar a tinta (poderá ser usado potes de sorvete e garrafas pet) água para diluir a tinta
Técnica empregada	Pintura inspirada nas Xilogravuras

Quadro 9 - Pintura de Mural
Fonte: Elaboração própria (2023).

Vale destacar: Na semana anterior, no final da oficina de recorte e colagem, eu comuniquei aos/às estudantes que a oficina da semana seguinte seria a criação de um mural coletivo, e seria pintado na praça São Sebastião, no centro da cidade de Pilõezinhos, na mureta do lado direito da principal ponte da cidade. Marquei o encontro às 14:00 horas no local onde seria feita a pintura. Pedi que levassem suas garrafas com água, pois como seria no horário da tarde, o sol estaria muito quente e a sede seria constante e usassem roupas leves, boné ou chapéu. Pedi que os que tivessem protetor solar passassem no corpo antes de ir para a atividade, mas levei o meu por precaução. Essas orientações também foram dadas no dia da oficina, no período da manhã, durante o horário normal da aula de arte.

Pedi autorização à Secretaria de Infraestrutura do município para fazer a pintura do Mural Coletivo na mureta da ponte central da cidade. Além da autorização do local, o chefe de gabinete do município cedeu gentilmente uma tenda no tamanho 4x4 metros para dar suporte à turma durante a oficina, protegendo as pessoas do sol e para salvaguardar o material da oficina.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

No local combinado, às 14 horas, sol quente, escaldante. Como se diz aqui no Nordeste: "tinha um sol para cada aluno". Todos se abrigaram embaixo da tenda para ouvir as orientações sobre a atividade e um breve resumo da técnica de pintura de mural. Discutimos sobre o conceito de arte pública, sobre muralismo mexicano e sobre a produção de grafite no Brasil. Comentei sobre a presença de imagens inspiradas na xilogravura em espaços públicos. Sobre a produção de arte no espaço urbano, rompendo as fronteiras dos espaços artísticos, usando a rua como suporte para a criação. Pereira (2010, p. 48) diz em seu manual de como usar as artes visuais em sala: "O espaço de arte, nessa concepção, ganha outras dimensões, pois atravessa as fronteiras dos lugares de exposições tradicionais - as galerias, os museus - e ocupa outros ambientes, como a rua".

Esse conceito artístico de arte de rua já tinha sido trabalhado anteriormente em sala de aula, pois o livro do 9º ano tem como tema a Ancestralidade e a Arte, e essa temática de muralismo, grafite e as possíveis dimensões que a arte vem alcançando foram ressaltadas em sala de aula, fazendo relações com a Arte Rupestre.

Ainda falando da produção de arte em espaços públicos, fiz as seguintes provocações aos/às estudantes: Depois de pronto, quem verá o nosso mural? Será que irão gostar? O que pretendemos comunicar com esse mural? Provoquei essa reflexão porque achei oportuna, pois deveriam ser consideradas as pessoas que transitam naquela praça e a relação delas com o espaço. Qual seria o entendimento dessas pessoas que frequentam aquele lugar? De que forma o mural iria impactar a vida delas e o espaço físico? As respostas dadas pelos alunos foram satisfatórias, baseadas no entendimento que eles já possuíam sobre a arte de rua e sobre a importância de divulgar o folheto estudado.

Alguns estudantes ainda se mostraram conscientes da importância do pertencimento local e da cultura popular. E sobre o tempo de permanência da obra no local, expliquei sobre a questão da efemeridade da arte de rua e destaquei que nosso mural seria uma intervenção provisória, podendo ser desgastada

também pelas intempéries da natureza.

Para iniciar a produção artística, fiz a sugestão de ouvirmos mais música popular, desta vez, músicas do conceito Armorial, criado por Ariano Suassuna. Os estudantes pediram para ouvir músicas de forró de cantores atuais (cantores que fazem sucesso com o público jovem). Aceitei a sugestão dos estudantes por se tratar do estilo musical forró e como forma de oportunizar o gosto musical deles.



Imagens 89 - Processo da pintura do mural.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Organizamos a criação do desenho, o rascunho da arte já seria feito direto na mureta. A prefeitura já tinha pintado a mureta de cor branca, facilitando a execução do desenho. Alguns estudantes, voluntariamente, pediram para criar o desenho. A ideia seria resumir na pintura, a história do folheto base desse estudo, lembrando que eles já experimentaram desenhar os personagens do folheto em oficinas anteriores. De forma coletiva e sob a minha orientação, no que diz respeito à proporção do espaço e equilíbrio no desenho, eles criaram a narrativa visual que tão bem resumiu o folheto.

Da esquerda para a direita da mureta, um espaço que mede: 8 metros de largura por 1 metro de altura, eles organizaram o desenho da seguinte forma: personagens secundários da história - o povo da Grécia, Evangelista e Creuza voando no pavão Misterioso; novamente o casal apaixonado de mãos dadas; o pavão sobrevoando a cidade com o casal sentado em cima dele; e o sobrado do conde onde Creuza vivia trancada. O desenho foi feito com lápis grafite, o que permitiu apagar e refazer o desenho quando necessário.



Imagens 90 - Processo da pintura do mural.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

2º MOMENTO DA OFICINA

Depois de concluir o desenho na mureta, os alunos começaram o processo de fazer os contornos do desenho para deixar mais nítido e facilitar a pintura. A ideia seria fazer uma pintura sem regras, deixando fluir naturalmente as pinceladas do contorno e preenchimento do desenho. Vale salientar que essa turma já teve a experiência de pintar os personagens do folheto em uma folha de papel. O processo agora tomava outras proporções, sendo o conteúdo pintado em um espaço maior: o suporte seria uma parede, os pincéis seriam maiores e ideais para pintura em parede e a tinta seria acrílica, solúvel em água e de

secagem rápida. Destaco ainda que esses materiais de pintura foram fornecidos por mim - os pincéis pertencem ao meu acervo de pintura e a tinta eu comprei um galão de 3,6 litros para essa atividade.

Com a ajuda de alguns estudantes, separamos a tinta em porções pequenas, nos potes reservatórios, de modo a fornecer um pote para cada dupla de alunos, porém, cada um ficou com um pincel ou trincha de espessuras diferentes. Os pincéis finos ajudaram no contorno dos desenhos e os mais largos usamos no preenchimento dos desenhos.

Fiz a demonstração de como manusear o pincel, a quantidade ideal de tinta que deveria ser depositada no pincel, e a intensidade da força aplicada no pincel durante a pintura.



Imagens 91 - Processo da pintura do mural.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Essa foi mais uma oficina onde os estudantes puderam experimentar uma nova técnica de pintura. Desta vez, o suporte foi um muro em um espaço público. Os estudantes estavam desenvolvendo a atividade ao mesmo tempo em que vivenciavam todo o movimento das pessoas, dos carros e motos que passavam no local além da interferência sonora do ambiente. Mesmo ouvindo as orientações sobre o uso e manuseio do material no momento da atividade, a movimentação do espaço urbano interferiu na concentração dos alunos e, conseqüentemente, houve uma interferência na execução da atividade. Abaixo, um quadro listando algumas interferências ocorridas durante o processo de pintura no muro:

1	<p>Durante a pintura, em alguns momentos a tinta escorreu pela parede devido a quantidade de tinta depositada no pincel, sendo possível reverter a situação e transformar a tinta escorrida em outro contorno no desenho. Em outros casos, após a tinta secar, passei uma lixa fina, retirando a camada tinta.</p> <p><i>-Por se tratar de mais um experimento artístico e os alunos não terem prática de pintura em muro, era esperado que a tinta pudesse escorrer interferindo no desenho que já estava pintado. É importante deixar os estudantes relaxados e tirar deles a responsabilidade de uma artista profissional.</i></p>
---	---

2	<p>Uma estudante acabou pintando toda área interna do olho de um personagem, cobrindo o desenho interno da pupila. Essa situação não teve como resolver, pois a tinta secou rápido ficando um olho diferente do outro.</p> <p><i>-É importante pedir que os alunos encontrem uma solução para esse tipo de situação. Nesse caso específico, a tinta secou rápido e não tinha mais como reverter criando outros contornos. Decidimos deixar como estava.</i></p>
3	<p>Foi inevitável evitar os pingos de tinta preta na calçada da ponte, bem como evitar que um pote com tinta caísse e espalhasse a tinta no chão.</p> <p><i>-Orientar os/as estudantes quanto ao desperdício de tinta e pra que fiquem atentos para não derrubar tinta no chão, salientando que estamos em ambiente público.</i></p>
4	<p>Alguns estudantes também deixaram pingar tinta na roupa: falei da resistência da tinta e da dificuldade de sair da roupa após a tinta secar.</p> <p><i>-Para esse tipo de pintura coletiva em um ambiente externo, usando um muro como suporte, seria ideal que os/as estudantes usassem um avental. No nosso caso, pedi que os/as estudantes fossem com roupas que não tivesse importância caso viessem a ser sujas com a tinta - já prevendo esse tipo de situação.</i></p>
5	<p>A música escolhida pelos/as estudantes, animou todo o processo de pintura: ora os alunos pintavam, ora cantavam as músicas de forró e até dançavam.</p> <p><i>-A música é um recurso que contribui com as práticas artísticas. Ajuda a inspirar e a relaxar.</i></p>
6	<p>Como previsto, a sede foi grande devido à exposição ao sol. Os/as estudantes consumiram a água que levaram, beberam também um garrafão térmico de 5 litros de água que a coordenação da escola levou e ainda comprei mais duas garrafas de água mineral de 1,5 litros.</p> <p><i>-A atividade foi na área externa, sob o sol da tarde, na região nordeste. Mesmo prevendo a sede e levando água para dar o suporte, os alunos consumiram mais água que o esperado.</i></p>

Quadro 10 - Interferências durante a pintura do mural.
Fonte: Elaboração própria (2023).



Imagens 92 - Resultado da pintura do mural.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

3º Momento da Oficina

Após a conclusão da pintura que durou duas horas e meia, veio o momento de apreciação coletiva do mural e a contextualização com a arte de rua como um todo. Conversamos sobre o processo da pintura: quais as dificuldades, quais os erros, quais os acertos? Perguntei porque a pintura que fizemos poderia ser considerada uma arte de rua e se aquela proposta de desenho iria chamar a atenção das pessoas. Todos afirmaram que foi a primeira

experiência pintando um muro e afirmaram ter interesse em pintar mais vezes.

O estudante A comentou: Gostei de pintar uma parede, antes eu só pintava no papel.

A estudante B afirmou: Não levo muito jeito para pintar, mas gostei da experiência de hoje.

Estudante C: Gosto de pintar meus desenhos no caderno. Pintar na parede parecia ser mais difícil, mas eu gostei muito.

Estudante D: -Além da pintura ainda dancei forró (risos).

A estudante E fez uma relação com as xilogravuras: Gostei muito porque lembra os desenhos de xilogravura. E tem os personagens do folheto que pertence à nossa cidade.

O estudante F, o paraibano mais paulista que conheço, falou com sotaque paulistano, puxando os "erres" das palavras: Produzimos uma "arrrrte" na rua para o povo "verrr". Isso é muito "imporrrrtante" para a "arrrrte" da nossa cidade. Este estudante é muito aplicado nos estudos e apaixonado pela cultura nordestina.

Perguntei o que achavam do produto final e como se sentiam após produzir uma arte de rua? A estudante G respondeu reforçando meus questionamentos: Eu acredito que as pessoas irão gostar da nossa pintura porque fala do Pavão Misterioso. Eu estou orgulhosa de ter participado dessa pintura. Vou divulgar nas minhas redes sociais.



Imagens 93 - Resultado da pintura do mural.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Data: 15 de junho de 2022, às 14:00.

Oficina 7 - Criação de um texto em Cordel	Criação coletiva de poema em sextilha
Objetivo Geral	Promover a criação de texto poético em Sextilha, de forma coletiva, colaborando com a escrita criativa e o registro do cotidiano.
Conteúdo	Literatura de Cordel
Habilidades da BNCC	(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Espaço Físico	Sala de aula.
Quantidade de aulas	04 aulas
Materiais utilizados	quadro branco canetas para quadro branco caderno canetas
Técnica empregada	Criação de texto em sextilhas

Quadro 11 - Criação de texto de Cordel.
Fonte: Elaboração própria (2023).



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º Momento na Oficina

Escrever um texto de Literatura de Cordel, de forma coletiva, nesse projeto, foi talvez o maior desafio, pois seria preciso desenvolver as habilidades e as competências dos alunos na criação de uma poesia em sextilha e com rimas. Esta seria a oficina que mais se distanciava das Artes plásticas, se não fosse a criação de uma capa para o folheto, sendo esta a parte visual da oficina.

Durante todo o projeto, os alunos tiveram acesso ao folheto base para as oficinas e além de outros folhetos de cordel, fazendo leitura de forma individual e coletiva. O Baú do Cordel esteve à disposição dos alunos durante todas as oficinas de arte, estavam acessíveis para serem lidos novamente, mencionados e usados como fonte de inspiração para as atividades artísticas. A leitura do folheto O romance do Pavão Misterioso se deu de forma silenciosa e oral, individual e coletivamente, durante todas as oficinas. Essa repetição da leitura ajudou a interpretar o romance e a entender a importância da rima em um texto de cordel. Sobre essa prática da repetição na leitura, Marinho escreveu: "Esta repetição ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entoações de

modo adequado" (MARINHO, 2012, p. 129).

Com as experiências das oficinas artísticas anteriores e com as leituras feitas a cada dia de oficina, os alunos já possuíam uma relação amorosa com a literatura de cordel, por narrarem histórias tão próximas de suas vivências e com personagens tão presentes em seus cotidianos. No livro Dialética da colonização, no capítulo que aborda "Cultura brasileira e culturas brasileiras", Alfredo Bosi (1992) fala da relação amorosa que deve existir entre o artista culto e a vida popular, onde é preciso desprender-se do intelectualismo para compreender e envolver-se nas manifestações simbólicas do povo.

Sobre essa relação amorosa descrita por Bosi, entendo que a mesma se faz presente também entre os alunos, quando absorveram a cultura popular em sala de aula através do folheto de cordel. É preciso reconhecer a identidade cultural de sua comunidade e reconhecer-se como parte pertencente às diversas culturas que o cercam. Seguindo essa linha de pensamento, a literatura de cordel, com suas histórias e imagens, aproxima os alunos dessa verdade popular transformando a leitura dos folhetos e das imagens em uma atividade prazerosa, em uma relação amorosa.

A proposta da oficina foi escrever uma poesia popular que estivesse dentro da car-

ga de informações acumuladas pela vivência de cada aluno, e que fosse fruto também das leituras dos cordéis anteriores e que tivesse alguma relação direta com o cordel O Romance do Pavão Misterioso, que é o nosso tema central desta pesquisa.

Conversamos mais uma vez sobre o estilo literário, sobre as rimas, sobre a métrica. Enquanto falava, fui fazendo as anotações no quadro branco para que os alunos tomassem nota também. Expliquei que iríamos escrever o cordel em Sextilha: Cada estrofe é formada de seis versos e as rimas acontecem no segundo, quarto e sexto verso. Em regras gerais, cada verso deve ter 7 até 8 sílabas, porém, essa regra não foi levada ao pé da letra, principalmente pela dificuldade de formular frases com 7 sílabas. Deixei as frases fluírem naturalmente, cobrando apenas as rimas e os seis versos em cada estrofe.

Sugeri dividir a sala em dois grupos para que fossem criadas duas histórias diferentes. Os alunos sugeriram que os grupos fossem separados por turma, 9^oA e 9^oB. Assim fizemos. Na sequência, criamos uma relação de possíveis temas regionais a serem abordados, uma lista dos personagens do cordel O Romance do Pavão Misterioso e uma lista de personagens do cotidiano dos alunos e de figuras do folclore nordestino e local. Essas anotações foram feitas no quadro branco e no caderno dos alunos.



Imagens 94 - Criação coletiva de texto.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Com a ideia definida, partimos para a criação coletiva do cordel, seguindo a ordem de apresentação da personagem, situando o tempo e espaço da narrativa. As frases e rimas foram fluindo naturalmente, pois os/as estudantes já compreendiam a necessidade da rima no final das frases, e encontrar as palavras adequadas para cada rima foi um exercício de lógica e experiência de vida.

O processo foi criativo e muito cômico, nos divertimos bastante com a criação de cada frase. Criar uma personagem feia, cheia de defeitos físicos, nesse universo popular nordestino, e que estava à procura de um pretendente para casar, deixou essa poesia popular divertida e um tanto exótica. Os nomes dos pretendentes da personagem foram escolhidos pela turma e eram os nomes dos colegas de sala.

A turma do 9º A, fez a opção de falar de um personagem muito conhecido na cidade, trata-se de uma lenda, apesar de ter muitos relatos na cidade de pessoas que realmente viram "O nego do sapoti". Trata-se de um adolescente, negro - "nego", que vive escondido em uma árvore frutífera, um "pé de sapoti", e que independente da hora do dia ou noite, assusta quem passa naquele lugar. Não se sabe a origem desse personagem ou como ele foi parar ali, mas são muitos os causos contados sobre esse adolescente.

Abro um parêntese para falar da questão do uso da palavra "nego"²⁵: achei prudente abordar a questão do racismo com a turma, pois expressões surgidas desde a escravidão no Brasil são utilizadas até hoje por puro costume ou falta de conhecimento. Falei de outros termos racistas que devemos cortar de nosso vocabulário para evitar propagações e corrigir esse mal que, durante séculos, oprimiu e matou gerações de um povo tradicional. Mesmo entendendo o conceito de Racismo e respeitando os colegas negros da sala de aula/escola, os/as estudantes entendem que o termo "nego do sapoti" nessa história não agride os povos negros, exatamente por fazer menção a cor da pele do personagem da história que é herança local e que fazer essa narrativa excluindo o termo, mudaria o nome da "lenda" que já é conhecida no município e talvez perdesse o sentido da história também.

Confesso que, enquanto educador, fiquei confuso em aceitar o uso desse termo, pois compreendo os problemas psicológicos e os danos morais que uma pessoa passa ao receber um termo racista em seu cotidiano. O racismo estrutural²⁶ está presente no cotidiano brasileiro e promove a segregação ou o preconceito racial. Nesse caso específico do termo "nego do sapoti"

25 Sobre termos racistas: <https://gente.globo.com/termos-racistas-que-devemos-cortar-do-nosso-vocabulario>.

26 Sobre racismo estrutural: <https://brasilledireitos.org.br/atualidades/o-que-racismo-estrutural?noticias/488-o-que-racismo-estrutural>

trata-se de uma analogia para fazer referência a negros ou pretos e contribui com a permanência de uma construção histórica equivocada. Por fim, entendi que por se tratar de uma lenda local, conhecida por várias gerações e que a intenção dos alunos era de enfatizar as histórias acerca dessa personagem, fiz a opção junto aos alunos de deixar o termo "nego do sapotí" na narrativa do poema.

Vários relatos da turma narraram histórias contadas desde seus avós sobre esse personagem: seria ele um adolescente que morreu naquele local? Seria um adolescente maltratado pelo pai e hoje assusta quem passa por ali? Ainda por uma apropriação de influência cultural cristã, fazem comparações com a figura pícara do diabo, que adora fazer "traquinagens". De todas as histórias contadas, percebe-se a relação direta com mais um personagem do folclore local que ganha forças a cada geração.

Baseado nas histórias do "nego do sapoti", os estudantes criaram situações fictícias e copiaram as histórias contadas por familiares para criar o texto de caráter cômico, histórico e de referência local. Durante a escrita, várias gargalhadas podiam ser escutadas de longe, os/as estudantes se divertiram muito fazendo esse poema. Dei o suporte necessário ao grupo auxiliando nas rimas, ajudando a encontrar as melhores palavras para dar sen-

tido à frase.

Os dois grupos produziram os textos de forma coletiva, narrando a história e escrevendo no caderno - "risos" -, buscando rima nas palavras - mais "risos". Fiquei à disposição da turma para auxiliar e tirar dúvidas. Para encontrar palavras que rimassem entre elas, os/as estudantes fizeram uso do dicionário físico e do virtual pesquisando no google e, por vezes, buscando palavras do "nordestinês" para que a rima fosse perfeita.

A dinâmica foi muito interessante, pois oportunizou aos estudantes a experiência de criar uma poesia de forma coletiva e colaborativa, dentro de uma temática que estava próxima do cotidiano deles.



Imagens 95 - Produção coletiva de texto.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Vale destacar:

Duas horas de oficina não foram suficientes para concluir os textos. Precisei usar as aulas de Arte no horário normal das turmas em outro dia, oportunizando aos demais alunos das turmas, que não estavam participando da pesquisa, a participação nesse processo de criação do texto. Por esse motivo, no folheto final, na relação dos autores, estará o nome de todos os alunos das duas turmas.

Aulas extras para concluir os textos do folheto coletivo:
*16 de junho de 2022 - Usei duas aulas de Arte da turma do 9º ano A.
*17 de junho de 2022 - Usei duas aulas de Arte da turma do 9º Ano B.

Para minha surpresa, um estudante da turma do 9º ano B trouxe, na oficina do dia 17 de junho, um texto de cordel criado por ele em casa, com uma temática relacionada ao amor. O texto é curto, com 7 estrofes, mas foi escrito em Sextilha e possui as rimas como regra da poesia. Ele intitulou de "Lá vai cachaça!". Ajudei nas correções de algumas palavras para que a rima fosse adequada e discutimos também sobre os termos "pretinhas" e "neguinha" quem têm conotação racista, assim como no cordel do 9º ano A.

Depois de dialogar sobre os termos desse universo de discriminação, ele afirmou não praticar racismo e que as palavras citadas no texto são usadas habitualmente em seu cotidiano social. Tomei a decisão de deixar os termos na escrita dele, entendendo o caráter popular da rima do cordel e como palavra que definiria o tipo de mulher que o personagem do texto estava procurando.

3º MOMENTO DA OFICINA

Fizemos a leitura dos poemas criados pelos dois grupos de forma oral, em sala de aula, reproduzindo a prática literária da oralidade dos folhetos de cordel. Reuni os alunos que faziam parte da pesquisa na área de convivência da escola para esse momento de contemplação e apreciação dos poemas. Através das expressões faciais de cada aluno, pude ver a felicidade e satisfação de ter contribuído com aquele poema. A cada frase um riso, a cada rima mais um riso e ao final de cada leitura os aplausos.

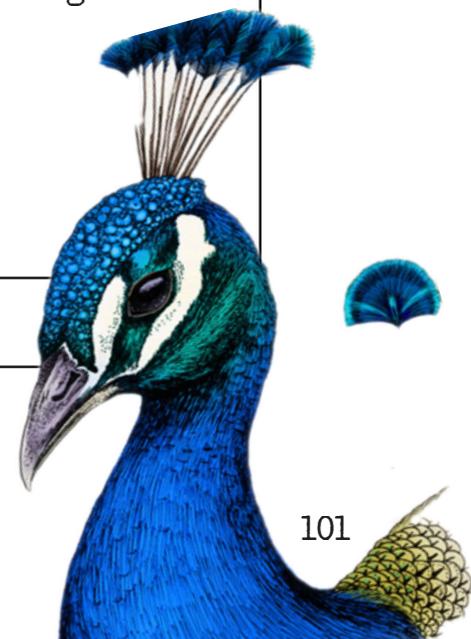
Sobre a capa para este folheto coletivo, com três histórias diferentes, decidimos que eu faria a escolha de um ou mais desenhos produzidos por eles ou uma gravura da oficina de isogravura produzida por eles. Quanto à reprodução do folheto, combinamos que quando fosse feita a tiragem das cópias - em uma gráfica ou em uma máquina de fotocópia de forma mais artesanal - eu faria a entrega a cada autor do cordel produzido.

Os três textos produzidos na oficina, estão no anexo dessa dissertação.

Data: 06 e 13 de julho de 2022, às 14:00.

Oficina 8 - Confeção de escultura	Confeção de um pavão de papel.
Objetivo Geral	Confeção de um objeto tridimensional usando balão de látex e papel.
Conteúdo	Escultura
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Sala de aula.
Quantidade de aulas	04 aulas
Materiais utilizados	balão de látex para decoração jornal papel de embrulho ou qualquer tipo de papel de gramatura abaixo de 50 g/m caixa de papelão cola artesanal (amido de milho e água) tinta guache ou acrílica pincéis fita crepe data show
Técnica empregada	Papietagem (sobreposição de papel)

Quadro 12 - Escultura com papel.
Fonte: Elaboração própria (2023).



Vale destacar:

Esta oficina não estava na programação inicial do projeto de mestrado, ela surge como mais um experimento artístico quando percebi o engajamento da turma nas oficinas anteriores. Pensei na confecção dessa escultura em papel como forma de personificar a criatura mais enigmática do folheto estudado: O Pavão Misterioso.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º Momento da Oficina

A oficina se inicia com a apresentação do Pavão Misterioso, uma escultura em papel confeccionada por mim. Todos os/as estudantes tiveram a oportunidade de pegar na escultura, sentir a textura do material e sentir o peso.



Imagens 96 - Escultura em papel.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Começo a provocação artística sobre a escultura: de que material ela é feita, que técnica foi usada?

Estudante A: -Dá para perceber que é de papel, só não sei como é feita - responde imediatamente.

A estudante B completa: -Acho que usa papel e cola, só não sei como dá esse formato.

Estudante C: -Parece que tem ferro ou arame dentro.

A estudante D rebate o colega: -Acho que não tem ferro porque ela é muito leve.

Após as dúvidas sobre o material e a técnica usada para fazer aquele pavão, fiz um apanhado de informações sobre escultura e tridimensionalidade. Falamos da arte tridimensional que acompanha toda a história da

arte, com esculturas construídas de materiais diversos ao longo das civilizações. A arte contemporânea traz uma diversidade de obras que fogem do bidimensional e se colocam no espaço, materializando-se com três dimensões. Sobre a produção de escultura, possibilitando o contato com a tridimensionalidade, como bem destaca Pereira (2010, p. 78), em seu livro *Como usar Artes Visuais em sala de aula*:

A criação de uma escultura diferencia-se do desenho e da pintura por sua essência tridimensional: tem largura, altura e profundidade. Esse fato impõe outra maneira de pensar a forma, pois esta deve ser apreciada em todos os seus lados. (PEREIRA, 2010, p. 78)

2º Momento da Oficina

Apresentei aos estudantes o material necessário para a produção da escultura e expliquei a técnica de papietagem²⁷, muito recorrente no artesanato, e que será usada na produção do nosso pavão. A base do corpo é feita com uma bexiga de látex cheia, na medida suficiente, para que fique proporcional às asas e à cauda. Para as asas e cauda do pavão, é feito o molde com papelão e revestido com papel. Para o pescoço e cabeça, é feito um canudo de papel retorcido e revestido com papel. Para unir as partes, utilizamos fita crepe e cobrimos com papel para fazer o acabamento.

A escultura poderia ser feita individualmente ou em duplas. A maioria optou por fazer em dupla, em função de otimizar o tempo de produção e a facilitação de duas pessoas trabalhando juntas.

Abaixo apresento um quadro explicativo com as etapas de produção da atividade:

1	Encher o balão com medidas proporcionais ao corpo do pavão, usando o olho como instrumento para essa medida. É importante prender bem o balão para que o ar não escape e deixe o balão murchar. Pode ser dado um nó fechando a boca do balão.
2	Papietagem: cobrir o balão com papel usando uma cola produzida na escola (material da cola: amido de milho e água. Cozinhar até dar o ponto de mingau. Deixar a cola esfriar. Essa cola é muito usada na produção artesanal. A cola para essa atividade foi produzida na escola pelo professor antes da oficina)
3	Produzir as asas e a cauda do pavão. Com o molde fornecido pelo professor, os alunos desenharam em caixas de papelão e depois cortaram, as asas e a cauda passam pelo mesmo processo de papietagem.
4	Confecção do pescoço e cabeça do pavão. Juntar o papel, torcendo com as mãos para formar um cone. Usar fita crepe para ajudar a dar forma.

27 Papietagem é uma técnica manual, feita com papéis rasgados em tiras, colados sobre um molde, até que tome o formato desejado (artesanatobrasil.net/papietagem/)

5	Fixar as asas, cauda e pescoço na base do balão. Usar a cola artesanal e o papel para fixar as peças.
6	O ideal é usar pouca cola durante todo o processo para facilitar a secagem, evitar o exagero de cola durante a montagem da peça. As partes do pavão irão colar facilmente se o balão estiver seco.

Quadro 13 - Etapas de produção da escultura.
Fonte: Elaboração própria (2023).



Imagens 97 - Produzindo a escultura.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

3º Momento da Oficina

Como a oficina aconteceu em dias diferentes, em um intervalo de uma semana, a escultura produzida pelos/as estudantes já estava totalmente seca. A segunda etapa seria a pintura do pavão. Mais uma vez as duplas se formaram para o processo de pintura. Foi utilizada, neste processo, a tinta guache.

Esse momento foi de livre expressão artística, em relação à escolha de cores para a pintura. As duplas tiveram autonomia para escolher as cores que usariam para pintar os pavões, sem se prender a regras e a estéticas.



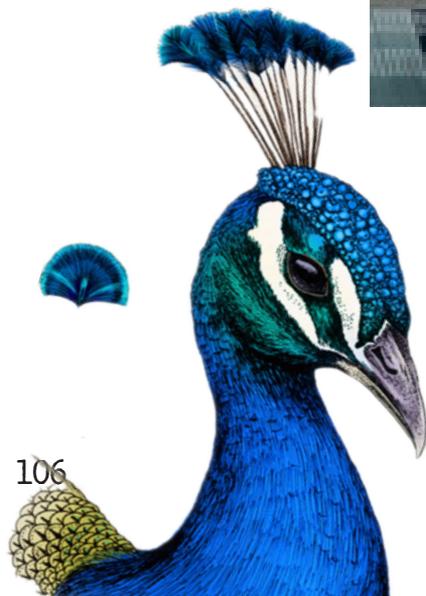
Imagens 98 - Processo de pintura da escultura.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Para minha surpresa, duas duplas da turma, além de fazerem a pintura na escultura, colaram penas nas cores usadas para pintá-la trazendo mais realidade à cauda e às asas do pavão e, ainda, colaram pedaços de espelho para decorar e dar brilho.

Após a pintura, os/as estudantes puderam contemplar as esculturas dos colegas, fazendo as comparações acerca das técnicas usadas, as formas criadas por cada dupla e as cores usadas. Foi colocado em questão qual o espaço que uma escultura, como as produzidas por eles, pode ocupar: Uma galeria de arte? Uma feira de artesanato? Um evento na escola? A sala de casa? Discutimos também a importância da tridimensionalidade nas artes, pois, ao produzir uma escultura com 3 dimensões, podemos transmitir mais realidade sobre o objeto, nesse caso específico, foi possível materializar o pavão do folheto abordado na pesquisa. Através de uma conversa informal, fiz o momento da triangulação proposta por Ana Mae Barbosa, mencionando algumas referências de esculturas tridimensionais da história da arte, exemplificando a partir dos monumentos tribais na Europa, as esculturas gregas e romanas e da produção tridimensional contemporânea. Falamos também da produção de artesanato tridimensional que usa o papel como matéria prima para a produção de objetos utilitários e decorativos.



Imagens 99 - Escultura finalizada.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)



Data: 17 de junho de 2022, às 14:00.

9 - Visita Pedagógica	Visita pedagógica ao Memorial do Cordel José Camelo de Melo Rezende
Objetivo Geral	Conhecer o acervo permanente do Memorial do Cordel José Camelo de Melo Resende e ouvir as informações técnicas e históricas da Literatura de Cordel.
Conteúdo	Literatura de cordel
Habilidades da BNCC	(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Espaço Físico	Memorial do Cordel José Camelo de Melo Rezende
Quantidade de aulas	05 aulas
Materiais utilizados	Caderno para as anotações técnicas e referenciais do local e do acervo permanente. Celular - para fazer o registro fotográfico e vídeos.
Técnica empregada	Visita pedagógica

Quadro 14 - Visita pedagógica.
Fonte: Elaboração própria (2023).



A visita só pôde acontecer após o término das oficinas do projeto, pois o Memorial do Cordel estava passando por uma reforma e as visitas estavam suspensas.

O Memorial do Cordel José Camelo de Melo Resende está localizado na cidade de Guarabira, que fica a 12 km de distância da cidade de Pilõezinhos. O Memorial está instalado em um casarão histórico, no centro da cidade, e conta com um acervo de mais de mil cordéis em sua coleção, organizados em uma reserva técnica, disponíveis apenas para pesquisas.

No salão expositivo do Memorial, estão expostos alguns exemplares de literatura de cordel para observação, banners informativos que contam a história da Literatura de Cordel e um apanhado da história do Cordelista José Camelo de Melo Resende, com algumas esculturas que fazem alusão ao Pavão Misterioso e pinturas em tela com temática relacionada ao Cordel.



Imagens 100 - Visita ao Memorial do Cordel.

Fonte: Acervo Pessoal (2023)

A peça mais importante - e que vale ressaltar o valor histórico e a preciosidade dessa relíquia - é uma máquina de impressão que pertenceu a uma antiga tipografia da cidade de Guarabira-PB. Esta máquina, além da impressão de jornais e panfletos, também foi usada para a impressão de folhetos de cordéis. No memorial também tem um cavalete de tipologias, uma espécie de armário no qual ficam guardadas várias letras cunhadas em ferro, usadas para a impressão dos textos, que pertenceram à mesma tipografia citada acima.



Imagens 101 - Máquina de tipografia, acervo do Memorial do cordel.

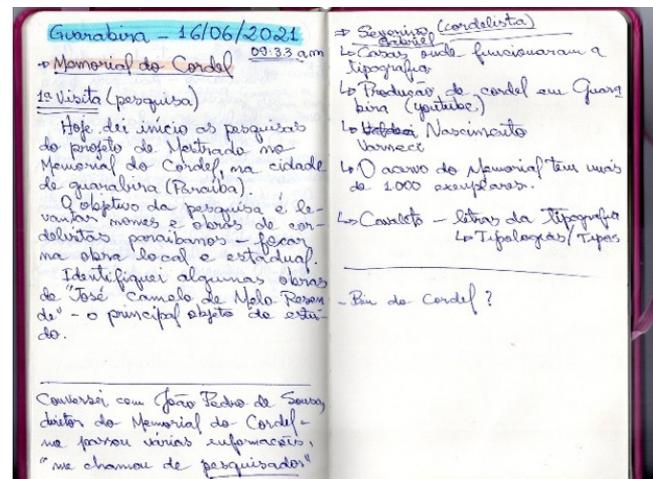
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

É importante afirmar o valor artístico que a cidade de Guarabira teve para a produção de cordéis e para a história do cordel no Brasil, na década de 1920. O poeta Francisco das Chagas Baptista chega na cidade de Guarabira, no ano de 1909 e instala, na antiga Rua da Cadeia, uma Editora, a Popular Editora, tendo sido a primeira a imprimir cordéis. Outro nome importante foi Pedro Baptista, irmão de Francisco das Chagas Baptista, ele reeditou, entre os anos de 1919 a 1923, grande parte dos cordéis escritos por Leandro Gomes de Barros. Pedro Baptista era genro de Leandro Gomes de Barros e herdou toda sua obra (Memórias do Cordel, 2013).

Na década de 1920, a produção de folhetos de cordel tornou a cidade de Guarabira um dos maiores polos culturais do país, atraindo vários cordelistas para fixar moradia, facilitando a impressão de seus folhetos e alguns empresários no ramo da Tipografia.

Algumas tipografias se destacaram nessa época: Tipografia e Livraria Lima, Tipografia Nossa Senhora da Luz, Tipografia a Voz do Brejo, Tipografia Moderna e Tipografia Santos.

Nessa época, a cidade de Pilõezinhos era distrito de Guarabira, o que faz de José Camelo de Melo Resende um cidadão Guarabirense.



Imagens 102 - Diário da pesquisa.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Durante a visita técnica, os/as estudantes participantes da pesquisa fizeram anotações sobre a exposição e as explicações dadas por uma funcionária do Memorial. Além de aumentar o repertório de conhecimentos acerca da Literatura de cordel, os/as estudantes fizeram um relatório desta visita com textos e imagens, e depois discutimos em sala de aula sobre as impressões deixadas durante a visita.

Na frente do Memorial, na parede do prédio, alguns artistas da cidade de Guarabira foram convidados para pintar trechos do folheto do Pavão Misterioso, que além de decorar é um convite visual para os passantes no local.



Imagens 103 - Pintura externa do Memorial do cordel.
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

Após a realização das oficinas artísticas e da visita pedagógica ao memorial do cordel, apliquei um questionário²⁸ com o objetivo de obter informações sobre todo o processo artístico, por meio das respostas escritas dadas pelos/as estudantes. Meu intuito com esse questionário era obter respostas objetivas sobre a prática nas oficinas artísticas para colaborar com a análise da minha prática pedagógica.

O questionário foi dividido em duas etapas: para a primeira etapa, as perguntas giram em torno do acesso e do reconhecimento por parte dos/as estudantes em relação à leitura de folhetos. Na segunda etapa, as perguntas seguiram a mesma estrutura, no entanto, foram relacionadas à aplicabilidade das oficinas artísticas. Porém, o último questionamento foi um espaço aberto para crítica, opinião e sugestão.

O questionário aplicado foi respondido por todos/as 28 participantes. Todos/as eles/as tiveram conhecimento da obrigatoriedade dessa condição na participação do projeto, como um dos elementos importantes para a análise de dados. Todos/as participantes eram adolescentes, na faixa etária entre 13 a 17 anos, sendo 15 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Eles/as identificaram-se no questionário como brancos, pardos e pretos. Um quantitativo de 16 estudantes respondeu ser pardos, 08 disseram ser brancos e 04 se declararam pretos.

A primeira pergunta do questionário foi: Por que você decidiu participar das oficinas de Arte do projeto de Literatura de Cordel? Dos 28 alunos, 11 disseram que gostavam de atividades práticas nas aulas de Arte. 13 deles disseram gostar

de experimentar novos projetos e 04 afirmaram que seria por curiosidade.

1- Por que você decidiu participar das oficinas de Arte do projeto de Literatura de Cordel?

Gostam de atividades práticas nas aulas de Arte.	Gostam de experimentar novos projetos	Por curiosidade.
11	13	04

A segunda pergunta foi: Qual seu contato com a Literatura de Cordel? 10 alunos/as responderam que já conheciam pois tiveram contatos anteriores com a temática. 18 alunos/as disseram que não conheciam.

2- Qual seu contato com a Literatura de Cordel?

Já conhecia	Não conhecia
10	18

Qual o motivo para esta falta de conhecimento sobre a Literatura de Cordel? Me pergunto ainda; a cidade onde nasceu um dos maiores ícones da Literatura de cordel do país e onde por longos anos produziu folhetos que são referência para este tipo de literatura, os jovens da cidade não conhecem essas referências? Baseado nas pesquisas bibliográficas, no

²⁸ Questionário na íntegra, na seção de Anexos.

contato direto com os estudantes do projeto e com a comunidade onde estão inseridos, posso afirmar que se trata da falta de valorização da cultura regional e do pertencimento local. A cultura em massa, na qual os estudantes estão incluídos, está cada vez mais distanciando-os da cultura popular regional, em função dos estilos musicais atuais, das modinhas dos aplicativos de celulares, da falta de leitura e de acesso à cultura e às tradições populares do nordeste brasileiro. Usar o Cordel para trazer esses estudantes ao universo da cultura popular pode ser um caminho possível e justificado a exemplo da participação nas oficinas artísticas propostas nesse projeto. Ressignificar a cultura popular, trazendo-a para o âmbito escolar, atualizando ao contexto social e cultural que vivem os estudantes pode ser o ensejo para o entendimento de pertencer a essa cultura. Acerca desta forma de pensar o cordel como dinâmica cultural, Marinho diz: "O dinamismo da cultura, o poder que tem de se renovar, de recriar velhos e significativos temas é uma das marcas da literatura de cordel" (MARINHO, 2012, p. 70.)

Acredito no trabalho de base que deve ser feito na escola, com relação à divulgação e ao resgate da cultura local e dos filhos ilustres da cidade de Pilõezinhos. Trabalho, este, que deve ir além das aulas de Arte. Trabalhar os cordéis de José Camelo e de outros

cordelistas que produzem atualmente em sala de aula seria o primeiro ponto; trazer referências do Cordel no âmbito regional e mostrar a importância desse estilo literário seria outra abordagem que viria contribuir com esse pertencimento local.

A terceira pergunta queria investigar quem possuía folhetos de cordel: Alguém que você conhece, possui folhetos de Cordel? 15 alunos/as disseram que não conheciam ninguém que tivesse folhetos. 10 afirmaram ter amigos que possuíam folhetos. Apenas 03 alunos/as disseram que haviam folhetos na casa de seus familiares. Essa pergunta foi feita no intuito de entender o contexto social e familiar relacionado especificamente ao cordel.

3- Alguém que você conhece, possui folhetos de Cordel?

Não conhecem ninguém que possuem folhetos de cordel	Tem amigos que possuem folhetos de cordel	Familiares possuem folhetos de cordel em casa.
15	10	03

Tal questão deixa claro o que mencionei sobre a segunda pergunta: a falta de pertencimento e a desvalorização da cultura local e principalmente a falta de comercialização de

de folhetos de cordéis na cidade o que impossibilita o acesso.

A quarta pergunta foi para saber se os alunos/as se identificaram com a literatura de cordel. 27 destes disseram que se identificaram e apenas 01 disse que não. Não consegui descobrir qual aluno respondeu à pergunta afirmando não ter se identificado com a literatura de cordel, porque o questionário era de caráter anônimo.

4 -Você se identifica com folhetos de Cordel?

Sim, me identifiquei com a literatura de cordel	Não me identifiquei com a literatura de cordel
27	01

Um total de 27 alunos se identificou com a literatura de cordel, ou seja, 96% da turma se identificou com o gênero literário. Esse percentual reforça a importância de proporcionar o contato do cordel com os estudantes, seja em atividades artísticas, em leitura e interpretação de texto, tendo em vista que, trazer o cordel para o cotidiano escolar ajudará nesse resgate do universo popular através do cordel.

3.1 DAS OFICINAS

Quadro Referente as 6 oficinas práticas propostas no projeto.

Tema da oficina	razoável	bom	ótimo	excelente
Desenho com a temática Nordeste brasileiro	0	07	13	08
Desenho dos personagens do cordel O romance do pavão misterioso	0	07	11	09
Recorte e Colagem dos personagens do cordel O romance do pavão misterioso	0	05	11	12
Isogravura com a temática do cordel O romance do pavão misterioso	02	08	09	09
Lambe-Lambe com a temática do cordel O romance do pavão misterioso	02	10	04	12
Pintura de um Mural com a temática do cordel O romance do pavão misterioso	02	05	10	11
Criação coletiva de um Folheto de Literatura de Cordel com temática livre	02	07	09	10

Quadro 15 - Respostas sobre as oficinas

Fonte: Elaboração própria (2023).

Na quinta questão, o objetivo seria entender o grau de aceitação das oficinas, classificando-as conforme o gosto pessoal e de identificação de cada estudante. As oficinas que receberam maior elogio foram as de Recorte e Colagem para a criação de personagens e a de confecção dos cartazes Lambe-lambe, que se assemelham em relação à técnica empregada de recorte e colagem. Acredito que essa atividade auxilia no processo cognitivo, visomotor e de criação estética, na certeza de que os/as estudantes aguçam os sentidos do tato e da visão.

Uma pequena quantidade de estudantes não se identificou com as oficinas de Isogravura, Lambe-lambe, Pintura de mural, nem com a criação coletiva de texto. Foram 3 oficinas práticas de criação artística, uma em sala de aula e duas no ambiente externo; acredito que esses alunos não se identificaram com a produção de atividades externas, em função da interferência direta do ambiente, como mencionei anteriormente, na explicação da oficina. Quanto à Isogravura, esses estudantes podem não ter entendido a importância da gravura, como imagem que pertence à Literatura de Cordel. Com relação à criação de texto, acredito na possibilidade de dispersão e inquietude dos/as estudantes, ou talvez por não terem uma boa relação com a leitura e a escrita, o que impossibilitou a identificação

com a atividade.

Em geral, as oficinas receberam ótimo e excelente como classificação, o que deixa claro que a maioria se identificou com as propostas apresentadas nesse projeto.

Ainda sobre as oficinas artísticas, a sexta pergunta tinha o objetivo de entender o grau de identificação com a literatura de cordel após as oficinas. Apenas 01 dos alunos/as afirmou não ter se identificado com o gênero literário, mesmo tendo vivenciado todas as oficinas propostas no projeto. 20 alunos/as afirmaram ter tido uma identificação parcial do gênero literário e 07 alunos/as do grupo focal afirmou ter tido uma total identificação com a literatura de cordel.

6- Após a sua participação nas oficinas de Arte propostas no projeto, qual seu grau de identificação com a Literatura de Cordel?

Não me identifiquei	Identificação parcial	Identificação total
01	20	07

Acredito que a dinâmica usada durante as oficinas, baseada na triangulação proposta por Ana Mae Barbosa e as variadas técnicas empregadas, possibilitou a interação necessária entre a literatura de cordel e as aulas de arte.

A sétima pergunta tinha o propósito de identificar possíveis leitores de folhetos de cordel, após o encerramento do projeto. Dos 28 estudantes, 14 deles, metade do grupo focal, afirmou se identificar como um leitor de cordel e a outra metade deles não mostrou interesse em ser um leitor de folhetos de cordel. Quanto aos 14 estudantes que se identificaram como possíveis leitores de Cordel, acredito na possibilidade de que as oficinas aguçaram a curiosidade em buscar mais esse tipo de literatura e que contribuíram também no entendimento sociocultural dos/as estudantes. Os 14 que não se identificaram como possíveis leitores de Cordel devem estar relacionados apenas ao estilo literário. Acredito que faltou mais identificação dos/as estudantes quanto à importância da cultura popular e o destaque que a cidade possui pela produção literária de José Camelo de Melo Rezende.

A oitava pergunta tinha o objetivo de verificar o interesse no gênero literário a ponto de perceber neles o desejo de multiplicar o segmento, indicando obras de cordel para outras pessoas. Destes, 20 afirmaram que indicariam folhetos de cordel para outras pessoas como forma de dar continuidade a esse tipo de literatura, além de contribuir com a divulgação cultural, patrimonial e social. Apenas 08 estudantes afirmaram que talvez tivessem algum interesse em indicar esse gênero lite-

rário. Acredito que esse "talvez" esteja relacionado ao fato destes não terem absorvido totalmente a importância de difundir esse estilo nordestino tão peculiar de narrar as histórias.

7- Após a sua participação nas oficinas de Arte propostas no projeto, onde você pode ter acesso a leitura de folhetos de cordel, você se considera um leitor desse tipo de Literatura?	Me considero leitor desse tipo de literatura. 14	Não me considero leitor desse tipo de literatura. 14
8- Indicaria folhetos de Literatura de Cordel para outras pessoas?	Sim. Indicaria. 20	Talvez indicaria. 8

Quadro 16 - Respostas sobre as oficinas
Fonte: Elaboração própria (2023).

Sobre o folheto O Romance do Pavão Misterioso, a obra específica do estudo deste projeto, com relação à narrativa proposta pelo autor, a nona pergunta pedia para que os estudantes classificassem a obra. Destes, ape-

nas 01 dos alunos/as disse que a obra era razoável, 02 deles afirmaram ser boa, 07 diz ter achado ótima e 18 deles diz que o folheto é excelente.

9 - Classifique a obra O Romance do Pavão Mysterioso:

Razoável	Bom	Ótimo	Excelente
01	02	07	18

Sobre o entendimento do texto e o contexto da narrativa da obra de José Camelo, os estudantes afirmam ter gostado do romance numa escala de bom a excelente. Acredito que o apelo de aventura e amor que os romances possuem, onde as histórias conservam personagens com nomes populares no Nordeste, acontecem em países distantes ou reinos imaginários e ainda têm a presença de reis e rainhas - no caso do romance estudado, temos a presença de um conde e duas condessas, fez com que caísse no gosto dos/as estudantes.

Sobre os romances, Marinho escreveu: "O tempo dos romances é um antigamente não datado, uma Europa imaginária, mas com o desenrolar das narrativas vão surgindo personagens e situações próprias do universo nordestino. (MARINHO, 2012, p. 37.)

Em se tratando da produção de folhetos de cordel, a décima pergunta buscava enten-

der o quanto os alunos/as iriam se preocupar com a preservação dessa tradição, após a participação no projeto. Esta pergunta visava ainda entender qual a importância que os alunos/as dariam aos folhetos de cordel e sua produção após a finalização do projeto: dos 28 estudantes, 02 deles afirmaram ser pouco importante preservar essa tradição da produção de folhetos, 12 afirmaram ser importante e 14 deles afirmaram ser muito importante manter essa tradição.

10- Sobre a importância de preservar a tradição da produção de Literatura de Cordel, qual sua opinião?

Pouco importante	Importante	Muito importante
02	12	14

Os cordéis tratam de costumes locais, fortalecem a identidade regional, além de se constituírem como uma fonte de informação relevante de um determinado período de tempo e da identidade do povo. Acredito que essas questões foram essenciais para a afirmação da importância de preservação desse tipo de literatura.

Mais uma vez, a resposta dos estudantes deixa clara a importância de resgatar e divulgar a literatura de cordel. Essa necessida-

de de preservar a tradição dos folhetos deve estar ligada às ideias de mundo e de cultura popular que cada estudante possui. Por essa ocasião, Marinho (2012, p. 126) destaca que é preciso que os estudantes encarem experiências diferentes das suas e entendam quais experiências culturais lhe são mais determinantes.

Contribuir com a leitura e ajudar a manter essa tradição popular da produção e divulgação dos folhetos de cordel é um dos aspectos de grande importância ao usar este gênero em sala de aula. No tocante à importância de incentivar outras pessoas a ler folhetos de cordel, os alunos deram suas opiniões na décima primeira pergunta: Apenas 01 dos alunos/as disse ser pouco importante incentivar a leitura de folhetos, 13 disseram ser importante e 14 deles afirmaram ser de muita importância.

11- Sobre a importância de incentivar outras pessoas a ler folhetos de cordel:

Pouco importante	Importante	Muito importante
01	13	14

As respostas esclarecem que o interesse em divulgar obra de cordel, incentivando outras pessoas a lerem o referido gênero é de interesse da turma. Acredito que os/as estu-

dantes já entendem a importância de manter essa tradição que é uma herança local e que pode reforçar a poética que circula na cidade.

Os/As estudantes tiveram acesso às informações das técnicas de gravura, através de slides e vídeos, apresentados durante a oficina de isoporgravura. Conheceram a técnica da xilogravura desde a sua origem até os dias atuais, quando se fixaram nos espaços expositivos em galerias e museus de arte.

Quanto às xilogravuras nas capas dos folhetos de Cordel, a décima segunda pergunta buscava entender o grau de importância desse tipo de gravura. Na opinião dos alunos/as: apenas 01 deles disse que não tinha importância e 03 afirmaram ser de pouca importância. 18 consideraram importante ter xilogravuras nas capas e 07 destes afirmaram ser muito importante manter esse tipo de gravura nas capas dos folhetos.

12- Você acha importante ter as xilogravuras nas capas dos folhetos de Cordel?

Sem importância	Pouco importância	Importante	Muito importante
01	03	18	07

Os/as estudantes tiveram a oportunidade de experimentar um processo de gravura na oficina de isogravura e vivenciaram as dificuldades da técnica e os possíveis resultados dessa atividade. Também tiveram a oportunidade de verem imagens e assistirem a vídeos sobre a técnica do entalhe na madeira, para construir a matriz e o processo de gravar no papel. Tomaram conhecimento das dificuldades de comercialização e da aceitação das xilogravuras, no início da produção nos anos 40 do século passado. Com base nessas informações, a maior parte da turma entende que a arte da xilogravura é algo além da beleza estética e merece destaque nas capas dos folhetos.

Ainda sobre as xilogravuras, a décima terceira pergunta buscava compreender o grau de importância que lhe são dadas em um folheto de cordel. A questão perguntava sobre a possibilidade de se ter gravuras impressas também dentro dos folhetos, ilustrando as narrativas, auxiliando no entendimento através da leitura das imagens. Dos 28 estudantes, 03 disseram ser de pouca importância, 19 afirmaram ser importante e 06 concordaram dizendo ter muita importância.

13-Você acha importante ter gravuras impressas também dentro dos folhetos, ilustrando as narrativas, auxiliando no entendimento atra-

vés da leitura das imagens?

Pouco importante	Importante	Muito importante
03	19	06

Conforme a pergunta anterior, os estudantes tiveram acesso à produção de uma xilogravura através dos vídeos exibidos em sala de aula. A maioria da turma entende que usar as xilogravuras dentro dos folhetos como ilustração pode auxiliar na interpretação dos textos. Segundo Marinho (2012, p. 46-47);

[...] os desenhos acompanham o conteúdo do folheto. A simplicidade das formas, as cores chapadas, a presença de motivos, paisagens e personagens nordestinas, transportam os leitores para o mundo da fantasia, imprimindo aos reis e rainhas, criaturas fantásticas e sobrenaturais, características que se aproximam do universo de experiências dos leitores.

Sobre a metodologia utilizada pelo professor/pesquisador na aplicação das oficinas, a décima quarta pergunta buscou entender se o método aplicado em cada oficina foi satisfatório e acessível para eles. Apenas 01 disse ter sido razoável, 06 afirmaram ter sido bom, 06 afirmaram ter sido ótimo e 15 deles considerou excelente a aplicação das oficinas.

14- O que você achou da metodologia aplicada nas oficinas?

Razoável	Boa	Ótima	Excelente
01	06	06	15

Esta pergunta buscou entender a forma como as oficinas chegaram aos estudantes com relação ao entendimento de cada proposta, o grau de dificuldade e a aplicabilidade em sala de aula. Acredito no dinamismo aplicado em cada oficina, em cada experimento e em cada descoberta, como contraponto ao peso teórico de cada conteúdo aplicado. As atividades práticas na criação artística auxiliaram na fruição dos conteúdos e na contextualização histórica com arte atual.

Para entender de que forma o projeto agraciou cada um deles, a décima quinta pergunta pediu para que eles/as classificassem o projeto: 02 afirmaram ter sido bom e 10 alunos/as acharam ótimo. 18 destes considerou o projeto como excelente.

15- Como você classificaria o projeto?

Bom	Ótimo	Excelente
02	10	18

Os alunos classificaram o projeto numa escala de bom a excelente, reforçando que aproveitaram e absorveram cada técnica empregada durante as oficinas. Acredito também no processo de socialização e partilha que houve entre os estudantes e o pesquisador.

A décima sexta pergunta, foi na verdade um espaço aberto para críticas, opiniões e sugestões, sobre o projeto de artes e literatura de cordel. Apenas 16 estudantes deixaram comentários opinando e sugerindo dicas sobre o projeto:

"As aulas são ótimas."

"Que o professor continue dando essas aulas porque elas são ótimas."

"Foi excelente. Não tenho o que criticar."

"Foi muito importante e excelente."

"...participaria mais vezes, foi ótimo."

"Achei muito bom ter participado desse trabalho, excelente."

"Eu gostei de participar, foi muito legal, mas poderia ter mais projetos como esse na escola."

"...foi um projeto ótimo."

"O projeto foi excelente, gostei muito, não tenho nada a criticar."

"Gostei muito de ter participado do projeto, foi uma experiência nova e divertida."

"O projeto foi excelente, mas poderia falar mais sobre os criadores da literatura de cordel."

"Projeto excelente, poderia participar mais."

"Agradeço a oficina por proporcionar momentos únicos que nunca fiz, e graças a oficina eu conheci mais profundamente a literatura de cordel e toda metodologia que o professor usou foi excelente."

"Muito bom, porém tem que lembrar mais a cultura."

"As experiências foram muito boas, nada a reclamar."

"Ótimo, principalmente porque tem aulas práticas."

Dos 28 estudantes que participaram de todas as oficinas do projeto, apenas 1 afirmou não ter se identificado com a Literatura de Cordel e com o folheto estudado. A não identificação desse aluno com o gênero literário não interferiu no processo artístico do grupo e nem na minha metodologia aplicada, pois em nenhum momento esse aluno se manifestou contra o gênero literário, ou ao uso dele em sala de aula. Como o questionário aplicado não exigiu a identificação do/a estudante, não consegui descobrir qual foi o/a estudante que não se identificou com o gênero.

Baseando-me nas respostas dos/as estudantes participantes das oficinas, fiz algu-

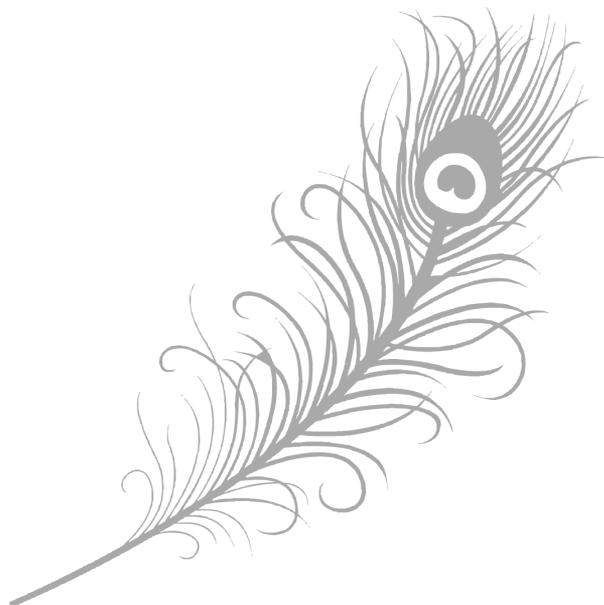
mas análises acerca do uso da Literatura de Cordel nas aulas de arte, a partir dos trabalhos de alguns pensadores. Para se fazer uma boa leitura de mundo é preciso ter uma base no contexto em que se vive? A Literatura de Cordel ajuda a construir essa leitura de mundo? Em se tratando da Literatura de Cordel, os alunos vivem em seu cotidiano a essência da arte e cultura popular da região e das tradições culturais do lugar que moram. O pensamento de Freire (2011) corrobora com o de Dewey (2010) quando mostra que o/a estudante precisa fazer uma leitura crítica e contextualizada de sua produção, de seu cotidiano que tão bem se encaixa na proposta triangular de Ana Mae Barbosa (2010).

Quanto ao uso da Literatura de Cordel nas oficinas desse projeto, mantive sempre o diálogo da produção do/a estudante com a cultura da qual ele está inserido, recolhendo as vivências e experiências deles e contextualizando com a história do folheto. Pensando na valorização das experiências locais, percebendo a poética que circula no lugar onde os alunos estão inseridos e colaborando na descoberta da poesia popular local, Marinho diz que "A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país" (MARINHO, 2012, P.127).

Busquei todas essas referências locais e pude vivenciar cada manifestação cultural e artística da cidade de Pilõezinhos, desde as festas populares na zona urbana; a tradicional festa do padroeiro da cidade, a tradicional queima de fogos, o desfile de estandartes, os festejos juninos, como também os festejos da zona rural; a corrida da galinha, as disputas de argolinha e vaquejada e a gastronomia. No tocante à oralidade, a cidade de Pilõezinhos mantém a tradição de cordelistas e a produção continua ativa.

Para mim, artista/professor/pesquisador, a Abordagem Triangular possibilitou analisar a minha prática artística em sala de aula, minha metodologia e a forma como utilizo o universo artístico/cultural local, sensibilizando e emocionando estudantes.

Ficou claro a participação dos/as estudantes em cada oficina: uma nova descoberta - a maioria não tinha praticado algumas das oficinas propostas, uma nova experiência - boa parte deles não tinha experimentado outros tipos de arte além do desenho e pintura, um novo olhar para a arte - produzir arte, apreciar cada trabalho e saber contextualizar com a sociedade onde está inserido.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movido pelo resgate da Literatura de Cordel e o desejo pessoal de significar o folheto O Romance do Pavão Misterioso, de José Camelo de Melo Resende, filho ilustre da cidade de Pilõezinhos e, ainda, com o objetivo de fazer os/as estudantes entenderem a importância do pertencimento local, elaborei esse projeto que uniu as atividades de arte em sala de aula usando a literatura de cordel como a base para as práticas artísticas.

Foi mais uma experiência para mim, um artista-professor e agora pesquisador, licenciado em Artes Visuais pela UFPB, onde pude vivenciar na prática a oralidade e as tradições locais, através dos/as estudantes e, por conseguinte, trazer essas vivências para as práticas artísticas propostas nas oficinas do projeto.

Tive também a oportunidade de buscar informações sobre a produção artístico-cultural fazendo um resgate na ancestralidade local, vivenciando com o grupo estudado e com a sociedade através da oralidade as experiências artísticas/culturais da tradição popular da cidade de Pilõezinhos.

Foi um processo de descobertas mútuas entre estudantes e professor, em contato com a literatura dos folhetos de cordel, em especial

O Romance do Pavão Misterioso, que é obra de um poeta local e isso fortaleceu todo o processo, proporcionando uma consciência de valorização local. Além do contato direto com o folheto do artista, os/as estudantes tiveram acesso também à história de vida do poeta que está inserida diretamente na história da sua cidade.

Quanto aos experimentos, os alunos puderam experienciar e vivenciar variadas técnicas usando suportes diferentes na produção artística em sala de aula e fora dela. Neste aspecto, destaco a importância de ter realizado duas oficinas para além dos muros da escola que foram: a colagem de cartazes lambe-lambe nas ruas e a pintura de um mural na praça central, dando a oportunidade de socializar a produção artística da escola e a literatura de cordel com a sociedade local, tomando uma dimensão maior na visibilidade da pesquisa e do projeto que estava sendo desenvolvido com os/as estudantes.

Usei uma metodologia de fácil acesso priorizando a produção individual de cada estudante e permitindo a utilização de seus saberes adquiridos no cotidiano. O uso da Abordagem Triangular foi essencial nesse processo dialógico possibilitando diferentes caminhos do fazer, ler e contextualizar. Foi

um processo de aprendizado mútuo, cheio de surpresas, descobertas, dificuldades, superação e resultados. Essa caminhada acendeu em mim a busca por mais projetos artísticos em sala de aula usando a cultura popular e a literatura de cordel com seu fascínio particular que tão bem simboliza nosso Nordeste.

Como educador, o projeto reforçou a importância que assumi quando me tornei um professor licenciado em Artes Visuais, um profissional que contribui na formação social e coopera na transformação pessoal do/a estudante.

O desejo de dar continuidade a esta pesquisa é real, pois o universo da cultura popular é muito abrangente e presente em meu cotidiano, portanto é outro projeto para um possível doutorado, haja vista que em relação às perspectivas da pesquisa sobre Literatura de Cordel, ainda há muito o que se descobrir, em função da grande diversidade de autores e folhetos escritos ao longo dos tempos.

Sobre a produção poética de José Camelo, existe um material fantástico para ser explorado e trabalhado em sala de aula, tão bem elaborado, assim como foi o folheto O Romance do Pavão Misterioso.

Após a conclusão das oficinas artísticas foram geradas algumas reflexões acerca desse universo da Literatura de Cordel nas aulas de arte, a partir dos seguintes aspectos:

- 1- O suporte oferecido pela escola para os/as estudantes na produção artística voltada para o universo da cultura popular local.
- 2- A valorização da produção artística/cultural local.
- 3- O aproveitamento da produção dos cordelistas e as histórias da tradição oral local.
- 4- A importância da criação artística de estudantes no âmbito escolar.

Esses questionamentos e reflexões surgiram com a finalização das oficinas de arte, mas, não houve tempo suficiente para serem investigadas nesses dois anos de mestrado, até porque não era a finalidade dessa pesquisa. Não obstante, faz-se necessário um estudo de caso a partir dessas reflexões, haja vista que ainda há muito que se pesquisar, descobrir e escrever sobre essa temática, que continua tão viva e atual.



REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- AVELINO, Yvone Dias. **A cultura de cordel nas ruas, nas feiras e na academia**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.
- BARBOSA, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte. C/Arte. 1998.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa participante**. 5.ed. Editora Brasiliense. São Paulo. 1985.
- CANTEL, Raymond. **Temas da atualidade na literatura de cordel**. São Paulo: USP, Escola de Comunicação e Arte. 1972.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1962.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Org. Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon, introdução Abraham Kaplan; Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (Coleção Todas as Artes).
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na Literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura De Cordel**. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **"A letra "Y"... vogal ou consoante?"**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/a-letra-y-vogal-ou-consoante.htm>. Acesso: 07 de março de 2023.
- ESCOLA MARLENE ALVES. Projeto Político Pedagógico. Pilõezinhos, 2022.
- FARIAS, Alyere Silva; ALVES, José Hélder Pinheiro. **Criação e Recriações de um Pavão Misterioso**. Leia Escola: Revista de Pós-graduação de Linguagem e ensino da UFCG, v. 9, n° 1, 2009, Campina Grande, 2010.
- FERNANDES, Maria das Graças, LIMA, Erivane Araújo, BATISTA, Ricardo. **Pilõezinhos: nossa terra, sua história**. Edição comemorativa. Secretaria de Educação. 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulos, 2013.

LOPES, Ribamar. **Literatura de Cordel (Antologia)**. 2. ed. Fortaleza, CE. Ministério do Interior. 1983.

MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012

MELO, Rosilene Alves (org.). **Literatura de Cordel: conceitos, pesquisas, abordagens**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PEREIRA, Kátia Helena. **Como usar as Artes Visuais na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Como usar na sala de aula)

PINHEIRO, Hélder. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Fazer, pensar e ensinar artes cênicas: epistemologias do extremo leste do Brasil**. Campinas: Papirus, 2021.

TAVARES, Luiz Junior. **O Mistério do Pavão Misterioso**. Resenha do folheto O Romance do Pavão Misterioso. 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1997

BLOGS/SITES

ACORDA CORDEL. <http://acordacordel.blogspot.com/2012/02/maior-polemica-do-cordel.html> Acesso: 20-01-2023 as 09:47.

ARTESANATOBASIL.NET. <https://artesanatobrasil.net/papietagem/> Acesso em: 10-02-2023 as 09:26h

BRASIL ESCOLA. <https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/a-letra-y-vogal-ou-consoante.htm> Acesso: 12-01-2023 as 10:35

CASA DA XILOGRAVURA. <http://www.casadaxilogravura.com.br/xilogravura.php>. Acesso: 20-01-2023 as 09:50h.

CORDÉIS DO MUNDO. <http://memoriasdocordel.blogspot.com/2013/09/cordeis-do-mundo-> Cultura Genial. <https://www.culturagenial.com/literatura-de-cordel/2-colportage.html>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023, as 10:51.

DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-de-cordel>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023, as 10:00.

GLOBO.COM - <https://gl.globo.com> , Acesso em 21-01-2023 as 15:32

GGN - O jornal de todos os brasis. Anotações sobre o Pavão Misterioso, clássico da poesia brasileira. São Paulo, 2014. www.jornalgggn.com.br, Acesso: 12-02-2023 as 15:29.

IPHAN, CNFCP. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em 12-02-2023 as 15:40h.

LUZ DE FIFÓ. <http://luzdefifo.blogspot.com/2011/09/poetas-populares-jose-camelo.html>

MEMORIAL. <https://memorial.org.br/xilogravura-pensamentos>.

MEMÓRIAS DO CORDEL. Cidades do Cordel #2 - Guarabira. Disponível em: <<http://memoriasdocordel.blogspot.com/2013/02/cidades-do-cordel-2-guarabira.html>>. Acesso em: 26 de setembro de 2022, às 19:58.

NORMA CULTA. <https://www.normaculta.com.br/palavras-com-s-com-som-de-z/> Acesso: 13-01-2023 as 13:39

MEMÓRIAS DA POESIA POPULAR. <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/jose-camelo-de-melo-resende/> Acesso: 20-01-2023 as 15:03

PERIÓDICOS DE LETRAS. <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18376>.

REVISTA PUB. <https://www.revista-pub.org/post/19122019>. Acesso em: 05-02-2023, as 08:37H.

SOBRE RACISMO ESTRUTURAL. <https://brasildedireitos.org.br/atualidades/o-que-racismo-estrutural/?noticias/488-o-que-racismo-estrutural>. Acesso em: 10-02-2023 as 09:09

XILOGRAVURA. Centro nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN, 2020. Acesso em 12-02-2023 as 10:15h.

XILOMA. <https://xiloma.tumblr.com/post/119899614216/trazer-cor-a-xilogravura-a-xilogravura-em> Acesso em: 13-02-2023 as 14:15h.

VÍDEOS LINKS

PARAÍBA CRIATIVA - <https://www.paraibacriativa.com.br/cordel-e-seus-personagens-do-seculo-xxi/>

GLOBO RURAL - <https://youtu.be/7DosjK6GSUQ>

MARIDISCACCIATI - <https://www.youtube.com/watch?v=4p96AW05Kgw&t=7s>. Acesso em: 13-02-2023 as 14:02h.

TV BRASIL - <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2022/05/xilogravura-maestria-da-madeira> Acesso em: 14-02-2023 as 14:10h.

ANEXOS

NINHO DO PAVÃO

No ano de 2014 foi criada a Associação Ninho do Pavão, idealizada por Jonas Constantino Monteiro, com a colaboração dos filhos e netos de Severino Mendes da Silva e Maria do Carmo Miranda Mendes. A associação tem por objetivo abrigar um acervo com diversos tipos de materiais que faz alusão ao folheto O Romance do Pavão Mysteriozo, bem como documentos históricos da cidade e de filhos ilustres de Pilõezinhos, recolhidos desde a fundação da associação.

Ao longo desse tempo de existência da associação, foi adquirido um terreno e feita a construção de uma casa que será um Memorial, onde guardará todo material recolhido pelos membros da associação. A casa foi construída ao lado de uma pedra que é chamada de "Ninho do Pavão", onde tem uma escultura de ferro representando o Pavão Mysteriozo. A casa está localizada no centro da cidade.



Imagens 104 - Associação Ninho do Pavão
Fonte: Acervo Pessoal (2023)

-PRODUÇÃO TEXTUAL

Texto 01

O NEGO DO SAPOTÍ (Baseado em uma lenda local)
(Texto coletivo - turma do 9º ano A - 2022)

Vou contar uma história
Que parece assombração,
Quando ouço essa história
Começo logo a tremer a mão,
Esse nego do sapotí é gaiatim
Corre atrás do povo na cidade
de Pilõezim.

Diz que é um menino
Sorridente, brincalhão e azoga-
do.
Assusta quem passa no pé de
sapoti
Correndo atrás do povo assusta-
do.
Vestido todo de preto
Causando pavor no povoado.

Fica trepado no pé de sapotí
Pula e assusta quem passa por
alí,
Parece uma gambiarra o rosto
do sujeito
Mal feito, costurado, parece um
cangali
Não tem quem ache bonito
A cara desse nego que vive ali.

O nego sapotí vive no cercado
de Sr. Deputado
Aquele queria ser prefeito e
delegado,
Coitado da fama desse homem
De ser o dono do pé de sapotí
assombrado.
As terras do sítio Campineiro
Tem a fama de assustar o mundo
inteiro.

Seria uma brincadeira
De quem não tem o que fazer?
Assustar criança e adulto
Pulando e correndo com muito
prazer.
Matando de medo e raiva
O povo que por ali tem algo pra
fazer.
Dizem que o nego correu atrás
De um menino que passava a pé.
Correram mais de uma légua,
O menino já tinha perdido a fé.
Até chegar na igreja
E rezar 10 ave-marias em pé.

Outro dia foi a vez de uma moça
Bonita e cobiçada na região.
O nego queria amar a moça
Pois estava ardendo de paixão.
A bichinha teve um desmaio
E acabou foi dentro de um cai-

xão.

Foi a vez do vaqueiro passar
Corajoso, destemido e ferroz.
Mas quando viu o nego por ali,
Correu ligeiro, muito veloz.
Pois o maior corajoso da região,
Correu com medo do atroz.

Pode ser uma lenda,
Um mito talvez, quem sabe?
Mas muitos dizem ter visto
Afirmando que isso é verdade.
Pois o nego do sapoti
Ele assusta com sinceridade.

Texto 02

O AMOR DE TEREZINHA

(Texto coletivo - turma do 9º ano
B - 2022)

Terezinha era a moça
Mais feia do sertão
Sua única beleza
Era o seu coração
Ela queria se casar
Mas não encontrava rapaz não.

Ela era moreninha
Do cabelo despenteado
O nariz era tão grande
Que passada do telhado
E os dentes de tão feio
Só se via o estragado.

E a boca da bichinha
Tinha um bafo de matar
Os olhos arregalados
Que dava medo só de olhar
E as uréia de abano
Só faltava ela avoar.

Terezinha era magra
Parecia um galho seco
Suas pernas de tão fina
Pareciam um graveto
E os braços da coitada
Lembrava um esqueleto.

Subir no altar com o pai

Era o sonho da donzela
Vestido branco e veu
E um buquê na mão dela
E um sapatinho de cristal
Parecendo a Cinderela.

A festa do casório
Seria na zona rural
A fazenda da Alegria
Seria o cenário ideal
Pra festa de Terezinha
Terminar em alto astral

Um bolo de cinco andares
Amarelo, feito de cuscuz
Doces de todas as frutas
Que na fazenda produz
E a bebida seria cachaça
E lambedor de mastruz.

Pra casar com Terezinha
Procuravam o rapaz ideal
Um moço de boa pinta
Educado, engraçado e legal
Mas será que existe esse rapaz
Pra formar um belo casal?

Os pais de Terezinha começaram a
procurar
O rapaz perfeito para a filha se
casar
Cartazes na cidade espalharam sem
demora
Para o rapaz Terezinha encontrar

Até na internet espalharam a no-
tícia
Pois esse marido tinha que arran-
jar.

A fila de rapazes foi grande na
fazenda
Todos queriam Terezinha conhecer
A intenção era a herança
Que a moça tinha pra receber
Pois casar por amor
Nenhum rapaz iria querer.

Foi feito uma entrevista
Com cada rapaz que esteve por lá
Os pais de Terezinha queriam ou-
vir
As intenções dos rapazes que esta-
vam a aguardar
O escolhido seria aquele que todo
dia
Tivesse muito amor pra dar.

Eloilson foi o primeiro da entre-
vista
Foi recusado porque não parava de
falar
Tinha uma boca de badalo
Só vivia a tagarelar
Com a moça Terezinha, disse o pai:
Você jamais vai se casar

Vitor Manoel tinha a cara de papel

Foi esse o motivo para não ser escolhido
A moça Terezinha era exigente
Quando viu o rapaz falou: está re-
preendido!
Não quero me casar com ele
Pois tem a cara de bandido.

Arthur foi o próximo da fila
Estava ansioso pra conhecer a don-
zela
Chegou montado em um cavalo
Pra impressionar os pais dela
Terezinha falou: que catinga é essa?
Ele disse: meu cavalo é cheiroso, o
que fede é essa sela.

João Victor chegou sorridente
Com a boca cheia de dente
O problema dele era interno
Vinha um bafo fedorento e quente
Terezinha reclamou irritada:
Vá correndo escovar os seus dentes.

No final da fila estava o Gabriel
Moço bonito, parecia ser legal
Terezinha já não acreditava
Que surgiria um rapaz ideal
Mas foi no rabo da fila
Que seu amor chegou triunfal

Terezinha viu em sua frente
Um rapaz bem diferente
Teve a certeza que esse seria
O amor eterno que via em sua mente
Pois viu no jovem Gabriel
A família que viveria eternamente.

Chega o dia do casamento
Todos estavam felizes e contentes
O padre Kleyton de Pilõezinhos
Veio celebrar o casamento diferente
Da jovem estranha Terezinha
Com o jovem Gabriel sorridente.

Padre Kleyton disse: sejam felizes
para sempre
E já pode beijar a noiva.
Terezinha nem esperou o padre falar
Foi logo beijando o rapaz na hora
Pois ela queria experimentar a lua
de mel
Correndo, apressada e sem mais de-
mora.

O burro Batata, foi todo enfeitado
Colocaram fitas, laços e latas pen-
duradas
Para conduzir os noivos
Em uma nova jornada
Viva os noivos, todos gritaram
E jogaram xerém abençoando a nova
caminhada.

Como num passe de mágica
No burro Batata duas asas se abriram
Os noivos subiram no lombo do ani-
mal
Que em seguida bateu asas e parti-
ram
Voaram tão alto a perder de vista
Que os convidados da festa não mais
o viram.

Dizem que a lua de mel seria no es-
trangeiro

Bem distante desse povo falador
Uns dizem que foram pra Turquia
Pois lá viveriam com muita alegria
Outros dizem que foram pra Grécia
Prá viver fazendo festa.

E assim termina a história da moça
Terezinha
Que encontrou no jovem Gabriel a fe-
licidade.
Casou-se e fugiu prá ser feliz
Prá ficar longe de quem lhe desejava
maldade
Deixando essa história misteriosa
Da moça feia com o coração de bon-
dade.

Texto 03

LÁ VAI CACHAÇA!

(Autor: Leandro dos Santos Silva)

Deus quando fez o mundo não fez em um segundo
Fez cachaça, dinheiro e mulher prá todo mundo.
Uns gostam de dinheiro, outros gostam de cachaça
Eu gosto é de mulher, seja de qualquer lugar do mundo
Não existe cor nem raça, idade ou beleza
Pois sei que tem sete mulher, pra cada homem do mundo.

Por enquanto eu só tenho seis, ainda me falta uma
Deve tá por aí com vocês, vou pegar de forma sensata.
Tenho duas pretinhas, duas loiras e duas mulatas
Só me falta uma neguinha prá fazer as sete gatas
Prá ser o homem mais feliz do mundo
Casado com essas gatas.

Dinheiro a gente tem, cachaça a gente compra.
Mas a danada da mulher, não consigo viver sem ela.
Jogo anzol e lanço a isca, prá pegar moça bonita
Junto tudo num balaio, recheado de donzela.
Como é bom viver cercado de amor,
Abraçado e esquentando minha costela.

Sim, eu bebo muita cachaça
E na vizinhança, ninguém tem nada com isso.
Mas também dou muito amor
Para as mulheres do meu coração, porque é preci-

so.

Alda, Beta, Carol, Daniela, Eduarda, Fabiana e Gorete,
Mato de beijo e de amor e muito sorriso.

Mas o amor prá cada uma é intenso
Divido meu amor por igual sem diferença.
Pois amar uma mulher é especial
Imagina dividir amor com sete, precisa ter crença.
Acreditar que amar mais de uma mulher
É uma condição de Poligamia e felicidade como sentença.

Peço a Deus muita saúde
Prá viver muitos dias com meus amores.
Rezo todo dia pedindo proteção dos invejosos
Que Nossa Senhora me livre das dores
Daqueles que torcem contra
Da minha vida com sete amores.

Vivo feliz com as mulheres que escolhi
Vivo feliz com a vida cheia de graça.
Pois é junto das sete mulheres
Que minha vida se completa e elas me abraça.
Santa Aparecida cheia de graça,
Prepara meu peito que lá vai cachaça.

- QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA / UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES / CCTA
PROGRAMA DE Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional / PROF-ARTES/UFPB

PROJETO: ARTES VISUAIS E A LITERATURA DE CORDEL: A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM – UM MANUAL PARA O/A PROFESSOR/A.

Esse questionário será aplicado com os alunos nas turmas 9º A e B da Escola Municipal Marlene Alves Mendes, da cidade de Pilõesinhos na Paraíba, que participaram das oficinas de arte propostas no projeto do Mestrando Geóstenys de Melo Barbosa.

Prezado(a) aluno(a),

Venho por meio deste questionário pedir as suas contribuições, opiniões, comentários, aprendizagens sobre a concretude das atividades realizadas durante o projeto desenvolvido em sala de aula sobre a Literatura de Cordel e as aulas de artes. Os resultados que serão coletados por esse questionário, respondido por você, servirá para compor a minha Dissertação de Mestrado. Portanto, já agradeço as suas valiosas respostas. As mesmas serão de suma importância para a conclusão da minha Dissertação.

Recebam já os meus sinceros agradecimentos.

QUESTIONÁRIO

Idade: _____

Sexo: Mas() Fem()

Considerando a classificação do IBGE (abaixo), como você classificaria sua cor ou raça?

Branco() Preto() amarelo() Pardo() Indígena() Outro() _____

1 - Por que você decidiu participar das oficinas de Arte do projeto de Literatura de Cordel?

- () Gosto de atividades práticas nas aulas de Arte.
() Gosto de experimentar novos projetos.
() Curiosidade.

2- Qual seu contato com a Literatura de Cordel?

- () Já conhecia, tive contatos anteriores ao projeto.
() Conheci a Literatura de Cordel no projeto.

3- Alguém que você conhece, possui folhetos de Cordel?

- () Familiares () Amigos () Não conheço ninguém que tenha folhetos de Cordel.

4- Você se identificou com a Literatura de Cordel?

- () Sim
() Não

5- Sobre as oficinas oferecidas no projeto, classifique-as:

A - Oficina de Desenho	B - Oficina de Desenho dos personagens do cordel O romance do pavão misterioso
() Ruim () Razoável () Boa () Ótima () Excelente	() Ruim () Razoável () Boa () Ótima () Excelente

C - Oficina de Recorte e Colagem dos personagens do cordel O romance do pavão misterioso	D - Oficina de Isogravura com a temática do cordel O romance do pavão misterioso
() Ruim () Razoável () Boa () Ótima () Excelente	() Ruim () Razoável () Boa () Ótima () Excelente
E - Oficina de cartazes Lambe-Lambe com a temática do cordel O romance do pavão misterioso	F - Oficina de Pintura de um Mural com a temática do cordel O romance do pavão misterioso
() Ruim () Razoável () Boa () Ótima () Excelente	() Ruim () Razoável () Boa () Ótima () Excelente
G - Oficina de criação coletiva de um Folheto de Literatura de Cordel com temática livre	
() Ruim () Razoável () Boa () Ótima () Excelente	

6- Após a sua participação nas oficinas de Arte propostas no projeto, qual seu grau de identificação com a Literatura de Cordel:

- () Não me identifiquei. () Me identifiquei parcialmente. () Me identifiquei totalmente.

7- Após a sua participação nas oficinas de Arte propostas no projeto, onde você pode ter acesso a leitura de folhetos de cordel, você se considera um leitor desse tipo de Literatura?

- () Sim () Não

8- Indicaria folhetos de Literatura de Cordel para outras pessoas?

- () Sim. () Não. () Talvez.

9- Sobre o folheto O romance do pavão misterioso, como você o classifica?

- () Ruim
() Razoável
() Bom
() Ótimo
() Excelente

10- Sobre a importância de preservar a tradição da produção de Literatura de Cordel, qual sua opinião?

- () Não tem importância.
() Pouco importante.
() Importante.
() Muito importante.

- TALE

11- Sobre a importância de incentivar a leitura de folhetos de Literatura de Cordel, qual a sua opinião?

- Não tem importância.
 Pouco importante.
 Importante.
 Muito importante.

12- Sobre as Xilogravuras nas capas dos folhetos de Cordel, você as considera:

- Sem importância.
 Pouco importantes.
 Importantes.
 Muito importantes.

13- Sobre as Xilogravuras serem impressas dentro dos folhetos, ilustrando a história, você considera:

- Sem importância.
 Pouco importantes.
 Importantes.
 Muito importantes.

14- Sobre a metodologia utilizada pelo professor nas oficinas de artes, como você classifica:

- Ruim
 Razoável
 Boa
 Ótima
 Excelente

15- Como você classifica o Projeto de Artes e Literatura de Cordel:

- Ruim
 Razoável
 Bom
 Ótimo
 Excelente

16 - Quer deixar alguma crítica, fazer uma sugestão, dar uma opinião sobre o projeto de Artes e Literatura de Cordel? (pode usar o verso da folha) _____

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado a participar da pesquisa sobre ARTES VISUAIS E A LITERATURA DE CORDEL: A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM desenvolvida por Geostenys de Melo Barbosa, contato: (83) 993419494, mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Artes em rede nacional – Prof-Artes/PB, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández. Seus pais permitiram que você participe.

Nesta pesquisa pretendemos realizar oficinas de artes visuais, usando a Literatura de Cordel como suporte para conduzir as atividades, buscando investigar e analisar as contribuições e desafios dessa prática no ambiente escolar.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm entre 13 e 17 anos de idade.

A pesquisa será feita na Escola Municipal de Ensino Fundamental Marlene Alves Mendes, com educandos e educandas do 9º ano, usando os recursos de oficinas de artes visuais, aplicação de questionários, participação em entrevistas, fotos e vídeos.

A pesquisa é considerada segura, mas é possível ocorrer riscos. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo nosso contato que tem no começo do texto. Mas há coisas boas que podem acontecer como a ampliação das possibilidades de expressão artística, estímulo a curiosidade crítica, fortalecimento das relações e interação social, entre tantos outros benefícios.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em eventos da área de educação, artes e cultura, publicação em revistas científicas nacional e/ou estrangeira e meios acadêmicos, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____
aceito participar da pesquisa "ARTES VISUAIS E A LITERATURA DE CORDEL: A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM".



- TCLE

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Pilõezinhos, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do(a) menor(a)



Assinatura do pesquisador responsável

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus I- Cidade Universitária – 1º andar – CEP. 58051-900 – João Pessoa/PB. (83) 3216-7791 –

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) Senhor (a) _____

Esta pesquisa é sobre ARTES VISUAIS E A LITERATURA DE CORDEL: A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM, e está sendo desenvolvida por Geostenys de Melo Barbosa, mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Artes em rede nacional – Prof-Artes/PB, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández. Os objetivos do estudo são: investigar, através da literatura de cordel, como se dá o processo de criação de trabalhos artísticos em sala de aula a partir da coletividade, como potencializador de habilidades e competências, nas turmas de 9º ano do ensino fundamental das séries finais, estimular a prática da escrita e leitura dos textos do cordelista José Camelo de Melo Rezende, por meio da contextualização das experiências individuais dos alunos como subsídios para a alfabetização visual e verbal, realizar oficinas de artes visuais para a criação de um produto artístico a partir da literatura de cordel, utilizando as ruas e as redes sociais como suporte para a divulgação do que for produzido, despertar nos alunos a capacidade de apreciação e valorização da arte local e do universo da cultura popular, como também revelar possíveis potenciais artísticos.

A finalidade deste trabalho é aplicar oficinas de artes usando a literatura de cordel como tema central das criações artísticas, colaborando com a prática pedagógica na condução das aulas. No caso desse estudo, que terá a utilização do cordel como suporte didático, compreende-se que o mesmo facilitará o envolvimento de diversos elementos, através dos quais podem ser exploradas as linguagens verbal e não verbal para o entendimento dos conteúdos de forma significativa

Solicitamos a sua colaboração para participar de oficinas de arte a serem realizadas na Escola Marlene Alves Mendes, participar das entrevistas, fotos, questionários, vídeos, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação, artes e cultura, publicar em revistas científicas nacional e/ou estrangeira e meios acadêmicos. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos ou desconfortos para o participante da pesquisa. O pesquisado estará sob a minha responsabilidade nas datas e horários que as oficinas estiverem sendo realizadas.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) educando(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem



Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Pilõezinhos, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do(a) menor(a)



Assinatura do pesquisador responsável

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus I- Cidade Universitária – 1º andar – CEP. 58051-900 – João Pessoa/PB. (83) 3216-7791 –

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

*Endereço/ Setor de trabalho:

Escola Marlene Alves Mendes

Rua Severino Mendes, S/N- Centro, Pilõezinhos-PB,

E-mail: escolamarlenemendes@gmail.com

*Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus I- Cidade Universitária – 1º andar – CEP. 58051-900 – João Pessoa/PB. (83) 3216-7791

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

*Professora Orientadora:

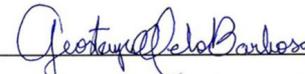
Profª. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández

Prof-Artes / CCTA - Universidade Federal da Paraíba Campus I – Bairro Jardim Cidade Universitária, João Pessoa - PB, CEP 58033-455.

Contatos: (19) 997013499

E-mail: marcia.strazzacappa@academico.ufpb.br

Atenciosamente,



Assinatura do pesquisador responsável

Geostenys de Melo Barbosa



Assinatura da Orientadora

Profª. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández

. O sujeito da pesquisa ou seu representante legal e o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Manual pedagógico para aulas de arte




UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/ UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES/ CCTA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE
NACIONAL - PROF-ARTES/ UFPB

GEÓSTENYS DE MELO BARBOSA

OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM - UM MANUAL PARA O/A PROFESSOR/A

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández
Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

JOÃO PESSOA - PB
2023

"ARTE NÃO SE ENSINA; CONTAMINA-SE PELA ARTE." (Ana Mae Barbosa)

Este Manual de Orientação para professores/as de Arte desenvolverem suas aulas com a temática Cordel, foi elaborado como resultado de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional (ProfArtes) da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, na qual, para as oficinas do projeto, foi usado apenas o folheto de cordel "O Romance do Pavão Misterioso" de José Camelo de Melo Rezende. Este material configura-se como mais uma ferramenta didático-pedagógica disponível, como fonte de informações, de materiais e técnicas que poderá contribuir na condução das aulas de artes, favorecendo uma aprendizagem expressiva com o uso da linguagem popular, do universo folclórico abordado nos folhetos e do uso das imagens das xilogravuras.

A pesquisa intitulada A OBRA O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM - UM MANUAL PARA O/A PROFESSOR/A se deu a partir de uma coleta iniciada pelo artista-professor-pesquisador, pensando na importância da valorização da cultura in loco, no resgate da tradição da literatura de Cordel e o reforço no pertencimento local.

A investigação foi realizada no ano de 2022, com alunos do 9º ano da Escola Marlene Alves Mendes, na cidade de Pilõesinhos na Paraíba.

A literatura de Cordel abarca os mais variados temas, indo de histórias engraçadas aos dramas históricos, passando por casos acontecidos ou circunstanciais, fatos reais e imaginários que aguçam a curiosidade de um povo. Por se tratar de uma leitura de fácil acesso, com personagens e histórias fantásticas, inspira o trabalho em sala de aula e instiga o/a estudante a buscar mais informações sobre o cordel, contribuindo também com a leitura.

Essa pesquisa teve por objetivo, valorizar a cultura popular e a identidade cultural local, através das oficinas de arte, usando o folheto de cordel O Romance do Pavão Misterioso, de autoria de José Camelo de Melo Rezende, como condutor dessas oficinas. O folheto de cordel entra na pesquisa como uma fonte de riqueza artística e de valorização dos artistas que trabalham com essa modalidade de escrita.

Este Manual de Orientação poderá ser utilizado na condução das aulas de arte usando o Cordel como conteúdo, nas séries do ensino fundamental I e II e Ensino Médio, podendo ser usado qualquer folheto de cordel para a aplicabilidade das oficinas.

Geóstenys de Melo Barbosa

O FOLHETO DE CORDEL NA SALA DE AULA

Acredito que a literatura de cordel precisa estar mais presente no cotidiano escolar, como produto artístico cultural e enquanto didática em sala de aula. Nesse sentido, levar a literatura de cordel para o ambiente escolar contribui para a formação de leitores, através de variadas abordagens metodológicas, para além de auxiliar na assimilação de conteúdos nas mais variadas disciplinas. É preciso, neste sentido, criar uma relação da literatura de cordel com o contexto histórico e a realidade social em que os/as estudantes estão inseridos e, ainda, através de seus relatos de vivências e experiências e contextos locais, proporcionar uma leitura e interpretação prazerosa aproximando-se de suas realidades. Através da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2010), as oficinas irão possibilitar a criação, a apreciação do produto e contextualização histórica.



OFICINAS

Oficina 1 - Desenho de memória.	Desenho de personagens e paisagens do universo popular nordestino.
Objetivo Geral:	Explorar o desenho de memória, facilitando a percepção e a compreensão de estudantes para revelar e potencializar as suas habilidades.
Conteúdo	Linhas no desenho.
Espaço Físico:	Sala de aula.
Quantidade de aulas	02 aulas
Habilidades da BNOC	(EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.
Materiais utilizados:	folhas de papel sulfite tamanho A4, lápis grafite 2B, caneta hidrográfica e/ou esferográfica, borracha macia, datashow.
Técnica empregada:	Desenho de memória.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

Apresentar folhetos de cordel para os estudantes: O professor levará para sala de aula exemplares de folhetos de cordel. Se não tiver folhetos de cordel na biblioteca da escola, o professor poderá fazer a aquisição de alguns exemplares para executar as atividades em sala de aula.



Distribuir os folhetos aleatoriamente com a turma e pedir que eles leiam pequenos trechos das histórias de forma silenciosa. Em seguida, o professor abrirá um diálogo sobre as impressões que cada um teve sobre o folheto, o estilo textual, as rimas, as histórias, os personagens, as situações engraçadas, a linguagem coloquial.

Também é importante apresentar um resumo da origem dos folhetos de cordel, falar dessa tradição popular e abordar a técnica das xilogravuras. Essa apresentação poderá ser feita através da apresentação de slides ou cartazes.

Após esse diálogo informativo sobre o folheto de cordel, os alunos seguirão com a leitura dos folhetos.



2º MOMENTO DA OFICINA



Orientar sobre a linha na composição do desenho, o movimento no desenho usando as linhas para a composição. Níveis alto, médio, baixo.

Distribuir folhas de papel sulfite, lápis e borracha: O professor irá explicar a atividade: Será feito um desenho de personagens das histórias populares, personagens do cotidiano, que busquem na memória pessoas que sejam parecidas com os personagens do folheto que acabaram de ler. Os/as estudantes criarão seus desenhos de forma espontânea, inspirados nos personagens reais de suas vivências.

O professor/a deverá orientar sobre a linha na composição do desenho, o movimento no desenho usando as linhas para essa composição e os níveis alto, médio e baixo no desenho.

3º MOMENTO DA OFICINA

Depois de desenhar com o lápis, os/as estudantes farão os contornos dos desenhos com caneta hidrográfica ou esferográfica, colorindo o desenho apenas com a cor preta, para fazer referência às ilustrações de xilogravuras dos folhetos de cordel.



Após a turma concluir os desenhos, pedir que eles os coloquem sobre as mesas, para que todos possam observar a produção individual. O professor/a pedirá aos estudantes que comentem o desenho do colega e seu próprio desenho, oportunizando a fala para cada estudante. O professor/a poderá mediar as perguntas tais como:

*O que o desenho representa?
Este desenho lembra alguém ou algum lugar que você conhece?
Você se reconhece nesse desenho?*

Nessa oportunidade, o professor/a poderá abordar a questão da composição nos desenhos, falar sobre os níveis alto, médio e baixo nos desenhos produzidos e se foi usado movimento na composição. Essas observações são normas de desenho técnico e que podem contribuir para o aperfeiçoamento das próximas composições, que porventura vierem a realizar.



Oficina 2 - Pintura.	Pintura dos personagens do folheto de cordel - Referências das xilogravuras)
Objetivo Geral:	Desenhar e Pintar os personagens presentes no folheto de cordel inspirados na xilogravura.
Conteúdo	Xilogravuras de J. Borges (José Francisco Borges)
Espaço Físico:	Sala de aula.
Quantidade de aulas	02 aulas
Habilidades da BNOC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Materiais utilizados:	folhas de cartolina (ou o papel disponível na escola) lápis grafite 2B, borracha, tinta guache de cor preta, pincel fino (tipo escolar), datashow.
Técnica empregada:	Pintura (Referência das xilogravuras)



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

Apresentar a obra do cordelista e gravador pernambucano J. Borges (José Francisco Borges). Fazer um resumo histórico do artista e mostrar sua produção de xilogravuras. Fazer essa apresentação usando slides e/ou cartazes.



2º MOMENTO DA OFICINA

Orientar os/as estudantes que escolham um personagem do folheto lido na aula anterior e façam o desenho em uma folha de cartolina ou papel sulfite. Depois do desenho pronto, pedir que eles pintem os personagens com a tinta guache de cor preta, para fazer referência à cor original das xilogravuras. O professor/a deverá orientar os/as estudantes como administrar o preto para colorir um desenho. Para facilitar a compreensão sobre a utilização da cor preta, projetar mais uma vez os slides com imagens de algumas gravuras.

J. BORGES
José Francisco Borges - cordelista - xilografo - poeta
Nascido em 20 de dezembro - 1935 em Beberibe - PE.

3º MOMENTO DA OFICINA

Na sequência, fazer a socialização dos desenhos produzidos durante essa oficina. Organizar as pinturas, de forma que todos/as possam visualizá-las. Anunciar o momento de apreciar a produção da sala e depois pedir que cada estudante comente os referenciais que trouxeram para sua criação - das figuras presentes na família, na comunidade ou de personagens folclóricos.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

A oficina começará com a exibição de um vídeo com imagens da técnica de entalhe na madeira - a sequência de imagens no filme seguirá a ordem de produção de uma xilogravura, para que todos/as possam entender o passo a passo de um processo de criação de gravura com matriz em madeira. Na sequência, mostrar vídeos ou imagens de outras técnicas de gravura, como a linótipografia, a gravura em metal e a gravura com isopor.

O professor poderá organizar essa sequência de vídeos buscando as referências nos canais de Youtube.

2º MOMENTO DA OFICINA

A partir do folheto lido em sala de aula - poderá ser o mesmo folheto da aula anterior - os/as estudantes farão o desenho da gravura baseado no folheto. Cada aluno, com uma bandeja de isopor (fornecida pelo professor ou cada aluno traz à sua), irá recortar as bordas com a ajuda de uma tesoura, para deixar só o fundo da bandeja, facilitando o momento do desenho. O desenho será feito no fundo da bandeja de isopor (previamente pensado com base nos desenhos já produzidos nas oficinas anteriores), usando uma caneta, ou lápis de ponta grossa.

É importante que o desenho seja feito riscando de maneira mais forte no isopor, desgastando e criando um baixo relevo.

*Isogravura - gravura usando isopor como Matriz.
* caneta prediáta com isopor.
* desenho em baixo relevo.*



Oficina 3: Gravura com Isopor.	Confecção de matriz de gravura com isopor.
Objetivo Geral	Experimentar o processo de gravação de imagem no papel, usando o isopor como suporte.
Conteúdo	Xilogravuras de J. Borges (José Francisco Borges)
Habilidades da BNCC	(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.
Espaço Físico	Sala de aula
Quantidade de aulas	02 aulas
Materiais utilizados	folhas de cartolina caneta esferográfica, lápis grafite 2B, borracha, bandejas de isopor, tinta guache de cor preta, pincel fino, rolinho de pintura, datashow.
Técnica empregada	Gravura com Matriz de isopor

3º MOMENTO DA OFICINA

Usar uma bandeja de isopor para ser o depósito da tinta usada nas gravuras. Com a ajuda de um rolinho de pintura, passar a tinta guache preta na base de isopor desenhado - a matriz - preenchendo todo o isopor. Na sequência, pressionar o isopor sobre a cartolina, funcionando como um carimbo.

O desenho do personagem que ficou em baixo relevo e não recebeu tinta, é o desenho que ficará em destaque e aparecerá na gravura que foi carimbada. A parte negativa do desenho, que é a parte que circula o desenho e que recebeu a tinta preta, será a cor predominante na gravura, funcionando como uma moldura. Esta ação segue o mesmo processo de uma xilogravura de matriz em madeira.

É um trabalho que exige paciência e delicadeza, pois o isopor poderá deslizar na folha e a gravura ficará borrada. A retirada do isopor do papel também exigirá os mesmos cuidados.

4º MOMENTO DA OFICINA

Momento de apreciação dos resultados das gravuras estampadas no papel. Organizar as matrizes de isopor e as impressões no papel de forma que toda turma possa visualizar amplamente. O professor/a deverá mediar uma discussão com a turma, fazendo a contextualização da produção dos/as estudantes com as obras de J. Borges.

Por se tratar de um experimento artístico, podem ocorrer algumas falhas na gravura final, com relação ao excesso ou falta de tinta. Explicar aos estudantes que os experimentos artísticos funcionam desta forma, testando os materiais e as técnicas e, na maioria das vezes, uma falha pode resultar em uma nova técnica ou descoberta.

O professor/a irá mostrar aos estudantes que tanto a matriz em isopor quanto a gravura no papel são produtos artísticos finais.



Oficina 4 - Cartazes Lambe-lambe	Colorindo a rua com as cores do Pavão
Objetivo Geral	Produzir e compreender o processo de comunicação visual através de cartazes tipo lambe-lambe, usando materiais disponíveis na escola.
Conteúdo	Comunicação visual: cartazes pôster-bomber
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Sala de aula / Ruas da cidade
Quantidade de aulas	02 aulas
Materiais utilizados	folhas de papel sulfite tamanho A4, papel colorset - papel colorido, caneta esferográfica, lápis grafite 2B, borracha, jornais, revistas, imagens diversas (impressas com a temática Cordel), cópia dos personagens criados pelos alunos em oficinas anteriores bandejas de isopor, cola branca, rolinho de pintura máquina de fotocópias data-show
Técnica empregada	Recorte e colagem de papel

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

Apresentar slides com imagens de cartazes Pôster-Bomber ou Lambe-Lambe, como são popularmente conhecidos, projetados no quadro, utilizando o data-show. Abordar a origem, como foi propagado e mostrar alguns artistas que usam a rua como espaço de criação de arte. Fazer um breve apanhado sobre arte de rua e a importância dos cartazes pôster-bomber nesse contexto e, ainda, alertar a diferença da arte de rua e a poluição visual nos espaços públicos. Mostrar imagens de cartazes pôster-bomber usados na decoração de interiores e em exposições de galeria de arte.

Através de uma conversa informal, perguntar aos estudantes quais as sensações que os cartazes pôster-bomber provocaram neles e o que eles entendem em cada imagem exibida. Mencionar a importância dos pôster-bomber em ações sociais e políticas, enfatizando a excelência da arte como ferramenta social.



2º MOMENTO DA OFICINA

Criação dos cartazes - Baseado no folheto de cordel lido por cada estudante, onde toda a turma teve acesso, com a socialização das atividades anteriores, o professor/a precisará deixar claro para a turma que eles devem criar imagens que falem do Cordel e da importância da Literatura de Cordel, para a cultura nordestina, e que os cartazes possam provocar nas pessoas a necessidade de pesquisar e ler cordéis.

Espalhar nas mesas, da sala de aula, revistas, livros, jornais, papéis coloridos, cópias de desenhos dos personagens criados por eles, tesoura, cola branca, papel sulfite tamanho A4 e cópias das estrofes dos cordéis lidos anteriormente. Após as orientações do professor/a, deixar os alunos livres em suas criações, explicar que não existem regras nesse processo, orientando apenas as dúvidas que foram surgindo, com relação à estética, dimensões e texturas. Vale tudo: desenhar, pintar, rasgar, recortar e colar.

*Pôster-Bomber
*Pôster - Lambe-lambe
O pôster artístico que é colado em espaços públicos, usando técnicas diversificadas, reproduzidas em fotos e vídeos.



3º MOMENTO DA OFICINA

Apreciar as criações da turma. Nessa prática artística, os/as estudantes terão a oportunidade de falar através das imagens, até mesmo sem o uso da palavra. Pedir que cada estudante explique sua inspiração e qual mensagem quer passar no cartaz que produziu.



4º MOMENTO DA OFICINA

Fotocópia dos cartazes - Esta atividade pode ser exclusiva do/a professor/a caso não seja possível o acesso da turma à sala onde fica a máquina de fazer as fotocópias. Para cada cartaz produzido, fazer uma média de 5 cópias, usando papéis de cor branca e colorido. As cópias serão impressas todas na cor preto, ficando colorido apenas o papel usado como suporte.

5º MOMENTO DA OFICINA

Colagem dos cartazes - Em função do tempo, essa parte da atividade será feita em outra aula, pois será a colagem dos cartazes produzidos pelos/as estudantes nos arredores da escola. Na rua onde serão colados os cartazes, preparar a cola e colocar em bandejas de isopor - misturar a mesma quantidade de cola branca e água, para fazer uma cola mais aguada, o que facilita a aplicação do cartaz. Primeiro, aplicar na parede a mistura de cola e água usando um rolo de pintura. Na sequência, fixar o cartaz com a ajuda das mãos por cima da cola que foi aplicada na parede. Para auxiliar na fixação, passar o rolo com a mistura de cola por cima do cartaz, fazendo os arremates nas pontas, assegurando a colagem.

Vale destacar que colar lambe-lambe não é crime, mas é preciso ter cuidado onde e como vai colar o cartaz em espaços públicos. Para realizar essa colagem, o/a professor/a deverá pedir autorização aos proprietários dos muros das casas, lojas e empresas. Em locais públicos, pedir autorização à secretaria responsável da prefeitura.



Oficina 5 - Rasgos, recortes e colagens.	Criando personagens com papel rasgado/cortado/colidado
Objetivo Geral	Criar personagens de folhetos de Cordel O Romance do Pavão Misterioso usando a técnica do rasgo e recorte de papel experimentando o processo de colagem de camadas de papel.
Conteúdo	Sobreposição de papel na criação de imagens.
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Sala de aula
Quantidade de aulas	02 aulas
Materiais utilizados	folhas de papel sulfite branco e colorida tamanho A4, folhas de papel colorset, cartolina dupla face colorida, jornais, revistas, cópias de folhetos de cordel, caneta esferográfica, lápis grafite 2B, borracha, tesoura, cola branca,
Técnica empregada	Rasgo/Recorte e colagem de papel

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

Produzir personagens e cenários baseados nos folhetos de Cordel, usando a técnica de rasgar, recortar e colar o papel usando uma cartolina como suporte.

Organizar o material da oficina, em mesas da sala de aula, para facilitar o manuseio desse material pelos/as estudantes. Explicar que a atividade será a criação dos personagens e/ou cenários do folheto lido, usando os papéis coloridos, rasgando e recortando para criar as partes de cada personagem.

0A professor/a deverá fazer uma demonstração da técnica do rasgo para tirar as dúvidas dos alunos. Para o recorte com a tesoura, poderá ser feito o desenho no papel com o lápis grafite para facilitar as partes que seriam recortadas. O passo seguinte será a colagem das partes na cartolina que será o suporte desta arte, montando o personagem escolhido pelo/a estudante.

Explicar aos estudantes que o ideal será fazer o desenho por partes, diferenciando por cores, funciona como um quebra cabeça, onde se rasga as partes do personagem separadamente e depois se encaixa para formá-lo novamente.



2º MOMENTO DA OFICINA



Com a conclusão das colagens, organizar o material nas mesas da sala de aula para que todos possam apreciar a produção dos colegas. 0A professor/a deverá abordar as dificuldades que os/as estudantes poderão ter na execução dessa técnica e o que acharão do produto final. Fazer relações com a técnica da Xilogravura; quais as semelhanças, o uso das cores com relação as obras coloridas de J. Borges.

Oficina 6 - Pintura de mural	Pintando o Cordel na rua.
Objetivo Geral	Produzir um mural coletivo trazendo as referências da xilogravura e refletir sobre a função da arte no espaço público.
Conteúdo	Arte pública, Grafite
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Rua
Quantidade de aulas	04 aulas
Materiais utilizados	lápis grafite, tinta acrílica na cor preto, pinças número 2, 4, 8 e 12, trinchas nos tamanhos de 1, 2 e 3 polegadas, potes reservatório para colocar a tinta (poderá ser usado potes de sorvete e garrafas pet), água para diluir a tinta
Técnica empregada	Pintura inspirada nas Xilogravuras

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

O/A professor/a deverá escolher previamente o local onde será feita a pintura e pedir a autorização ao órgão ou pessoa responsável, para que a pintura seja feita com as devidas autorizações. Se a escola possui um espaço na área externa, o/a professor/a poderá fazer a opção de usar esse espaço e deverá, também, pedir a autorização da gestão da escola. Por se tratar de um espaço aberto, na rua, é importante pensar na questão da exposição ao sol e orientar os/as estudantes que levem no dia da atividade, boné, chapéu, protetor solar e uma garrafa de água potável.

Através de uma conversa informativa, falar sobre o conceito de arte pública, sobre muralismo mexicano e sobre a produção de grafite no Brasil. Comentar sobre a presença de imagens inspiradas na xilogravura em espaços públicos, rompendo as fronteiras do suporte tradicional e usando a rua como suporte. Caso esses conteúdos já tenham sido trabalhados em sala de aula, facilitará a compreensão dos alunos.

Com base em desenhos produzidos anteriormente pelos/as estudantes e com a inspiração nas xilogravuras, o desenho do mural poderá seguir uma temática única a partir de um folheto lido em sala de aula, ou a sua composição poderá apresentar personagens de cordéis variados.

De forma coletiva e sob a orientação do professor, os/as estudantes farão o desenho no muro seguindo as orientações de proporção do espaço e equilíbrio no desenho, criando uma narrativa visual que represente o folheto escolhido ou personagens de histórias diferentes. Lembrando que os personagens devem ter inspiração direta na técnica dos desenhos de xilogravuras. O desenho deve ser feito com lápis grafite, pois isso permite apagar e refazer o desenho quando necessário.



2º Depois de concluir o desenho no muro, os/as estudantes farão os contornos do desenho com a tinta preta para deixar mais visível e para facilitar a pintura. A ideia é fazer uma pintura sem regras, deixando fluir naturalmente as pinceladas do contorno e o preenchimento do desenho.

Com a ajuda de alguns/as estudantes, separar a tinta em porções pequenas, nos potes reservatórios, de modo a fornecer um pote de tinta para cada dupla. Cada estudante receberá um pincel ou trincha para fazer os contornos e a pintura do mural. O professor deverá dar as orientações de como manusear o pincel, qual a quantidade ideal de tinta que deve ser depositada no pincel e a intensidade da força aplicada no pincel durante a pintura. Ainda, deve-se explicar aos estudantes que essa é uma pintura em preto e branco e funciona como uma pintura em negativo.



Essa oficina proporcionará aos estudantes a descoberta de uma nova técnica, usando o muro e o espaço público como suportes. Enquanto produzem a pintura, eles vivenciarão as interferências do espaço: o movimento dos passantes, dos carros e motos que transitam no local, além da interferência sonora do ambiente. Nesse caso, a movimentação do espaço urbano pode interferir na concentração dos alunos e, consequentemente, causar alguma interferência na execução da atividade como, borrões, tinta escorrendo na parede, derramamento de tinta no chão, ou, até mesmo, a pintura de áreas do desenho que não deveriam receber tinta.



3º MOMENTO DA OFICINA

O tempo da pintura é imprevisível, mediante o tamanho do muro e da quantidade de pessoas pintando, podendo resultar na utilização de mais de uma aula.

Após a conclusão da pintura, os/as estudantes deverão apreciar a produção coletiva do mural e contextualizá-la com a arte de rua como um todo. O professor poderá mediar a conversa, falando sobre o processo da pintura: quais as dificuldades, quais os erros, quais os acertos? Perguntar se a pintura produzida por eles poder ser considerada uma arte de rua e se aquela proposta de desenho irá chamar a atenção das pessoas que passam no local. Ainda sobre a produção de arte em espaços públicos, o professor poderá fazer os seguintes questionamentos: Depois de pronto, quem verá o mural? Será que irão gostar? O que pretendemos comunicar com esse mural?

A partir dessas provocações, o professor deverá conduzir os alunos a algumas respostas: Qual seria o entendimento dessas pessoas que frequentam esse lugar e de que forma o mural irá impactar a vida dessas pessoas que frequentam esse espaço público?

Sobre o tempo de permanência da obra no local, ainda deverá ser explicada a efemeridade da arte de rua e lembrar que o mural produzido por eles, se configura como uma intervenção provisória, podendo ser desgastada também pelas intempéries da natureza.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Oficina 7 - Criação de um texto em Cordel	Criação coletiva de poema em sextilha
Objetivo Geral	Promover a criação de texto poético em Sextilha, de forma coletiva, colaborando com a escrita criativa e o registro do cotidiano.
Conteúdo	Literatura de Cordel
Habilidades da BNCC	(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Espaço Físico	Sala de aula.
Quantidade de aulas	04 aulas
Materiais utilizados	quadro branco canetas para quadro branco caderno canetas
Técnica empregada	Criação de texto em sextilhas

1º MOMENTO DA OFICINA

Com base nas leituras de folhetos feitas nas oficinas anteriores, os/as estudantes, nessa altura, já possuem uma relação com a literatura de cordel, através do acesso à poesia de cordelistas diferentes, que narram histórias tão próximas de suas vivências e com personagens tão presentes em seus cotidianos. Esse contato com os folhetos de cordel contribui com o reconhecimento da identidade cultural de sua comunidade e os ajuda a reconhecerem-se como parte pertencente às diversas culturas que os cercam.

A proposta dessa oficina é escrever uma poesia popular com base na carga de informações acumuladas pela vivência de cada estudante e que estas sejam frutos também das leituras dos cordéis disponibilizados pelo professor/a. Como se trata de uma atividade em grupo, uma boa estratégia será dividir a sala em grupos, para que sejam criadas histórias diferentes.

O professor/a deverá reforçar informações sobre o estilo literário, sobre as rimas, sobre a métrica, enquanto fará essas anotações no quadro branco. A proposta é escrever um cordel em Sextilha onde cada estrofe é formada de seis versos e as rimas acontecem no segundo, quarto e sexto verso. Nesse caso específico, a turma irá criar o poema seguindo a regra - ABCBDB. Em regras gerais, na sextilha, as frases possuem 7 sílabas. O professor/a explicará essa regra e deve escrevê-la no quadro branco.

Sextilha
 ↳ estrofe que possui
 ↳ seis versos!
 ↳ cada verso com sete
 ↳ sílabas poéticas.
 ↳ os versos 2, 4 e 6 - rimam
 entre si.
 X A X A X A
 Rimas

Na sequência, junto aos estudantes, a mediação docente irá criar uma relação de possíveis temas regionais a serem abordados, com personagens do cotidiano deles e de figuras do folclore nordestino e local. Assim, fazer essas anotações no quadro branco e pedir que os/as estudantes copiem em seus cadernos, facilitará a apreensão desses aspectos.



2º MOMENTO DA OFICINA

Com a ideia do tema definido por cada grupo, pedir que eles comecem a produção coletiva do cordel criando as frases e as possíveis rimas, pois os/as estudantes já entendem, nessa altura, a necessidade da rima no final das frases. Deixar que a criação dos textos dos grupos vá fluindo naturalmente e que a interferência do professor/a seja apenas para tirar dúvidas e ajudar a encontrar palavras que combinem nas rimas. Para auxiliar nesse processo de encontrar palavras que rimem no final das frases, poderá ser usado um dicionário físico da biblioteca da escola ou auxílio de aplicativo com dicionário on-line no celular.

Essa criação coletiva de textos oportuniza os/as estudantes a terem uma escrita colaborativa, dinâmica e divertida, usando uma temática próxima do cotidiano deles.

Será preciso usar duas ou mais aulas de Arte, pois a criação do texto pode se estender mediante o enredo da história escrita.

3º MOMENTO DA OFICINA

Após a conclusão dos poemas, será feita a leitura de forma oral e em sala de aula, reproduzindo a prática literária da oralidade dos folhetos de cordel. É importante organizar as cadeiras da sala em formato circular para esse momento de contemplação e apreciação dos poemas. O professor/a deverá, junto aos estudantes, fazer uma análise dos textos após cada leitura para, assim, perceber as impressões sobre cada poema. Essa interpretação coletiva ajudará no entendimento de cada produção escrita, além de promover a socialização dos cordéis escritos pelos grupos.

Se for possível, fazer a reprodução dos textos na escola, para que cada estudante fique com uma cópia, o professor/a poderá fazer essa confecção de forma artesanal; digitar os textos na formatação de um folheto de cordel, fazer fotocópias dos textos e produzir os livretos com a colaboração dos/as estudantes ou fazer os cordéis impressos no estilo Fanzine.

Oficina 8 - Confecção de escultura	Confecção de um pavão de papel.
Objetivo Geral	Confecção de um objeto tridimensional usando balão de látex e papel.
Conteúdo	Escultura
Habilidades da BNCC	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).
Espaço Físico	Sala de aula.
Quantidade de aulas	04 aulas
Materiais utilizados	balão de látex para decoração jornal papel de embrulho ou qualquer tipo de papel de gramatura abaixo de 50 g/m caixa de papelão cola artesanal (amido de milho e água) tinta guache ou acrílica pincéis fita crepe data show
Técnica empregada	Papietagem (sobreposição de papel)



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º MOMENTO DA OFICINA

Iniciar a oficina com a exibição de slides com a obra do artista paraibano Babá Santana, que mora em João Pessoa e produz escultura com jornal. Seu trabalho é bastante conhecido e já foi exposto em algumas capitais do país.

Através de uma conversa informal, abordar sobre a tridimensionalidade nas artes - altura, largura e comprimento - e ressaltar que a escultura tem essas características, envolvendo produções com volume e relevo. Falar que a tridimensionalidade acompanha toda a história da arte, com esculturas construídas de materiais diversos, ao longo das civilizações, ilustrando a exposição com a imagem da "Vênus de Willendorf". E sobre os dias atuais, falar que a arte contemporânea traz uma diversidade de obras que fogem do bidimensional e se colocam no espaço, materializando-se com três dimensões.

Sobre a obra do artista Babá Santana, explicar o material usado (jornal e cola) e a técnica empregada (papietagem - sobreposição de papel).

Arte Tridimensional

- obras que possuem três dimensões (altura/largura e comprimento)
- A escultura é um exemplo, possui relevo e volume.

1º MOMENTO DA OFICINA

Apresentar aos estudantes o material necessário para a produção da escultura e explicar a técnica de papietagem, muito recorrente no artesanato e que será usada na produção da escultura. Cada estudante, de forma individual ou em dupla, irá escolher um animal presente em uma das histórias dos folhetos de cordel lidos em sala de aula. A partir das fotografias utilizadas como exemplo dessa atividade, ressaltar que foi produzido um pavão baseado no folheto "O romance do pavão misterioso". Portanto, as explicações seguintes se baseiam na produção de um pavão. O/A professor/a poderá adaptar as instruções de produção da escultura para o animal escolhido pelo aluno, ou, até mesmo, um personagem humano.

A base do corpo, com base nas exemplificações, é feita com uma bexiga de látex cheia, na medida suficiente, para que fique proporcional com as asas e a cauda do pavão. Para as asas e cauda, o professor/a fará molde com papelão e disponibilizará para a turma. Essas partes do pavão serão revestidas com papel. Para o pescoço e cabeça, é feito um canudo de papel retorcido e depois revestido com papel. Para unir as partes do corpo, na base do pavão, será utilizado fita crepe, para auxiliar no processo de colagem e só depois deverá ser coberta a fita crepe, com papel para fazer o acabamento.



1	Encher o balão com medidas proporcionais ao corpo do pavão, usando o olho como instrumento para essa medida. É importante prender bem o balão para que o ar não escape e deixe o balão murchar. Pode ser dado um nó fechando a boca do balão.
2	Papietagem: cobrir o balão com papel usando uma cola produzida na escola (material da cola: amido de milho e água. Cozinhar até dar o ponto de mingau. Deixar a cola esfriar). Essa cola é muito usada na produção artesanal.
3	Produzir as asas e a cauda do pavão. Com o molde fornecido pelo/a professor/a, os estudantes passarão o molde para um papelão e depois recortam as asas e a cauda. A asa e a cauda passarão pelo mesmo processo de papietagem.
4	Confeção do pescoço e cabeça do pavão. Juntar o papel, torcendo com as mãos para formar um cone. Usar fita crepe para ajudar a dar forma.
5	Fixar as asas, cauda e pescoço na base do balão. Para agilizar essa etapa, poderá ser usado a cola de silicone quente e a fita crepe para ajudar a fixar as partes. Depois de bem preso, cobrir a fita crepe com papel.

O ideal é usar pouca cola durante todo o processo para acelerar a secagem. Evitar a exposição de cola durante a montagem da peça. Ao pronto da escultura não color facilmente se o balão estiver seco.

3º MOMENTO DA OFICINA

Para a pintura da escultura, duas aulas não serão suficientes. Na execução dessa produção de escultura, será necessário que o professor/a desenvolva a etapa da pintura em outra aula, inclusive, esse intervalo ajudará na secagem da escultura.

A pintura será feita com as mesmas duplas formadas na aula anterior. Para a pintura não deverão existir regras, trata-se de uma escultura de arte atual, portanto, o professor/a deverá permitir que nas duplas a pintura aconteça de forma fluida e com uso da criatividade na coloração de suas esculturas. Será usado tinta guache para pintar a escultura.



Após a pintura, organizar as esculturas em cima das mesas para que todos possam contemplar a produção dos colegas, fazendo as comparações acerca das técnicas usadas, as formas criadas por cada dupla e as cores escolhidas. Através de uma conversa informal, o professor/a poderá abordar sobre qual o espaço que uma escultura como as que foram produzidas por eles pode ocupar: uma galeria de arte, uma feira de artesanato, um evento na escola, ou a sala de uma casa? Conversar também sobre a importância da tridimensionalidade nas artes e quais as sensações que uma escultura pode trazer para quem a observa é um dos recursos imprescindíveis.

Lista de Materiais para as Oficinas

Papéis	Papel sulfite A4, Papel Colorset, Cartolina comum, Cartolina dupla face, papel de embrulho
Lápis	Grafite B, 2B
Canetas	Hidrográfica, Esferográfica,
Borracha	Borracha macia
Cola	Cola branca, Cola de silicone quente, Cola artesanal
Tesoura	Tesoura escolar
Tintas	Guache escolar (Cores diversas), Acrilica (Preto)
Pincéis	Pincel fino tipo escolar n ^o 2, 4, 8, 12, Trincha, Rolinhos para pintura
Tecnológico	Data show
Alternativo	Bandejas de isopor, Jornais, Revistas, Caixa de papelão, Balão de látex, Fita crepe

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira. (Orgs.). *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, Ministério da Educação, 2018.
- HAURÉLIO, Marco. *Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula*. São Paulo: Paulos, 2013.
- MARINHO, Ana Cristina. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012. (coleção trabalhando com ... na escola)
- PEREIRA, Kátia Helena. *Como usar as Artes Visuais na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- PINHEIRO, Hélder. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PROF-ARTES UFFB

Coordenação

Márcia Strazzacappa

Pesquisa e texto

Geóstenys Melo

Execução das oficinas

Geóstenys Melo

Revisão de texto

Jackson Cícero

Programação visual

Marcelo F. Lima

Fotografia

Geóstenys Melo

Fontes utilizadas

Xilosa, JMH Typewriter (Black e Regular)

